

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
EM LINGUÍSTICA

**MELINA DE FIGUEIREDO LEITE**

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE VITÓRIA**

VITÓRIA

2016

MELINA DE FIGUEIREDO LEITE

## **AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE VITÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação *stricto sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Doutor Alessandro Rodrigues Meireles

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Lilian Coutinho Yacovenco

Vitória

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

L533v Leite, Melina de Figueiredo, 1984-  
As vogais médias pretônicas na fala de Vitória / Melina de  
Figueiredo Leite. – 2014.  
141 f. : il.

Orientador: Alexsandro Rodrigues Meireles.  
Coorientador: Lilian Coutinho Yacovenco.  
Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) –  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências  
Humanas e Naturais.

1. Sociolinguística. 2. Linguística. 3. Língua portuguesa -  
Português falado - Vitória (ES). 4. Fonética acústica. 5. Língua  
portuguesa - Português falado – Vogais. I. Meireles, Alexsandro  
Rodrigues. II. Yacovenco, Lilian Coutinho. III. Universidade  
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e  
Naturais. IV. Título.

CDU: 80

---

Melina de Figueiredo Leite

**As vogais médias pretônicas na fala de Vitória**

Orientador: Prof. Dr. Alexsandro Meireles

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilian Coutinho Yacovenco

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Comissão Examinadora:

---

Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues Meireles (UFES)  
Orientador, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)  
Co-orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Brescancini  
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leila Maria Tesch (UFES)  
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

Aos meus pais, minha irmã e meu marido,  
pelo apoio incondicional.

## **Agradecimentos**

Ao professor Alexsandro, pela orientação e apoio no desenvolvimento do trabalho.

À professora Lilian, pela orientação atenciosa, pela força, pelos ensinamentos e pela amizade.

Ao Daniel, pela paciência, pelo apoio e pela presença em todos os momentos dessa jornada.

À minha mãe Cida, pelo amor incondicional.

A meu pai Edson, pela força e incentivo.

À minha irmã Aline, pelo apoio e amizade.

À minha avó Terezinha, pelo carinho.

Aos colegas de mestrado em linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, especialmente Cristiana e Camila, pelas conversas, amizade e apoio.

Aos amigos, por estarem sempre presentes em todos os momentos da minha vida.

Às professoras Marta Scherre e Leila Maria Tesch, pelas preciosas sugestões.

À professora Maria da Penha Lins, por sempre estar disposta a ajudar no que fosse preciso.

A todos os professores do mestrado, pelos ensinamentos.

À Capes, pelo apoio financeiro.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito.

Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

(Marthin Luther King)

## RESUMO

Na variedade capixaba, assim como no português brasileiro (doravante PB), as vogais médias pretônicas podem ter três realizações: média-fechada, média-aberta e alta. Analisamos a influência de variáveis linguísticas e sociais na variação das médias pretônicas, num *corpus* composto por 20 das 46 entrevistas que constituem a amostra PortVix (Português falado na cidade de Vitória). No PortVix, os falantes foram estratificados por gênero/sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Além dos fatores sociais, também observamos a atuação de variáveis linguísticas, como a nasalidade da pretônica, o tipo de tônica, a distância entre a pretônica e a tônica, a estrutura silábica em que se encontra a pretônica, o ponto e o modo de articulação das consoantes precedentes e seguintes e, também, a pretônica seguinte à vogal analisada e a atonicidade (permanente ou casual) da pretônica em seu paradigma morfológico. Nascentes (1953), ao propor uma divisão dialetal baseada na realização das médias pretônicas, não considera a existência de médias-abertas na variedade capixaba. Entretanto, em nossa pesquisa, encontramos um percentual de 18,3 % dessas vogais na variedade capixaba. A partir da constatação mencionada, consideramos que Vitória está possivelmente na zona de transição entre os falares norte e sul propostos por Nascentes. Verificamos, também, que o fator mais relevante tanto para o alçamento quanto para o abaixamento das médias pretônicas foi o tipo de tônica. Além disso, fizemos uma breve análise acústica das vogais médias pretônicas na fala de Vitória. Por fim, observamos, a partir da análise sociolinguística e acústica, que a harmonização é mais conclusiva para o abaixamento do que para o alçamento.

Palavras-chave: vogais médias; sociolinguística variacionista; análise acústica.

## ABSTRACT

In capixaba variety, as well as in Brazilian Portuguese (BP), prestressed vowels can be produced in three ways: mid-high, mid-low and high. We analyze the influence of linguistic and social variables on the variation of the mid prestressed vowel, in a corpus composed of 20 of the 46 interviews that constitute PortVix sample (Portuguese spoken in the city of Vitoria). In PortVix, speakers were stratified by gender / sex, age and educational level. In addition to social factors, we also observed the performance of linguistic variables, such as nasality, the kind of tonic, the distance between the tonic and mid prestressed vowel, the syllabic structure, the point and manner of articulation of consonants preceding and following the vowel after mid prestressed vowel and atonicity. We verified with this study that there are high rates of mid-low vowels, which was not considered by Nascentes (1953), which proposes a dialectal division of Brazil based on the realization of mid prestressed. Based on the observation mentioned, consider that Vitoria is possibly in the transition zone between the northern and southern dialects proposed by Nascentes. We also verified that the most relevant factor for both the raising and the lowering of the mid prestressed was the kind of tonic. Also, we did a short acoustic analysis of mid prestressed in Vitoria speech. Finally, we observe from the sociolinguistic and acoustic analysis, harmonization is more conclusive for lowering than for raising.

Key-words: mid vowels; sociolinguistic; acoustic analysis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Espírito Santo.....	22
Figura 2 : Ilha de Vitória .....	23
Figura 3 : Divisão dialetal proposta por Nascentes (1953) .....	33
Figura 4 : Estratificação do (r) por loja (LABOV, 2008[1972]) .....	47

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das vogais médias pretônicas na fala de Vitória.....	57
Gráfico 2: Comportamento das médias pretônicas nas variedades no Sudeste, Centro – Oeste e Nordeste .....	59
Gráfico 3: Distribuição das pretônicas anteriores em Vitória .....	60
Gráfico 4: Distribuição das pretônicas posteriores em Vitória.....	61
Gráfico 5: Distribuição das pretônicas anteriores (Vitória, zona urbana do Espírito Santo e Nova Venécia –ES).....	62
Gráfico 6: Distribuição das pretônicas posteriores (Vitória, zona urbana do Espírito Santo e Nova Venécia –ES).....	62
Gráfico 7: Atuação das consoantes no alçamento de /e/ .....	87
Gráfico 8: Atuação das consoantes no alçamento de /o/ .....	88
Gráfico 9: Alçamento - Escolaridade X peso relativo na variedade de Vitória – ES ....	94
Gráfico 10: Alçamento - Escolaridade X peso relatido na variedade de Formosa GO...	95
Gráfico 11: Peso relativo X faixa etária - Alçamento de [e] em Vitória.....	96
Gráfico 12: Peso relativo X faixa etária - Alçamento de [e] em Nova Venécia.....	97
Gráfico 13: Atuação das consoantes no abaixamento do /e/ .....	100
Gráfico 14: Atuação das consoantes no abaixamento do /o/.....	101
Gráfico 15: Atuação da escolaridade no abaixamento do /e/ (Vitória –ES).....	105
Gráfico 16: Atuação da escolaridade no abaixamento do /e/ (Formosa -GO).....	105
Gráfico 17: Média (F1 x F2) das vogais médias pretônicas .....	109
Gráfico 18: Entrevista 5 .....	110
Gráfico 19: Entrevista 9.....	111
Gráfico 20: Entrevista 11 .....	113
Gráfico 21: Entrevista 13 .....	114
Gráfico 22: Entrevista 15 .....	115
Gráfico 23: Entrevista 18 .....	117
Gráfico 24: Entrevista 19 .....	118
Gráfico 25: Entrevista 21 .....	119
Gráfico 26: Entrevista 24 .....	121
Gráfico 27: Entrevista 29 .....	122
Gráfico 28: Entrevista 31 .....	123

Gráfico 29: Entrevista 33 .....	125
Gráfico 30: Entrevista 35.....	126
Gráfico 31: Entrevista 37.....	127
Gráfico 32: Entrevista 39.....	129
Gráfico 33: Entrevista 41.....	130
Gráfico 34: Entrevista 43.....	131
Gráfico 35: Entrevista 46.....	132
Gráfico 36: Comportamento das médias pretônicas na fala de Vitória (média dos formantes) .....	134
Gráfico 37: Vogais tônicas na fala de Vitória .....	136

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resumo comparativo do latim clássico e imperial .....	26
Quadro 2: Resumo comparativo do latim clássico e imperial .....	27
Quadro 3: Sistema vocálico tônico do português brasileiro (Câmara Jr) .....	30
Quadro 4: Sistema vocálico átono do português brasileiro (Câmara Jr) .....	30
Quadro 5: Grupo de Fatores selecionados em formosa .....	40
Quadro 6: Distribuição geral das células sociais .....	49
Quadro 7: Distribuição das células sociais utilizadas na análise das médias pretônicas .....	49
Quadro 8: As vogais orais pretônicas do português brasileiro .....	51
Quadro 9: Distribuição das células sociais utilizadas na análise das médias pretônicas .....	56
Quadro 10: Quadro comparativo entre as variedades estudadas .....	58
Quadro 11: Variáveis selecionadas para o alçamento e abaixamento das médias pretônicas .....	64
Quadro 12: Exemplos de assimilação do traço da vogal tônica alta – alçamento do /e/ .....	85
Quadro 13: Exemplos de assimilação do traço da vogal tônica alta – alçamento do /o/ .....	86
Quadro 14: Quadro comparativo das variedades – consoante adjacente à média pretônica .....	89
Quadro 15: Alçamento do /o/ - vogal tônica baixa ou média baixa .....	90
Quadro 16: Vogais nasais pretônicas .....	93
Quadro 17: Manutenção do [o] na sílaba travada .....	94
Quadro 18: Harmonização vocálica (abaixamento) .....	99
Quadro 19: Comparação da atuação das consoantes sobre o abaixamento .....	102
Quadro 20: Vocábulos com a sílaba fechada .....	104

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Efeito do fator tônica sobre o alçamento da pretônicas /e/ e /o/.....	66
Tabela 2 – Efeito do ponto de articulação da consoante precedente sobre o alçamento de /e/ e /o/ .....	68
Tabela 3 – Efeito do ponto de articulação da consoante seguinte sobre o alçamento de /e/ e /o/ .....	69
Tabela 4 – Efeito do modo de articulação da consoante precedente sobre o alçamento de /e/ e /o/ .....	70
Tabela 5 – Efeito do modo de articulação da consoante seguinte sobre as pretônicas /e/ e /o/ .....	71
Tabela 6 - Efeito da estrutura da sílaba sobre o alçamento das pretônicas /e/ e /o/.....	72
Tabela 7 – Efeito da pretônica seguinte sobre a média pretônica /e/ .....	72
Tabela 8– Efeito da atonicidade sobre a média pretônica /e/ .....	73
Tabela 9 - Efeito da nasalidade a média pretônica /o/.....	74
Tabela 10 – - Efeito da nasalidade sobre a média pretônica /o/ em Nova Venécia –ES .....	74
Tabela 11 - Efeito da escolaridade sobre as pretônicas /e/ e /o/ .....	74
Tabela 12 – Efeito da faixa etária sobre o alçamento da média pretônica /e/ .....	75
Tabela 13- Efeito da tônica sobre o abaixamento das pretônicas /e/ e /o/.....	76
Tabela 14 – Efeito do ponto de articulação da consoante precedente sobre o abaixamento das pretônicas /e/ e /o/ .....	77
Tabela 15 – Efeito do ponto de articulação da consoante seguinte sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.....	78
Tabela 16 - Efeito do modo de articulação da consoante precedente sobre o abaixamento das médias pretônicas /e/ e /o/ .....	79
Tabela 17 - Efeito do modo de articulação da consoante seguinte sobre o abaixamento das médias pretônicas /e/ e /o/ .....	80

Tabela 18 - Efeito da pretônica seguinte sobre o abaixamento das médias pretônicas /e/ e /o/ .....	81
Tabela 19 - Efeito da estrutura da sílaba sobre o abaixamento da média pretônica /o/ .....	82
Tabela 20 - Efeito da escolaridade sobre o abaixamento da média pretônica /e/ .....	83
Tabela 21 - Cruzamento da faixa etária com a escolaridade – Alçamento de /e/ em Vitória .....	97
Tabela 22 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 5) .....	110
Tabela 23 - Dados acústicos das vogais pretônicas (entrevista 9).....	111
Tabela 24 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 11) .....	112
Tabela 25 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 13) .....	114
Tabela 26 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 15) .....	115
Tabela 27 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 18) .....	116
Tabela 28 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 19) .....	118
Tabela 29- Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 21) .....	119
Tabela 30- Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 24) .....	120
Tabela 31 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 29) .....	122
Tabela 32 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 31) .....	123
Tabela 33 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 33) .....	124
Tabela 34 – Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 35).....	126
Tabela 35 – Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 37).....	127
Tabela 36 – Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 39).....	128
Tabela 37 – Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 41).....	130
Tabela 38 – Dados acústicos das vogais pretônicas (entrevista 43).....	131
Tabela 39 – Dados acústicos das vogais pretônicas (entrevista 46).....	132

Tabela 40 – Média dos dados acústicos das vogais médias pretônicas	
(F1, F2, B1 e B2).....	133
Tabela 41 – Frequências acústicas das pretônicas e tônicas em Vitória .....	135

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO I - VITÓRIA: LOCALIZAÇÃO E UM POUCO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO II - VOCALISMO: EVOLUÇÃO .....</b>	<b>26</b>
2.1 PORTUGUÊS – EUROPEU E BRASILEIRO .....	28
<b>CAPÍTULO III - REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>31</b>
3.1 DIVISÃO DIALETAL (NASCENTES, 1953) .....	32
3.2 HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA: UMA REGRA VARIÁVEL (BISOL, 1981).....	33
3.3 O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS: UMA ABORDAGEM SOLINGUÍSTICA (VIEGAS, 1987) E O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS E OS ITENS LEXICAIS (VIEGAS, 2001).....	34
3.4 AS PRETÔNICAS NA FALA CULTA DE SALVADOR (SILVA, 1989,1992) ....	35
3.5 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR CULTO CARIOCA (YACOVENCO, 1993) .....	37
3.6 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA CULTA DE NOVA VENÉCIA – ES (FONTIS, 2004).....	38
3.7 A FALA DE FORMOSA-GO (GRAEBIN, 2008).....	39
3.8 AS VOGAIS PRETÔNICAS NO FALAR TERESINENSE (SILVA, 2009) .....	41
3.9 O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO ESPÍRITO SANTO (VIEIRA, 2010) .....	42
<b>CAPÍTULO IV - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS .....</b>	<b>44</b>
4.1 PRINCÍPIOS GERAIS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	44
4.2 A AMOSTRA PORTVIX .....	48
4.3 CODIFICAÇÃO E PROCESSAMENTO DOS DADOS .....	49
4.4 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS .....	50
4.4.1 Caracterização da variável dependente .....	51
4.4.2 Variáveis linguísticas .....	52
4.4.3 Variáveis sociais.....	56

<b>CAPÍTULO V - RESULTADOS.....</b>	<b>57</b>
5.1 RESULTADO GERAL: ANTERIORES E POSTERIORES .....	60
5.2 FATORES ATUANTES NO ALÇAMENTO E ABAIXAMENTO .....	63
5.3 FATORES ATUANTES NO ALÇAMENTO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS .....	65
5.3.1 Tipo de tônica.....	65
5.3.2 Ponto de articulação da consoante precedente .....	67
5.3.3 Ponto de articulação da consoante seguinte .....	68
5.3.4 Modo de articulação da consoante precedente.....	69
5.3.5 Modo de articulação da consoante seguinte.....	70
5.3.6 Estrutura da sílaba .....	71
5.3.7 Pretônica seguinte .....	72
5.3.8 Atonicidade .....	73
5.3.9 Nasalidade .....	73
5.3.10 Escolaridade .....	74
5.3.11 Faixa etária.....	75
5.4 ABAIXAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS.....	75
5.4.1 Tipo de Tônica .....	75
5.4.2 Ponto de articulação da consoante precedente .....	77
5.4.3 Ponto de articulação da consoante seguinte .....	78
5.4.4 Modo de articulação da consoante precedente.....	79
5.4.5 Modo de articulação da consoante seguinte.....	80
5.4.6 Pretônica seguinte .....	81
5.4.7 Estrutura da sílaba .....	82
5.4.8 Escolaridade .....	82

<b>CAPÍTULO VI - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>84</b>
6.1 ALÇAMENTO .....	84
6.1.1 Tipo de tônica.....	84
6.1.2 Consoantes adjacentes.....	87
6.1.3 Estrutura da sílaba .....	91
6.1.4 Pretônica seguinte .....	92
6.1.5 Atonicidade .....	92
6.1.6 Nasalidade .....	93
6.1.7 Escolaridade .....	94
6.1.8 Faixa etária.....	95
6.1.9 Cruzamento da faixa etária com a escolaridade – Alçamento de /e/ em Vitória. .....	97
6.2 ABAIXAMENTO .....	98
6.2.1 Tipo de tônica.....	98
6.2.2 Consoantes adjacentes.....	100
6.2.3 Pretônica seguinte .....	103
6.2.4 Estrutura da sílaba .....	103
6.2.5. Escolaridade .....	104
6.3 CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DAS PRETÔNICAS .....	106
 <b>CAPÍTULO VII - ANÁLISE ACÚSTICA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS .....</b>	 <b>108</b>
7.1 ENTREVISTA 5.....	110
7.2 ENTREVISTA 9.....	111
7.3 ENTREVISTA 11 .....	112
7.4 ENTREVISTA 13.....	113

7.5 ENTREVISTA 15 .....	115
7.6 ENTREVISTA 18 .....	116
7.7 ENTREVISTA 19 .....	117
7.8 ENTREVISTA 21 .....	119
7.9 ENTREVISTA 24 .....	120
7.10 ENTREVISTA 29 .....	121
7.11 ENTREVISTA 31 .....	123
7.12 ENTREVISTA 33 .....	124
7.13 ENTREVISTA 35 .....	125
7.14 ENTREVISTA 37 .....	127
7.15 ENTREVISTA 39 .....	128
7.16 ENTREVISTA 41 .....	129
7.17 ENTREVISTA 43 .....	131
7.18 ENTREVISTA 46 .....	132
7.19 MÉDIA DOS DADOS ACÚSTICOS DO COMPORTAMENTO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS EM VITÓRIA .....	133
7.20 RELAÇÃO DA PRETÔNICA COM A TÔNICA – HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA .....	135
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa as vogais médias pretônicas na fala de Vitória. Para análise dos dados, utilizamos a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, de W. Labov (2008 [1972]), teoria essa que considera a possibilidade de a língua sofrer variação e mudança, sendo influenciada por fatores linguísticos e sociais.

A variação das vogais médias pretônicas é um fato linguístico importante de ser estudado, uma vez que permite o reconhecimento das diversas áreas dialetais do português brasileiro. Além disso, com o presente trabalho, podemos contribuir para a descrição da variedade linguística capixaba, ainda pouco estudada.

No Brasil, uma das propostas sobre a diversidade linguística e as diversas áreas dialetais do país é a de Antenor Nascentes. Com a publicação de *O linguajar carioca* (1953), o autor, com base em impressões perceptivas sobre a realização das vogais médias pretônicas, propõe uma divisão dialetal em que o Brasil é repartido em duas grandes áreas: o Norte e o Sul. Segundo Nascentes,

“De um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão: norte e sul; norte, até a Baía e sul, daí para baixo. No sul não há vogais pretônicas abertas antes do acento (salvo determinados casos de derivação) e a cadência é diferente da do norte.” (Nascentes, 1953, p. 19-20)

De acordo com essa proposta, Nascentes divide o falar do Sul em seis subfalares, incluindo no falar fluminense o Espírito Santo, juntamente com o Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais (NASCENTES, 1953, p. 26).

Vieira (2010), em seu trabalho de cunho dialetológico, analisa as médias pretônicas na variedade do Espírito Santo baseando-se nos dados do Atlas Linguístico do Espírito Santo - ALES e no Atlas Linguístico do Brasil – ALIB. Em seu estudo, a autora encontrou muitos casos de vogais altas e médias-fechadas, sendo os casos de abaixamento quase nulos. Assim, em relação ao abaixamento, Vieira (2010) acredita que no Espírito Santo a divisão de Nascentes seja confirmada.

No presente trabalho comparamos nossos resultados sobre as médias pretônicas em Vitória com os estudos de Nascentes (1953), Bisol (1981), Viegas (1987, 2001), Silva (1989), Yacovenco (1993), Fontis (2004), Graebin (2008) e Silva (2009).

Além disso, analisamos a influência de variáveis linguísticas e sociais na variação das médias pretônicas. Utilizamos, então, 20 das 46 entrevistas que compõem a amostra PortVix (Português falado na cidade de Vitória). Nessa amostra, os falantes foram estratificados por gênero/sexo, faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos, acima de 49 anos) e grau de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Universitário). Além dos fatores sociais, buscamos observar a influência de fatores linguísticos sobre a realização das médias pretônicas. Analisamos, então, a nasalidade da pretônica, o tipo de tônica, a distância entre a pretônica e a tônica, a estrutura da sílaba, o ponto e o modo de articulação das consoantes precedente e seguinte, a atonicidade (permanente ou casual) da pretônica no paradigma morfológico e, também, a pretônica seguinte à vogal analisada.

Os resultados mostram que a vogal pretônica média-fechada é a mais frequente na variedade de Vitória. Porém, encontramos valores consideráveis de médias-abertas (18,3%) e de altas (16,3%)<sup>1</sup>. A média-aberta pretônica é um fato que não foi cogitado por Nascentes para região de Vitória.

É importante destacar que a tônica foi a variável mais importante tanto para o alçamento quanto para o abaixamento. Assim, focamos na hipótese de harmonização vocálica para os dois processos fonológicos.

Por fim, fizemos uma breve análise acústica das vogais médias pretônicas na fala de Vitória. Com o objetivo de analisar a hipótese de harmonização vocálica, comparamos nossos resultados com o estudo realizado por Miranda (2012), que trata das vogais tônicas na fala de Vitória.

---

<sup>1</sup> Fontis (2004) também encontra um número considerável de médias-abertas (18,9%). Com isso, ela propõe que o dialeto capixaba seja intermediário entre os falares norte e sul, baseando sua proposta nos dados obtidos na fala de Nova Venécia, localizada no noroeste capixaba.

## CAPÍTULO I - VITÓRIA: LOCALIZAÇÃO E UM POUCO DE HISTÓRIA

O Espírito Santo, cuja capital é Vitória, está localizado na região Sudeste do Brasil. Conforme o mapa 1, o estado tem como limites o oceano Atlântico, a Bahia, Minas Gerais e o estado do Rio de Janeiro.

**Figura 1 – Mapa do Espírito Santo**



Fonte: [http://www.vaprapesca.com.br/Brasil/Espirito%20Santo/espírito\\_santo.htm](http://www.vaprapesca.com.br/Brasil/Espirito%20Santo/espírito_santo.htm)

Juntamente com Vitória, as cidades de Cariacica, Vila Velha, Serra, Guarapari, Viana e Fundão fazem parte da Região Metropolitana da Grande Vitória.

Como podemos observar na figura 2, Vitória é uma ilha cercada pela Baía de Vitória. Além da ilha principal (Vitória), fazem parte do município outras 34 ilhas e uma porção continental.

**Figura 2 – Ilha de Vitória**



Fonte: <http://www.scielo.br/img/revistas/rbg/v27n4/a06fig01.jpg>

Em relação à história do Estado, Oliveira (2008) comenta que a colonização do Espírito Santo iniciou-se em 1534, logo após o Brasil ter sido descoberto. D. João III, rei de Portugal na época, dividiu as terras do Brasil em capitanias hereditárias, sendo destinada ao fidalgo Vasco Fernandes Coutinho a região que hoje é o Espírito Santo.

A ocupação da região não foi fácil, a recepção dos índios foi hostil, como comenta Oliveira (2008),

A atitude hostil dos habitantes da terra aconselhava a construção imediata de obras de defesa. Foi, naturalmente, o que se fez, rezam as crônicas. Fortificações contra as acometidas da terra, das florestas vizinhas, levantadas com o material mais acessível e que propiciava, também, construção mais rápida – a madeira. Seria uma paliçada contornando a faixa de praia, onde levantaram-se os primeiros casebres da exígua população. (p.38)

Esse autor também comenta que, devido aos constantes ataques de índios, holandeses e franceses, à região que hoje é Vila Velha, os portugueses buscaram um local mais seguro para se estabelecerem.

Inspirado pela preocupação de tornar menos precária a segurança dos seus governados, Vasco Coutinho transferiu a sede da capitania para a ilha de Santo Antônio, onde a defesa era mais fácil, protegida que estava pelas águas circundantes. (Oliveira, 2008, p.65)

Segundo Oliveira (2008), uma ilha montanhosa foi identificada (atual cidade de Vitória), onde fundaram uma nova localidade denominada Vila Nova do Espírito Santo. Em oito de setembro de 1551, os portugueses venceram uma árdua batalha contra os índios. Para comemorar a vitória, o nome da vila foi mudado para "Vila da Vitória" e essa data passou a ser considerada como a de fundação da cidade.

Para evitar ataques de inimigos, as construções na Vila da Vitória se concentravam na parte alta da cidade, sobretudo as oficiais e as religiosas. Com objetivo de proteger a cidade, foram construídos vários fortes à beira mar.

No mesmo ano da criação da Vila Vitória (1551), os jesuítas chegaram ao estado. Com isso, ocorreu uma sensível mudança na conduta dos cristãos e também uma certa moderação nas atitudes contra os nativos. Segundo Oliveira (2008), o Espírito Santo foi uma das poucas capitanias brasileiras em que os jesuítas sempre tiveram uma relação pacífica com os habitantes.

Oliveira comenta que a difícil ocupação do Espírito Santo, devido à presença de tribos hostis, manteve essa capitania por muito tempo essencialmente litorânea. Somente em meados do século XIX, com a expansão da lavoura cafeeira, essa situação modificou-se, e o sul do estado começou a ser ocupado. A ocupação do extremo norte ocorreu no início do século XX, graças às primeiras plantações de cacau estabelecidas por fazendeiros baianos.

Até meados do século XX, o Espírito Santo era um estado essencialmente agrícola, com economia vinculada à monocultura do café e portanto, com a maior parte da população vivendo no meio rural. Segundo Oliveira (2008), Vitória, nessa época, ainda não estava urbanizada.

A capital do Estado, que se encontrava a bons passos de distância da brutal transformação urbana por que passaria nas décadas seguintes, começava a consolidar o seu perfil de cidade portuária graças à exportação de café, madeira e minério de ferro. No seu modo de vida, porém, teimava em ser um pacato burgo provinciano cuja população rodava pelos 50.000 habitantes, em número bruto. (OLIVEIRA,2008, p.21)

Esse autor também comenta que a urbanização de Vitória iniciou-se com a ampliação do porto local e a construção do porto de Tubarão pela Companhia Vale do Rio Doce. Com isso, a exportação de minério de ferro cresceu bruscamente. A cidade tem como marco da industrialização a criação, em dezembro de 1983, da Usina Siderúrgica de Tubarão, tendo sido essa época marcada por um intenso esforço de industrialização promovido pela Companhia de Desenvolvimento Econômico do Espírito Santo.

Segundo dados do governo do Estado do Espírito Santo<sup>2</sup>, outro fator de grande contribuição para o crescimento da economia foi a descoberta de petróleo no Espírito Santo em meados do século XX. Vários campos de petróleo foram descobertos como os terrestres de Conceição da Barra e São Mateus e os marítimos de Peroá e Golfinho. Com isso, o investimento da Petrobras no Estado vem crescendo constantemente.

Além da produção de petróleo, em 2006 ao norte do campo de Camarupim, foi confirmando o potencial do Estado para a produção de gás natural.

---

<sup>2</sup> Dados disponíveis no site do governo do Estado do Espírito Santo. (disponível em: [http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/petroleo\\_gas.aspx](http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/petroleo_gas.aspx))

## CAPÍTULO II - VOCALISMO: EVOLUÇÃO

Neste capítulo, faremos um breve histórico da evolução das vogais. Segundo Coutinho (1976), a presença e a evolução do latim na Península Ibérica estão relacionadas à ocupação romana de caráter permanente deste território. Com o latim estabelecido na região peninsular (Ibérica), Roma tornou-se o centro da população latina. Nessa época surge a divisão de classes – aristocracia e plebeus. Com isso, ocorre também a divisão linguística: latim clássico e latim vulgar. O primeiro era elitizado, elegante e priorizava a correção gramatical. Já o segundo era de cunho popular (cf. CAMARA JR, 1970).

Segundo Teyssier (1997), as evoluções fonéticas do latim iniciaram-se após o período imperial. Para esse autor, o latim clássico possuía cinco timbres vocálicos e, também, uma vogal breve e uma longa para cada timbre. As breves eram sempre mais abertas que as longas correspondentes. O resumo comparativo do latim clássico e imperial se encontra a seguir<sup>3</sup>:

**Quadro 1 - Resumo comparativo do latim clássico e imperial**

<i>Latim clássico</i>	<i>Latim Imperial</i>	<i>Exemplos</i>	
ī	i	fīcum	> port. figo
ĩ	ɛ	sĩtim	> port. sēde
ē	ɛ	rēte	> port. rēde
ĕ	ɛ	tĕrra	> port. tĕrra
ā	a	lātus	> port. lado
ā	a	amātum	> port. amado
ō	ɔ	pōrta	> port. pōrta
ō	ɔ	amōrem	> port. amōr
ū	u	būcca	> port. bōca
ū	u	pūrum	> port. puro

Fonte: TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 10.

<sup>3</sup> O símbolo ˘ (bráquia) na parte superior da vogal indica que é uma vogal breve. A vogal longa indicada pelo sinal ˉ (mácron) para cada timbre.

## Quadro 2 - Resumo comparativo do latim clássico e imperial

<i>Latim clássico</i>	<i>Latim Imperial</i>	<i>Exemplos</i>
æ	ɛ	cæcum > port. cego
œ	ɛ	fœdum > port. feo, hoje feio <sup>2</sup>

Fonte: TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 11.

Os ditongos æ e œ (quadro acima) e as dez vogais do latim clássico foram substituídos por sete vogais no latim imperial.

Teyssier (1997) relata alguns fatos históricos importantes na evolução do latim para o português:

Os três séculos passados entre a chegada dos germanos a Península (409) e a dos muçulmanos (711) não nos deixaram qualquer documento linguístico. Mas a linha geral da evolução não admite dúvidas. Vê-se acelerar a deriva que transformara o latim imperial em proto-romance, e aparecerem certas fronteiras linguísticas. Uma destas fronteiras é a que vai separar os falares ibéricos ocidentais, donde sairá o galego-português, dos falares do Centro da Península, donde sairão o leonês e o castelhano.(p.13)

Vale destacar que o português originou-se de uma língua nascida no Norte (o galego-português medieval) que foi levado ao Sul pela reconquista (reconquista da Península Ibérica e expulsão dos muçulmanos pelos cristãos).

Para compreendermos a evolução das vogais, é importante observar seu funcionamento no decorrer dos anos. Teyssier (1997, p.22) comenta que no galego-português os fonemas vocálicos<sup>4</sup> eram mais numerosos quando tônicos:

<sup>4</sup> Os símbolos fonéticos [ɛ] e [ɔ] correspondem às vogais médias fechadas [e] e [o], respectivamente. Já os símbolos / ɛ / e / ɔ / correspondem às vogais abertas [ɛ] e [ɔ].

(aqui) / i /	/ u / (tu)
(verde) / ɛ /	/ ɔ / (boca)
(perde) / ɛ /	/ ɔ / (porta)

/ a / (mar)

Em posição átona final, o sistema reduzia-se:

/e/            /o/  
                  /a/

O fonema /i/ átono final nos imperativos (ex. vendi) é mantido durante um período, no início do século XIV é substituído pelo /e/. Assim, o sistema vocálico átono final é reduzido a -e, -a, -o.

Vale destacar que no galego-português as vogais fechadas ([ɛ] e [ɔ]) não ocorriam em posição pretônica. Assim, o sistema vocálico pretônico reduzia-se a 5 fonemas:

(quitar) /i/	/u/ (burlar)
(pecar) /e/	/o/(conhocer)
	/a/
	(trager)

## 2.1 PORTUGUÊS – EUROPEU E BRASILEIRO

No século XIV, a escola literária galego-portuguesa é extinta. Com isso, o português firma-se como língua nacional em Portugal. Teyssier (1997) comenta sobre a expansão do português,

O português, já separado do galego por uma fronteira política, torna-se a língua de um país cuja capital (...) é Lisboa. Embora o rei e a corte se desloquem frequentemente, a sua “área de percurso” situa-se agora num território delimitado por Coimbra ao norte e Évora ao sul. É nesta parte do reino que estão implantadas as instituições que desempenham papel cultural mais importante (...) o eixo Lisboa-Coimbra passa a formar desde então o centro do domínio da língua portuguesa. É, pois, a partir dessa região, antes moçárabe, que o português moderno vai constituir-se, longe da Galícia e das províncias setentrionais em que deixava raízes. É daí que partirão as inovações destinadas a permanecer, é aí onde se situará a norma.(p.31)

Segundo Teyssier (1997) com a queda das consoantes intervocálicas do latim surgem os hiatos. A pronúncia das médias abertas passa a marcar a contração do hiato em posição pretônica (co-ora >còrar).

Entre as formas de alternância mais importantes das pretônicas no século XVI, destacamos a alternância entre [e,i] e [o,u]. Em alguns casos ocorria a assimilação do traço da vogal seguinte a pretônica (somir>sumir), porém essa regra não era categórica. Segundo Teyssier (1997), a dissimilação (futuro>foturo) também ocorria com frequência.

Até 1800, conforme comenta Teyssier (1997), a redução das vogais ([e] e [o]) foi um dos pontos mais obscuros da história do português europeu. Nesse período, ocorrem as mudanças das pronúncias em posição pretônica e tônica das vogais fechadas [e] e [o] em [ë] (vogal central fechada) e [u], respectivamente. Essa mudança nunca foi aceita oficialmente. Além disso, no Brasil essa redução não ocorreu.

No Brasil, o português europeu chegou com os colonos, porém na terra já existia a língua dos índios, o tupi. Na segunda metade do século XVIII, porém, o tupi entra em decadência. Um dos principais motivos para tal fato é a criação de um diretório pelo marques de Pombal que obrigava oficialmente o uso da língua portuguesa.

Teyssier (1997) e Silva Neto (1963) acreditam que os portugueses no Brasil criaram *koiné* (dialeto), pois eliminaram os traços marcados dos falares do norte de Portugal e generalizaram uma norma do centro-sul para utilização no Brasil.

Em meados do século XVII, Frei Luis do Monte Carmelo (Compendiõ de Orthographia) destaca pela primeira vez um traço fonético dos brasileiros, que é o de não fazer distinção entre as pretônicas abertas e fechadas ( apud Teyssier, 1997).

Com a independência do Brasil em 1822, a nova nação passa a valorizar tudo que a distingue de Portugal. Em meados do século XIX, com a vinda de imigrantes diversos, com a urbanização e a industrialização, o Brasil sofre transformações sociais e culturais.

Segundo Teyssier (1997), o português brasileiro foi uma deriva do português arcaico quer pelo conservadorismo quer pelas inovações. Em relação ao conservadorismo, o português brasileiro manteve o sistema galego-português. No que diz respeito às inovações, temos a não pronúncia da vogal átona central [ë] (parte) e nem do ditongo [ãy] que no Brasil é pronunciado como [ẽỹ] (vem).



No quadro acima, observa-se uma redução dos fonemas em posição pretônica (5 fonemas) e em posição postônica (3 fonemas).

No que diz respeito à posição postônica, as palavras que possuem [e] ou [o] em posição postônica final geralmente ocorrem com a pronúncia das vogais /i/ e /u/. Em relação à posição pretônica, essa redução ocorre como consequência da neutralização entre as médias-fechadas e médias-abertas, ou seja, não há pares mínimos entre esses fonemas. Porém, foneticamente é admitido variação entre [e] ~ [ɛ] e [o] ~ [ɔ] como também entre [e] ~ [i] e [o] ~ [u].

Atualmente, a variação de abertura de timbre das médias pretônicas é um traço que distingue as variedades do Brasil (Nascentes, 1953). Esse autor acredita que o aspecto histórico é o mais plausível para explicar essas diferenças entre as variedades brasileiras.

Nascentes (1953) comenta que a ocupação do território brasileiro se iniciou pela faixa litorânea. Centros urbanos foram criados, destacando-se São Paulo, Pernambuco e Bahia. Esses centros foram incumbidos do desbravamento de territórios próximos e assim foram surgindo regiões distintas. A partir dessas ocupações, Nascentes (1953) elaborou uma divisão dos falares brasileiros que será detalhada no próximo capítulo.

### **CAPÍTULO III- REVISÃO DA LITERATURA**

Nesse capítulo, analisamos alguns dos trabalhos que fazem referência ao tema por ora estudado, ou seja, a variação das vogais médias pretônicas. Entre os estudos existentes destacamos o de Nascentes (1953), Abaurre-Gnerre (1981), Bisol (1981), Viegas (1987, 2001), Silva (1989), Yacovenco (1993), Fontis (2004), Graebin (2008), Silva (2009).

### 3.1 DIVISÃO DIALETAL (NASCENTES, 1953)

O estudo das vogais médias pretônicas é um fato importante para o reconhecimento das diversas áreas dialetais do português brasileiro, pois são os fenômenos fonéticos que revelam mais claramente as diferenças dialetais. Sendo assim, a realização da vogal média pretônica é um fato que representa a diversidade linguística brasileira.

Antenor Nascentes foi um dos precursores da dialetologia no Brasil. Publicou, em 1953, o “Linguajar Carioca”, obra na qual apresenta uma divisão dialetal baseada em observações feitas em viagens pelo Brasil. Este estudioso dividiu o falar brasileiro em dois grupos: norte e sul. Segundo esse pesquisador, o que caracterizaria os grupos seria a existência da vogal pretônica aberta em vocábulos que não sejam diminutivos ou advérbios terminados em *-mente*. O grupo do sul seria caracterizado pela pronúncia fechada da pretônica, já o do norte, pela abertura da vogal.

Nascentes (1953) dividiu os dois grupos – norte e sul - em subfalares: dois no norte e quatro no sul. O Espírito Santo, juntamente com o Rio Janeiro e parte de Minas Gerais, encontra-se no grupo do sul no subfalar fluminense, conforme podemos verificar no mapa a seguir:

**Figura 3 – Divisão dialetal proposta por Nascentes (1953)**



Fonte: [http://www.filologia.org.br/pereira/textos/geografia\\_linguistica.pdf](http://www.filologia.org.br/pereira/textos/geografia_linguistica.pdf)

Abaurre-Gnerre (1981) verificou, ao analisar a prosódia na variedade capixaba, que além dos casos de alçamento há também casos de abaixamento das médias pretônicas, o que não estaria contemplado na divisão dialetal proposta por Nascentes (1953). Cumpre destacar que o trabalho de Nascentes procurou marcar as grandes áreas dialetais, buscando, para isso, as marcas mais gerais de cada subfalar.

### **3.2 HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA: UMA REGRA VARIÁVEL (BISOL, 1981)**

Na tese, “Harmonização vocálica: uma regra variável”, Leda Bisol (1981) analisa, sob o prisma da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, de W. Labov, de modo pioneiro, as vogais médias pretônicas de indivíduos do Rio Grande do Sul. Com o objetivo principal de verificar os contextos favorecedores ou não do alçamento das médias pretônicas, a autora utiliza uma amostra composta por 32 informantes, distribuídos conforme a origem étnica - 8 bilíngues de descendência alemã, 8 bilíngues de descendência italiana, 8 monolíngues de Porto Alegre e 12 informantes do projeto Nurc<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Projeto de âmbito internacional que foi iniciado no Brasil na década de 70. O objetivo era coletar dados da fala culta das seguintes capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife e Porto Alegre.

Os fatores linguísticos considerados para esse estudo foram: contextos fonológicos precedentes e seguintes, sufixação, tonicidade, paradigma e nasalidade. Além desses fatores, a autora analisa os seguintes fatores sociais: etnia, sexo, idade.

No que diz respeito à elevação do [e], Bisol aponta como ambiente mais favorável ao alçamento a presença da vogal alta [i] na sílaba seguinte, já a vogal [u] tem uma influência menor. A nasalidade também é destacada pela autora como atuante na elevação do [e]. As consoantes velar (piqueno) precedente e seguinte e a palatal seguinte (milhor) foram as que mais atuaram no alçamento do [e].

Em relação ao alçamento do [o], as vogais [u] e [i] seguintes favorecem igualmente a elevação da média- fechada posterior. No que diz respeito às consoantes, a velar (culégio) e labial (bulacha) precedentes e a palatal (cunheço) e labial (tumate) seguintes foram as mais atuantes no alçamento. Diferentemente do que ocorreu com a elevação do [e], a nasalidade tende a inibir o alçamento do [o].

Por fim, em relação ao aspecto social, Bisol (1981) destaca que os grupos de colonização italiana e alemã alçam menos na fala se comparados aos metropolitanos, cuja única língua é o português.

No que diz respeito à faixa etária, Bisol (1981) verifica que os mais velhos são os que utilizam com maior frequência as pretônicas alçadas, com isso a autora sugere que talvez a harmonia vocálica esteja em um processo de regressão.

### **3.3 O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA (VIEGAS, 1987) E O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS E OS ITENS LEXICAIS (VIEGAS, 2001)**

Viegas (1987) estuda as vogais médias pretônicas na variedade existente na região metropolitana de Belo Horizonte. Em sua dissertação propôs diferentes regras de alçamento dessas vogais. Na análise, em relação à elevação do [e], a autora refere-se à possibilidade da harmonização vocálica. No caso do [o], Viegas comenta que há evidências de uma redução favorecida pelas consoantes adjacentes.

Além disso, Viegas mostra que existem evidências que remetem à atuação lexical relacionada ao alçamento. A autora comenta que geralmente o vocábulo é alçado em situações mais familiares ou quando a palavra possui menos prestígio, como no seguinte exemplo: Peru

(significado: país - mais prestigiado) e piru (significado: bicho - termo mais chulo, menos prestigiado). Assim, em relação aos pares homônimos a autora explica:

Em pares homônimos o item com sentido menos prestigiado, ou desvalorizado socialmente, é facilmente encontrado alçado, nunca o contrário.(...) O nome próprio parece ser normalmente valorizado; já itens que possuem um sentido desprestigiado(...) são mais facilmente alçados.(Viegas, 1995, p.106)

Em 2001, Viegas retoma o tema da sua dissertação, aprofundando a discussão a partir da análise histórica de alguns vocábulos. A autora observa que alguns itens, considerados alçados, não deveriam ser assim nomeados, pois alguns que chegaram ao português brasileiro podem ter vindo com a vogal já alçada (*supapo*, *tumate*, *algudão*). Além disso, a autora separa os vocábulos que vieram de uma vogal alta latina e que a pronúncia alta foi observada muito cedo no português (ex. *gingiva* – do latim *gingiua*).

Viegas (2001) constata que o alçamento de /o/ e /e/ pode ocorrer sem a presença da vogal alta subsequente. Em relação à vogal média pretônica anterior /e/, a autora observou que o ambiente de vogal alta subsequente não é unanimidade para ocorrência do alçamento da média pretônica (*m[i]lhor*). Já em relação à média posterior /o/, vocábulos com vogal alta subsequente podem ocorrer com a média pretônica alçada ou mantida (*f[o]rtuna* – *f[u]rtuna*).

### 3.4 AS PRETÔNICAS NA FALA CULTA DE SALVADOR (SILVA, 1989,1992)

Myriam Barbosa da Silva (1989) analisa as vogais médias pretônicas na fala culta de Salvador, tendo usado uma amostra composta por 24 entrevistas do Projeto Norma Culta de Salvador (NURC/SSA). Os falantes foram divididos igualmente por sexo/gênero e faixa etária. Para ratificar seus resultados, a autora também utilizou dois *corpora* complementares: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI,1965) e o de Jacyra Motta<sup>9</sup> (1979), este último enfatizando a análise de médias pretônicas de falantes da zona rural de Ribeirópolis, cidade de Sergipe.

O comportamento variável das pretônicas na fala culta de Salvador foi analisado sob a perspectiva variacionista e, para o tratamento quantitativo, foram utilizados os programas SWAMINC e VARBRUL-2.

<sup>9</sup> Mota (1979) analisa as vogais médias pretônicas na fala de moradores da zona rural de Ribeirópolis, Sergipe.

Na variedade de Salvador, as vogais /o/ e /e/ podem ser articuladas como altas ([u] e [i]), médias-fechadas ([o] e [e]) ou médias-abertas ([ɔ] e [ɛ]). Observa-se nessa variedade que a variante mais frequente é a média-aberta, com 59,3 % das ocorrências.

Silva (1989) em sua análise chegou às seguintes conclusões: 1) no dialeto baiano predominam as vogais médias-abertas (n[O]vela, n[E]c[E]ssário); 2) A manutenção da média-fechada diante das vogais [e] e [o] é uma regra categórica; 3) O abaixamento pode ser considerado na variedade baiana como uma regra categórica que só é quebrada pelo contexto das médias-fechadas ou das pós-alveolares e palatais. 4) na fala baiana há ocorrência de altas, médias-fechadas e médias-abertas em um mesmo contexto;

No caso das palavras que se comportam, em um mesmo contexto, de forma aberta, fechada ou alçada, Silva (1989) estabelece um conjunto de regras para descrever melhor o comportamento das vogais pretônicas nesses ambientes. As regras são as seguintes:

- Regra Categórica de Elevação – O [e] transforma-se em [i] em posição inicial quando seguido da consoante [s] ([i]scola).
- Regra Variável de Elevação – Há alçamento da pretônica antes de vogais altas como em m[u]squito e também em alguns contextos consonantais. No caso do [e] as consoantes labial e velar precedentes e as palatal e velar seguintes atuaram fortemente para ocorrência do alçamento. Em relação à elevação do [o], as consoantes velar, palatal e labial precedente e as consoantes palatal, labial e alveolar seguintes foram as mais atuantes.
- Regra Categórica de Timbre – Nesse caso, uma vogal realiza-se como média-fechada diante da vogal seguinte da mesma altura [e, o] como em c[e]rveja e c[o]rreio. Já nos demais contextos, realiza-se como média-aberta.

Assim, observando os resultados de Silva (1989), tudo indica que as médias pretônicas na fala baiana estão sujeitas à regra de harmonização vocálica. Além disso, como foi previsto por Nascentes (1953), nessa variedade há prevalência das médias-abertas.

### 3.5 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO FALAR CULTO CARIOCA (YACOVENCO, 1993)

Com base em um *corpus* formado por 18 entrevistas do projeto NURC/RJ, Yacovenco (1993) analisa, sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de W. Labov (2008 [1972]), as vogais médias pretônicas na fala culta carioca.

Yacovenco (1993) levou em consideração os seguintes fatores sociais: zona de residência, idade e sexo/gênero. Além disso, a autora analisa alguns fatores linguísticos como tipo de vogal pretônica, tipo de tônica, distância da pretônica em relação à tônica, vogal seguinte à pretônica, modo e ponto de articulação das consoantes precedentes e seguintes, atonicidade da pretônica, tipo de sufixo e grau de parentesco.

O principal aspecto identificado nesse estudo foi que a realização das pretônicas médias-fechadas [e, o] (63,8%) supera a realização das altas [i, u] (32,9%) e das médias-abertas [ɛ, ɔ] (3,3%). É possível concluir, assim, que as médias-fechadas são o padrão da fala culta carioca.

Yacovenco (1993) verifica, com base nos resultados obtidos na pesquisa, que os falantes do sexo feminino e os moradores da zona norte são os que mais utilizam as médias-fechadas.

Em relação aos fatores linguísticos, as vogais tônicas médias-abertas e as médias-fechadas favorecem a realização da média-fechada anterior, quando contrapostas à regra de alçamento. Assim, a autora relaciona esse fato à harmonização vocálica. Além disso, verifica-se que as consoantes precedentes e seguintes palatais e vibrantes favorecem a realização da anterior média-fechada.

Segundo Yacovenco (1993), são favoráveis à realização da média-fechada posterior as consoantes vibrantes precedentes e as alveolares e velares seguintes, os segmentos vocálicos que precedem a média-fechada posterior e a ausência de segmento à esquerda dessa vogal.

Por fim, Yacovenco (1993) observa que os sufixos não-verbais contribuem para realização tanto das médias-fechadas posteriores quanto das anteriores.

### **3.6 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA CULTA DE NOVA VENÉCIA – ES (FONTIS, 2004)**

Fontis (2004) analisa em sua dissertação, sob o enfoque da sociolinguística variacionista, as vogais médias pretônicas em Nova Venécia, Espírito Santo. A autora tem como principais objetivos contribuir para a caracterização do dialeto capixaba e compará-lo aos demais dialetos do Brasil. Nesse trabalho, foi utilizada uma amostra com nove informantes do sexo feminino, com as seguintes faixas etárias: 25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos ou mais. Os dados foram submetidos ao programa Goldvarb.

Nesse estudo, foram encontradas 2.950 realizações de vogais pretônicas. Fontis (2004) analisa oito fatores linguísticos (nasalidade, tipo de tônica, distância, pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante seguinte, estrutura silábica) e um fator extralinguístico (faixa etária).

Analisando os resultados, a autora observa que as vogais médias posteriores são mais suscetíveis à variação que as médias anteriores, ou seja, há mais casos de variação entre as posteriores. Nesse dialeto, há preferência pelas formas médias fechadas [e] e [o] (64,2%) sobre as altas [i] e [u] (16,9%) e médias abertas [ɛ] e [ɔ] (18,9%). Porém, diferindo do dialeto do Rio de Janeiro, a segunda forma mais utilizada pelos falantes de Nova Venécia é a média aberta, tanto em relação às vogais médias posteriores quanto às anteriores.

Fontis (2004) observa que a vogal da sílaba seguinte, independentemente de sua tonicidade, atua sobre a altura da média, ocorrendo frequentes casos de assimilação. No caso da pretônica /e/, a vogal [i] da sílaba seguinte desempenha um papel favorecedor da harmonização vocálica. Já as vogais não-altas [e,ɛ,o,ɔ,a] desempenham um papel inibidor do alteamento das pretônicas. Em relação à pretônica /o/, a vogal [u] seguinte favorece a elevação da pretônica.

A nasalidade também é um aspecto atuante no comportamento das pretônicas. As médias anteriores, quando nasalizadas, favorecem o alçamento. No caso das médias posteriores, a nasalização inibiu o alçamento.

Outro aspecto observado é que há favorecimento do alçamento quando as pretônicas estão presentes nas sílabas abertas.

A autora destaca que os pontos de articulação precedente e seguinte também atuam no comportamento das pretônicas. No caso das médias anteriores, as consoantes palatais, bilabiais e a ausência de segmento favorecem o alteamento. Em relação às médias posteriores, as consoantes palatais, velares e a ausência de segmento atuam favorecendo a aplicação dessa

regra. Fontis (2004) observa que a consoante seguinte velar e a ausência de consoante influenciam fortemente o alçamento da pretônica /e/.

Fontis (2004) dá enfoque também a alguns fatores que atuam como favorecedores do abaixamento das médias pretônicas. Foram relevantes o tipo da vogal tônica, pretônica seguinte, a atonicidade e as consoantes adjacentes. As vogais médias-abertas, na sílaba tônica e na pretônica seguinte, atuam fortemente sobre o abaixamento das médias pretônicas, tanto das médias-fechadas posteriores quanto das anteriores.

A autora destaca outros fatores que também influenciam o abaixamento das médias-fechadas anteriores: a consoante precedente labiodental e a consoante seguinte alveolar e labial. No caso das médias-fechadas posteriores, destacam-se como variáveis atuantes no abaixamento as consoantes seguintes alveolares, palatais e labiodentais.

No estudo da variedade de Nova Venécia, em relação à atonicidade, Fontis (2004) observa que “as sílabas de atonicidade casual que quando tônicas realizam-se com vogais médias abertas (casual baixa) contribuem com a realização média aberta das vogais pretônicas médias” (p.75).

Segundo Fontis (2004), em relação à divisão dialetal das médias pretônicas proposta por Nascentes(1953), a variedade capixaba é provavelmente uma região de transição entre os falares do sul e do norte do Brasil.

### **3.7 A FALA DE FORMOSA-GO (GRAEBIN, 2008)**

Graebin (2008), em sua dissertação, analisa a pronúncia das vogais médias pretônicas na fala de Formosa-GO. Os objetivos desse estudo são: situar a fala de Formosa no panorama linguístico brasileiro, analisar as médias pretônicas sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança (Labov,1972) e relacionar os fenômenos de elevação e abaixamento à discussão presente em três modelos teóricos: neogramático, difusionista (Oliveira, 1991; Viegas, 1995) e o dos exemplares (Bybee, 2002).

Nesse estudo, a autora contou com 14 informantes distribuídos por classe econômica (classe baixa, classe média e classe alta) escolaridade (Ensino fundamental, Ensino médio ou Ensino superior), sexo/gênero, tipo de discurso (diálogo ou leitura) e contato com Brasília (trabalha e conseqüentemente tem o contato mais intenso com a capital ou quem mora e trabalha em Formosa). Os fatores linguísticos analisados foram acento secundário, vogal da sílaba seguinte (tônica ou átona), contexto fonológico anterior e posterior e zona de articulação das

variantes da variável dependente. Graebin (2008) encontrou em seus estudos 6.456 ocorrências das médias pretônicas, sendo 3.683 da vogal [e] e 2.863 da vogal [o].

Nos resultados gerais dessa pesquisa, verifica-se que a média-fechada (61,8%) é preferência na fala de Formosa. Em seguida, temos a alta (25%) e, por fim, a média-aberta (13,2%) como a variante menos utilizada.

A autora também destaca em seus estudos os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a atuação das médias pretônicas. No quadro a seguir encontram-se as variáveis estudadas na pesquisa de Graebin (2008). As variáveis marcadas com (x) foram relevantes no comportamento das pretônicas no dialeto de Formosa:

**Quadro 5 – Grupo de fatores selecionados em Formosa- GO**

		Abaixamento		Elevação		Manutenção	
		Vogal [e]	Vogal [o]	Vogal [e]	Vogal [o]	Vogal [e]	Vogal [o]
<b>Linguísticos</b>	<b>Vogal seguinte</b>	X	X	X	X	X	X
	<b>Segmento consonantal precedente</b>	X		X	X	X	X
	<b>Segmento consonantal seguinte</b>	X	X	X	X	X	X
	<b>Acento secundário</b>	X	X	X	X	X	X
	<b>Classe econômica</b>	X	X			X	X
<b>Extralinguísticos</b>	<b>Sexo</b>	X		X			
	<b>Escolaridade</b>	X		X	X	X	X
	<b>Contato com Brasília</b>						
	<b>Tipo de discurso</b>			X	X	X	X

Além dos fatores citados acima, Graebin também analisa a frequência e a classe gramatical. Segundo essa autora, ao analisar os itens lexicais em Formosa muitas palavras foram pronunciadas exclusivamente alteadas o que, segundo Graebin, indica que a elevação é um processo de mudança já acabado (2008, p.209). Já para o abaixamento existe variação. Com isso, é possível considerar que a difusão lexical é um processo recorrente para os casos de alçamento na variedade de Formosa.

Outro aspecto importante encontrado nesse estudo é que Graebin (2008) considera a divisão dialetal de Nascentes (1953) como base para seu trabalho. Segundo essa divisão, Formosa integraria o subfalar baiano. Essa autora comparando a variedade de Formosa com

trabalhos de cunho dialetológicos de Rossi (1963) e com pesquisas sociolinguísticas (Silva, 1989; Soares, 2004; Corrêa, 1998) confirmou a divisão dialetal de Nascentes. Graebin, apesar de confirmar essa divisão, destaca que a porcentagem de abaixamento em Formosa (13,2%) é bem inferior do que a de Salvador (59 %), porém não é tão baixa quanto a de Brasília (3,5%), assim Formosa ficaria em um nível intermediário.

### 3.8 AS VOGAIS PRETÔNICAS NO FALAR TERESINENSE (SILVA, 2009)

Silva (2009) estuda as vogais médias pretônicas na variedade de Teresina. Com objetivo de explicar o comportamento dessas vogais, utiliza a Teoria da Variação e Mudança, de Labov (1972) e Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]). O *corpus* utilizado apresenta 5.308 realizações das vogais médias pretônicas. Nessa variedade, essas vogais podem se comportar, segundo a autora, de três formas: alteada ([i] e [u]), abaixada ([ɛ] e [ɔ]) ou residual ([e] e [o]). A coleta dos dados foi feita a partir de entrevistas com 36 informantes estratificados por faixa etária (20-35, 36-50 e acima de 50), sexo/gênero (masculino e feminino) e escolaridade (Ensino fundamental, Ensino médio e Ensino superior).

Além dos aspectos sociais, a autora analisa os aspectos linguísticos que podem atuar no funcionamento das médias pretônicas. As variáveis linguísticas consideradas por Silva (2009) foram a vogal seguinte à pretônica (átônica), homorganicidade<sup>10</sup>, tonicidade (efeito da tônica), paradigma<sup>11</sup>, distância da pretônica em relação à tônica, derivada de tônica<sup>12</sup> e os contextos fonológicos precedentes e seguintes.

Conforme os resultados da pesquisa, Silva (2009) verifica que nessa variedade há preferência pelo uso das médias-abertas (59,4%). Outro aspecto importante destacado pela autora é que há também na fala teresinense, mesmo que em menor quantidade, o uso de médias-fechadas (18,9%) e também de altas (21,7%).

No que diz respeito ao abaixamento, verificamos que as vogais contíguas [a], [ɔ] e [ɛ] são as que atuam de forma mais incisiva tanto no comportamento das médias pretônicas posteriores quanto no das anteriores, ou seja, as pretônicas assimilam o traço das tônicas. Além

<sup>10</sup> Segundo Câmara Jr. (1970), a homorganicidade ocorre quando a vogal alta tônica exerce uma ação assimilatória sobre a pretônica.

<sup>11</sup> Silva (2009) classifica cada palavra em “com paradigma” (feliz, felicidade) e “sem paradigma” (acerola, procissão).

<sup>12</sup> Segundo Silva (2009) “essa variável busca explicar se as ocorrências de [o] e [e] têm alguma relação com o seu parenteônico ou se a atonicidade permanente é uma condição”.(p.172)

desse importante fator, há também a atuação das consoantes: velar, palatal e coronal favorecendo a regra de abaixamento.

Em relação ao alçamento, as vogais contíguas [i] e [u] atuaram mais incisivamente na elevação das médias. A média pretônica /e/ eleva-se mais diante da palatal e labial precedentes e da velar seguinte. Já a pretônica /o/ alça mais frequentemente quando precedido de uma consoante velar e seguido das consoantes palatais, coronais e labiais.

Silva (2009) relata que a vogal média-fechada é pouco utilizada na variedade do Piauí, na ordem de 21% para as vogais médias anteriores e 16% para as posteriores. Em relação à atuação das consoantes, as nasais e as palatais subsequentes atuam fortemente sobre a pronúncia das médias-altas. A harmonização com a vogal da mesma altura é um fator que favorece a realização da média fechada, fato também constatado por Silva (1989) na fala baiana.

### **3.9 O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO ESPÍRITO SANTO (VIEIRA, 2010)**

A dissertação de Vieira (2010), de cunho dialetológico, leva em consideração as dimensões espacial (variação diatópica), social (variação diastrática) e estilística ou de registro (variação diafásica).

Vieira (2010) utiliza na pesquisa dois *corpora* distintos: um, relativo ao Projeto *Atlas Linguística do Espírito Santo – ALES* (informantes da zona rural), e o outro, ao *Atlas Linguístico do Brasil – ALIB* (informantes da zona urbana e rural).

Do ALES foram analisados 35 pontos, correspondendo a 70 informantes entre as faixas etárias de 35 a 55 anos. Foram utilizados para a coleta dos dados questionários fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais.

O ALIB também trabalha com três tipos de questionários: o morfossintático, o fonético-fonológico e o semântico-lexical. O Atlas abrange 250 pontos, incluindo a capital Vitória. Os informantes estão estratificados por faixa etária (18 a 30 e 50 a 65) e por sexo (masculino e feminino). Em todas as localidades rurais, registram-se indivíduos que estudaram até a 8ª série. Na capital, além dos falantes que concluíram o ensino fundamental, também foram incluídos os que possuíam o ensino superior completo. Para análise das pretônicas, em ambos os *corpora*, Vieira (2010) deu ênfase aos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical.

Para a análise das médias pretônicas, Vieira (2010) considerou os seguintes fatores geográficos: ponto de inquérito, zona de procedência e sexo/gênero. Alguns fatores linguísticos também foram observados, entre eles a distância da sílaba tônica, tipo de sílaba, contexto

fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, altura da vogal tônica, posição da pretônica em estudo e a nasalidade.

Vieira (2010), ao analisar todo o Espírito Santo, observou que o alçamento (58,5%) é predominante na fala capixaba. É importante destacar que Vieira (2010) possuía um número pequeno de itens lexicais, e que muitos desses itens favoreciam o alçamento (*mentira, gordura*).

Analisando os fatores linguísticos favorecedores do alçamento em relação à pretônica /e/, Vieira (2010) constata que a consoante labiodental na sílaba precedente e a sílaba pretônica em posição não inicial foram relevantes para o favorecimento do alteamento. Já para média pretônica /o/, o alçamento é favorecido pela nasalidade, pela consoante precedente alveolopalatal e pela posição não inicial da sílaba pretônica.

Na observação dos fatores extralinguísticos, Vieira (2010) verificou que o fator sexo/gênero não foi relevante no alçamento das médias pretônicas.

Porém, na análise da variável zona de residência houve uma diferença percentual considerável entre os falantes da zona rural e urbana. Em relação à pretônica /e/, na capital Vitória, verifica-se que as médias fechadas prevalecem na fala dos entrevistados (61,5%). Já o alteamento vem como segunda opção na variedade capixaba (34,6%). O abaixamento é pouco privilegiado na fala dos informantes (3,9%), e só foi encontrado na zona urbana. Na zona rural, a preferência dos falantes é pela variante [i] (64%), seguido da manutenção [e] (36%).

Em relação à pretônica /o/, na capital observa-se que as médias fechadas são as mais frequentes (61,4%), seguidas das altas (28,6%), e, por fim, das médias abertas (7%). Na zona rural, o alteamento é mais utilizado (71,1%), seguido das médias-altas (27,3%), não há abaixamento.

No trabalho dialetológico de Vieira (2010) foram encontrados poucos casos de abaixamento das vogais médias em contexto pretônico. Já em relação à regra de alçamento, a autora observa que é bastante recorrente no Estado, enfatizando, porém, que em algumas regiões essa regra apresenta maiores índices. Assim, segundo Vieira (2010), considerando apenas o abaixamento das vogais médias no Espírito Santo, é confirmada a hipótese de Nascentes (1953), ou seja, o Espírito Santo se encontra no falar fluminense.

## CAPÍTULO IV - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Nesse capítulo, discutiremos os princípios gerais da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de W. Labov (2008). Além disso, apresentaremos também o *corpus* da pesquisa, os fatores linguísticos e sociais que atuam sobre o comportamento das pretônicas e o tratamento estatístico dado aos resultados.

### 4.1 PRINCÍPIOS GERAIS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Segundo a Teoria da Variação e Mudança Linguística, de W. Labov (2008 [1972]), a língua é uma estrutura maleável, ou seja, está sujeita a variações, que são inerentes ao próprio sistema linguístico. Entretanto, até 1960, a variação e a mudança linguística não haviam sido incluídas nas análises das correntes estruturalistas e gerativas, em voga até então.

As ideias estruturalistas mais importantes foram publicadas no livro *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure, em 1916. Nessa obra, Saussure separa a fala e a língua (*langue e parole*), sendo a primeira uma construção coletiva, e a segunda, um ato individual que pode ser influenciado por fatores externos, portanto não é passível de análise. Vale salientar que Saussure considera a possibilidade de fatos da fala interferirem na língua e causarem algumas mudanças no sistema.

No gerativismo, considerava-se que o comportamento linguístico dos indivíduos era resultado de sua capacidade genética, ou seja, havia um módulo específico na mente responsável pela língua, módulo esse chamado por Chomsky de *faculdade da linguagem* (BORBA, 1977). Segundo esse estudioso, essa faculdade, em seu estado inicial (quando o indivíduo nasce), é considerada uniforme em toda espécie humana, e, à medida que a criança vai sendo exposta a um ambiente linguístico, a faculdade da linguagem se modifica.

O foco do estudo gerativista é a competência do falante, ou seja, o conhecimento mental que o falante tem de sua língua. Assim, o uso concreto da língua (desempenho) não é abordado de forma precisa pelo gerativismo.

O estudo do uso concreto da língua inicia-se na década de 60. Weireich, Labov e Herzog discutiram um novo modelo teórico, baseado na variação e na mudança sistemática da língua e publicaram suas premissas no livro clássico *Fundamentos empíricos para uma teoria da*

*mudança linguística* (1968). Esses estudiosos consideravam que as teorias linguísticas existentes até então não explicavam os motivos pelos quais a abordagem estrutural não se harmonizava com heterogeneidade da língua. Assim, nesse trabalho, os autores propõem levar em consideração dois aspectos da língua: a realidade da estrutura e a presença da variação. Essa dualidade é denominada pelos estudiosos de “heterogeneidade ordenada”:

Argumentaremos que o modelo gerativo para a descrição de uma língua como um objeto homogêneo é em si mesmo desnecessariamente irrealista e representa um retrocesso em relação às teorias estruturais, capazes de acomodar os fatos da mudança que aceite como seu input descrições desnecessariamente idealizadas e inautênticas dos estados de língua.(...) Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. (2006 [1968] ,p.35)

Portanto, para esses estudiosos, toda comunidade de fala é complexa, isto é, apresenta uma língua complexamente estruturada, em que há variação, porém essa variação pode ser sistematizada. É o que se lê: “Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (isto é, real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 36). A partir dos pressupostos explicitados por esses autores, surge a Teoria da Variação e Mudança, segundo a qual toda língua sofre variação e pode ser afetada por fatores internos e externos.

Vale destacar em nosso estudo que para iniciarmos uma pesquisa variacionista é necessário escolher um fenômeno para observar, por exemplo, a variação da vogal média pretônica /o/ no português capixaba. Essa variável é chamada de dependente. Mollica (2010) faz algumas considerações sobre as variáveis dependentes e independentes:

Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência. (2010, p.11)

Segundo Labov (2008 [1972]), após o estabelecimento da variável, o pesquisador deve coletar os dados para em seguida fazer a análise e verificar a influência dos fatores sociais e

linguísticos na variação, e talvez na mudança. O método de coleta utilizado pelos pesquisadores, geralmente, é a entrevista com informantes selecionados previamente.

Labov (2008 [1972]) sugere que, depois de realizada a entrevista, é interessante pedir ao informante que leia dois textos padronizados. “Um deles tem o objetivo principal de concentrar as variáveis fonológicas em parágrafos sucessivos, o outro justapõe pares mínimos em um texto” (2008 [1972],p.103). Assim, o pesquisador pode verificar se a variável estudada é influenciada pelo grau de monitoração da fala.

O estudo da língua em uso também busca analisar as possibilidades de mudanças dentro de uma língua. Mollica (2010) afirma que, para a sociolinguística, o papel da mudança linguística é fundamental. A autora comenta como deve ser a atitude do linguista para verificar se há ou não mudança linguística:

(...) O linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu status social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição estão em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no de recuo da inovação. Em última análise, deve definir se o caso é de variação estável ou mudança em progresso (...). (p.10)

Labov (2008 [1972]) também afirma que a observação da mudança linguística não é simples. É preciso, a partir de uma amostra representativa da comunidade de fala, observar dois estados de uma língua. Para Labov, o processo de mudança linguística apresenta três etapas: 1) a origem da mudança, que ocorre na fala dos indivíduos, 2) a propagação, onde ocorre o fenômeno da variação e 3) a regularidade no uso da nova forma.

Ainda no que diz respeito à mudança, Labov (1994, p.73) comenta que a interpretação do tempo aparente pode depender da observação do tempo real. O autor diz que somente a observação em tempo aparente, como por exemplo observar o comportamento de uma variável (*o uso de nós e a gente*) em uma variedade e apenas analisar sua utilização de acordo com a faixa etária, pode não ser conclusiva para determinar se há de fato uma mudança em progresso. Assim, seria mais eficiente comparar a análise do tempo aparente com as observações do tempo real, ou seja, fazer a observação da comunidade de fala em dois pontos distintos do tempo.

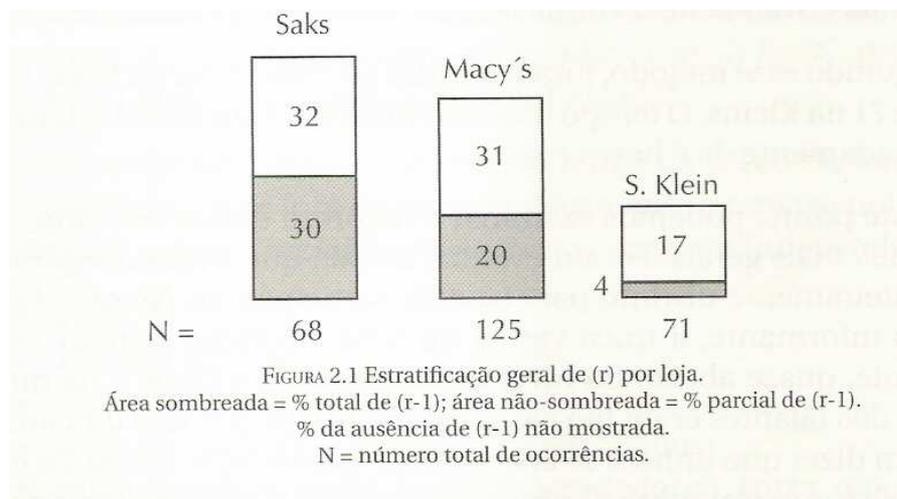
Labov produziu dois trabalhos que foram importantes para a consolidação da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Um deles foi realizado em 1963, na Ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, Estados Unidos. Labov buscou analisar uma

característica linguística muito frequente na conversa espontânea: a centralização dos ditongos /ay/ (*wine*) e /aw/ (*house*).

Outro estudo importante, também de autoria de Labov (2008 [1972]), trata da variável (r) em três lojas de departamento da cidade de Nova York. Essa análise mostra a variação linguística dentro de uma mesma comunidade de uma grande metrópole. Esse estudo caracterizou-se por entrevistas rápidas e anônimas, em que os entrevistados respondiam a uma determinada pergunta em que as variantes estudadas apareciam nas respostas. Labov observou a frequência do /r/ na posição final e pré-consonantal que foi introduzido na cidade de Nova York como uma variável superposta, prestigiada, nos anos que seguiram à Segunda Guerra Mundial.

Labov selecionou três lojas de *status* diferentes na cidade de Nova York. A Saks, padrão superior, a Macy's, de *status* médio, e a S.Klein, de padrão mais baixo. A hipótese era a de que os funcionários da loja de *status* mais alto apresentassem maior frequência do (r) de maior prestígio, a de *status* médio, uma frequência intermediária e a de *status* baixo, uma frequência menor dessa variante. Essa hipótese é confirmada nos resultados gerais da pesquisa.

**Figura 4 – Estratificação do (r) por loja (LABOV, 2008[1972])**



Porém, quando Labov (2008 [1972]) analisa as lojas individualmente e faz a diferenciação dos informantes por idade, a uniformidade dos resultados desaparece. Para explicar esse fato, o autor utiliza outra pesquisa (Lower East Side) para auxiliar suas observações. Com isso, Labov conclui que os falantes da classe mais alta desenvolvem o (r) de maior prestígio mais cedo na vida - como uma expressão variável da formalidade relativa de ser encontrada em níveis estilísticos. Para os falantes da classe mais baixa, o uso do (r) de

maior prestígio requer maior atenção ao modo de falar. Eles aprendem essa variante em uma etapa mais tardia da vida.

No estudo das vogais médias na fala de Vitória, analisamos as possíveis condições que possam favorecer ou não a realização das vogais médias pretônicas. A análise dos dados tem como base a Teoria de Variação e Mudança (2008 [1972]) desenvolvida por W. Labov.

## **4.2 A AMOSTRA PORTVIX**

A amostra PortVix - Português Falado da cidade de Vitória - foi desenvolvida com o objetivo de se conhecer e analisar a variedade linguística da capital, que possui traços linguísticos não-marcados. Esse projeto, de cunho variacionista, conta com a coordenação da professora Lilian Coutinho Yacovenco. A amostra é composta por 46 entrevistas gravadas entre os anos de 2001 e 2003 com falantes moradores da cidade de Vitória nascidos na capital. (Yacovenco et al., 2012)

A amostra PortVix é composta por entrevistas cuja natureza é classificada como fala monitorada, isto é, segundo Labov (2008 [1972], p. 102-103), uma fala que se caracteriza por um falante responder a perguntas que são definidas como partes da entrevista. Em muitos momentos, no decorrer da entrevista, há registros de fala casual, que é um “estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (Labov, 2008 [1972], p. 244). Esses momentos podem ocorrer em situações como as criadas pelo entrevistador, ao perguntar ao entrevistado sobre alguma situação perigosa que já tenha vivido ou por perguntas que remetem o entrevistado à sua infância.

Os fatores sociais considerados para a coleta dos dados do PortVix foram faixa etária - 7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 -, escolaridade - ensino fundamental, ensino médio e ensino universitário - e gênero/sexo - feminino e masculino. No quadro a seguir podemos observar como essa distribuição foi feita:

**Quadro 6 - Distribuição geral das células sociais**

(idade→)	7-14		15-25		26-49		50-...		
(sexo→)	H	M	H	M	H	M	H	M	
<b>Ensino fundamental</b>	4	4	2	2	2	2	2	2	=20
<b>Ensino médio</b>	-	-	3	3	2	2	2	2	=14
<b>Ensino superior</b>	-	-	2	2	2	2	2	2	=12

Número total de informantes a serem entrevistados= 46

Para o presente estudo, utilizamos 20 entrevistas das 46. No quadro a seguir, temos a distribuição das células sociais utilizadas na análise das médias pretônicas.

**Quadro 7 – Distribuição das células sociais utilizadas na análise das médias pretônicas**

(idade→)	7-14		15-25		26-49		50-...		
(sexo→)	H	M	H	M	H	M	H	M	
<b>Ensino fundamental</b>	1	1	1	1	1	1	1	1	=8
<b>Ensino médio</b>	-	-	1	1	1	1	1	1	=6
<b>Ensino superior</b>	-	-	1	1	1	1	1	1	=6

Número total de informantes = 20

### 4.3 CODIFICAÇÃO E PROCESSAMENTO DOS DADOS

Submetemos os dados da pesquisa ao programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), que faz uma análise estatística que revela os efeitos dos fatores sociais e linguísticos sobre as variantes.

Para que o programa computacional identifique nossos dados, é necessário fazer sua codificação. Scherre (2010, p.155) define o ato da codificação da seguinte forma: “codificar é transformar em código identificável pelos programas computacionais disponíveis tudo o que queremos que seja quantificado”. Segundo essa autora, antes de iniciarmos o processo de codificação, é preciso escolher um símbolo para cada um dos fatores a serem analisados.

Em nosso estudo sobre as médias pretônicas, alguns vocábulos foram excluídos da análise quantitativa, pois, conforme Scherre e Naro (2003), os contextos categóricos não são passíveis de serem analisados pelos programas estatísticos, já que não são casos de variação linguística. Os vocábulos e ambientes excluídos foram os seguintes:

a) *Ocorrência elevada de um vocábulo*

Algumas palavras do *corpus* tiveram frequência elevada e, além disso, não sofreram variação da pronúncia. Sendo assim, como trabalhamos com a variação, esses vocábulos foram eliminados, pois poderiam alterar o resultado. Os dados excluídos foram:

- Vocábulos frequentes somente de forma alteada, como *porque e você*.

b) *Vocábulo iniciado com o fonema /e/ seguido de /S/ ou /N/*

A pronúncia de palavras iniciada dessa forma é categórica. Na maioria das vezes ocorre de forma alteada, como em escola – [i]Scola; entendo - [i]ntendo; esposa - [i]sposa. Esse fato também foi constatado por Bisol (1981), segundo essa estudiosa /e/ inicial com coda [n] ou [s] tem comportamento diverso daqueles que ocorrem em posição inicial em sílaba aberta.

c) *Vocábulos iniciados com o prefixo des-*

Os vocábulos iniciados com o prefixo *des-* e que foram pronunciados de forma categórica (alteada), como em *disconforto, descobrir, disvirtuar*.

#### 4.4 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Na Sociolinguística, o objeto de estudo é a língua utilizada em situações reais de uso. Analisamos nesse estudo a variação das vogais pretônicas /o/ e /e/ no português capixaba. Nas seções a seguir, caracterizamos a variável dependente e destacamos as variáveis linguísticas trabalhadas no estudo das médias pretônicas na fala de Vitória.

#### 4.4.1 Caracterização da variável dependente

Segundo Mollica (2010), a variável dependente tem seu comportamento influenciado pelas variáveis independentes (de natureza social ou estrutural). Em nosso estudo as vogais médias pretônicas são as variáveis dependentes. Neste tópico caracterizaremos tais variáveis.

Segundo Silva (2010), na produção de um segmento vocálico, a passagem de uma corrente de ar não é interrompida na linha central, não havendo, portanto, fricção ou obstrução no trato vocal. A caracterização dos elementos vocálicos leva em consideração a posição da língua em termos de altura, posterioridade e anterioridade. Além disso, a vogal pode ser produzida com o lábio arredondado ou estendido.

Em relação à altura, a posição vertical da língua pode ser alta (posição elevada da língua), média (grau intermediário da posição da língua) ou baixa (língua na parte inferior da cavidade bucal). A vogal oral pode ter a média dividida em média-baixa e média-fechada.

Em relação à posterioridade e anterioridade, a posição horizontal da língua pode ser anterior, posterior ou central. A primeira fica na parte a frente da cavidade bucal, a segunda na parte de trás e a terceira fica entre as duas partes.

Segundo a proposta de Cristófar da Silva (2010, p.81), apresentamos foneticamente as vogais orais<sup>13</sup> do português brasileiro no quadro abaixo:

**Quadro 8 - As vogais orais pretônicas do português brasileiro**

	Anterior		Central		Posterior	
	arred	não arred	arred	não arred	arred	não arred
Alta		i			u	
Média fechada		e			o	
Média aberta		ɛ			ɔ	
Baixa			a			

Na variedade capixaba, as vogais médias pretônicas podem se realizar de três formas:

- a) médias-fechadas, como em c[o]mer e pr[e]cária;

<sup>13</sup> Os símbolos utilizados neste estudo seguem o alfabeto fonético internacional.

- b) altas, com o alçamento das médias-fechadas, isto é, com realização de [i] e [u] no lugar do [e] e [o], como em d[i]serto e c[u]meçar;
- c) médias-abertas, com o abaixamento das médias fechadas, com realização de [ɛ] e [ɔ] no lugar do [e] e [o], como em dif[ɛ]rente e [ɔ]corrência.

Nesse estudo, analisaremos alguns fatores linguísticos e sociais que podem atuar para que ocorra essa variação na variedade capixaba.

#### 4.4.2 Variáveis linguísticas

Segundo Mollica (2010), a variável dependente tem seu comportamento influenciado pelas variáveis independentes, de natureza social ou estrutural.

Além dos aspectos sociais citados no tópico 5.3 (faixa etária, sexo/gênero e escolaridade), levamos em consideração os seguintes fatores linguísticos: tipos da pretônica, distância da pretônica em relação à tônica, tipo da tônica, nasalidade da pretônica, pretônica seguinte, estrutura da sílaba, ponto e modo de articulação das consoantes precedente e seguinte.

##### ➤ *Tipo da tônica*

A variável tipo de tônica se mostra importante em diversos trabalhos, como os de Yacovenco (1993), Silva (1989), Fontis (2008) e Silva (2009). Observando essa variável, podemos notar se há harmonização vocálica ou elevação e abaixamento sem motivação aparente. A classificação utilizada neste estudo é a seguinte:

- baixa [a] – planet[a]rio
- média-fechada posterior [o] – profess[o]r
- média-fechada anterior [e] – verm[e]lho
- média aberta anterior [ɛ] – proj[ɛ]to
- média aberta posterior [ɔ] – relat[ɔ]rio
- alta posterior [u] – seg[u]ra
- alta anterior [i] – com[i]da
- ditongo - opções

➤ *Distância da pretônica em relação à tônica*

A distância da pretônica pode permitir a observação da influência da vogal tônica sobre a pretônica, mesmo quando há uma distância maior entre elas. Espera-se que, quanto mais próxima a tônica da pretônica, maior a possibilidade de atuação da altura da vogal tônica sobre a pretônica. Nesse estudo, a classificação feita em relação a distância é a seguinte:

- Distância 1- n[ɔ]v[ɛ]la
- Distância 2- ab[u]rrec[i]do
- Distância 3 – tesourar[i]a

➤ *Nasalidade da pretônica*

Nos estudos destacados na revisão da literatura, a nasalidade da pretônica mostrou-se relevante no comportamento das vogais pretônicas. Bisol (1981) analisa em sua tese a nasalidade da pretônica na fala gaúcha e verifica que as vogais orais posteriores e as nasais anteriores atuam como favorecedoras do alçamento. No dialeto culto do Rio de Janeiro, Yacovenco (1993) verifica os mesmos resultados de Bisol.

Em relação ao caráter nasal da pretônica, a classificação que daremos é a seguinte:

- pretônica nasal, como em **mentira**
- pretônica oral, como em **pequeno**

➤ *Pretônica seguinte*

A pretônica seguinte é a vogal que se encontra na sílaba seguinte, ou seja, à direita da pretônica. Nos trabalhos de Yacovenco (1981), Fontis (2004), Graebin (2008) e Silva (2009), essa variável atua fortemente no comportamento das pretônicas. Nesse estudo, classificamos a pretônica seguinte da seguinte forma:

- baixa [a] – ex[a]tamente
- média-fechada posterior [o]- col[o]ral

- média-fechada anterior [e]- pert[e]ncia
- média aberta anterior [ɛ] – não houve ocorrência
- média aberta posterior [ɔ] - não houve ocorrência
- alta posterior [u]- com[u]nidade
- alta anterior [i] – pric[i]sava
- ditongo.- prefeitura

➤ *Estrutura da sílaba*

Nos estudos destacados na revisão da literatura, a estrutura da sílaba revela-se importante no comportamento das vogais pretônicas. Nessa pesquisa, a estrutura da sílaba foi classificada como aberta - a estrutura da sílaba pretônica é formada por uma consoante seguida de uma vogal (**levantar, começava**) - ou fechada - a estrutura da sílaba da pretônica é formada por uma consoante-vogal-consoante (**cortar, perguntei**).

Viegas (1987) e Fontis (2004) levam em consideração essa variável em seus estudos. No trabalho de Viegas a estrutura consoante-vogal foi relevante apenas para o alçamento de [o]. Já a estrutura consoante-vogal-consoante atuou tanto no alçamento do [e] quanto no do [o].

No estudo de Fontis (2004), a sílaba aberta favoreceu a elevação de /e/ e de /o/ e atuou no abaixamento do /e/.

➤ *Ponto de articulação das consoantes precedente e seguinte*

O ponto de articulação das consoantes é importante para análise das pretônicas, pois assim podemos identificar os articuladores envolvidos na produção do segmento consonantal e assim determinar a influência destes sobre as vogais estudadas.

Vale destacar que em boa parte dos estudos destacados na revisão da literatura como o de Bisol (1981), Viegas (1987), Silva (1989), Fontis (2004), Graebin (2008) e Silva (2009), a atuação das consoantes precedentes e seguintes à pretônica foi importante na realização dessas vogais.

É importante comentar que as consoantes velar e a palatal possuem uma articulação em que há elevação da língua. Assim, é provável que essas consoantes atuem fortemente no

alçamento das pretônicas. Nos estudos de Bisol (1981), Silva (1989) , Yacovenco (1993) e Fontis (2004), a consoante velar atuou no alçamento das pretônicas.

Em relação ao abaixamento, as alveolares são as consoantes que mais se destacaram nos estudos sobre as médias pretônicas. Bisol (1981) comenta que a atuação das consoantes alveolares no abaixamento deve-se ao fato das vogais baixas e as consoantes alveolares serem produzidas com a altura da língua aproximada. Neste estudo classificamos as consoantes como:

- bilabial [p, b, m] – separado, **morar**
- labiodental [f, v]- levado, **troféu**
- palatal [ɲ, ʎ] – melhor, **conhecem**
- alveolar [t, d, z, n, l, r, s]- colégio, **negócio**
- velar [k, g, h, x] – relatório, **locais**
- alveolopalatal [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]- projeto, **chorar**
- ausência.

➤ *Modo de articulação das consoantes precedente e seguinte*

Como destacado anteriormente, as consoantes têm um papel importante na realização das médias pretônicas. Segundo Cristóvão Silva (2010), o modo de articulação está relacionado ao tipo de obstrução da corrente de ar durante a produção de um segmento. Assim, é possível que as consoantes precedentes e seguintes possam influenciar o comportamento das médias pretônicas.

No Rio de Janeiro (YACOVENCO, 1993), as consoantes nasal e obstruente foram relevantes para elevação da vogal média-fechada posterior.

- oclusiva [p, b, t, d, k, g] – separado, colégio
- nasal [m, n, ɲ] – mentira, **morar**
- fricativa [s, z, ʃ, ʒ, X, f, v, h, ɦ] – levado, **Fortaleza**
- tepe [r]- **morar, prefeito**
- laterais [l, ʎ]- **coloca, melhor**
- ausência

➤ *Atonicidade*

A atonicidade refere-se à vogal média pretônica e a possibilidade de tornar-se tônica ou se manter átona no processo derivacional. Com isso, observamos quais vogais são mais suscetíveis à variação.

A classificação dada nesse estudo foi a seguinte:

Átona permanente – o caráter átono da vogal é mantido. (*pedir – pedia*)

Átona casual média – perde a tonicidade e se realiza como uma tônica média-alta. (*tempo – tempão*)

Átona casual baixa – após a derivação, deixa de ser média-baixa, realizando-se como uma tônica média-alta, perdendo a atonicidade. (*conversa-conversar*)

No estudo de Bisol (1984) e Fontis (2004), a vogal átona permanente foi extremamente atuante na elevação da média pretônica. Já a vogal casual baixa atuou no abaixamento das médias pretônicas em Nova Venécia

#### 4.4.3 Variáveis sociais

Os fatores sociais considerados neste estudo foram os mesmos utilizados no corpus Portvix: faixa etária - 7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 -, escolaridade - ensino fundamental, ensino médio e ensino universitário - e gênero/sexo - feminino e masculino. No quadro a seguir, temos a distribuição das células sociais utilizadas na análise das médias pretônicas.

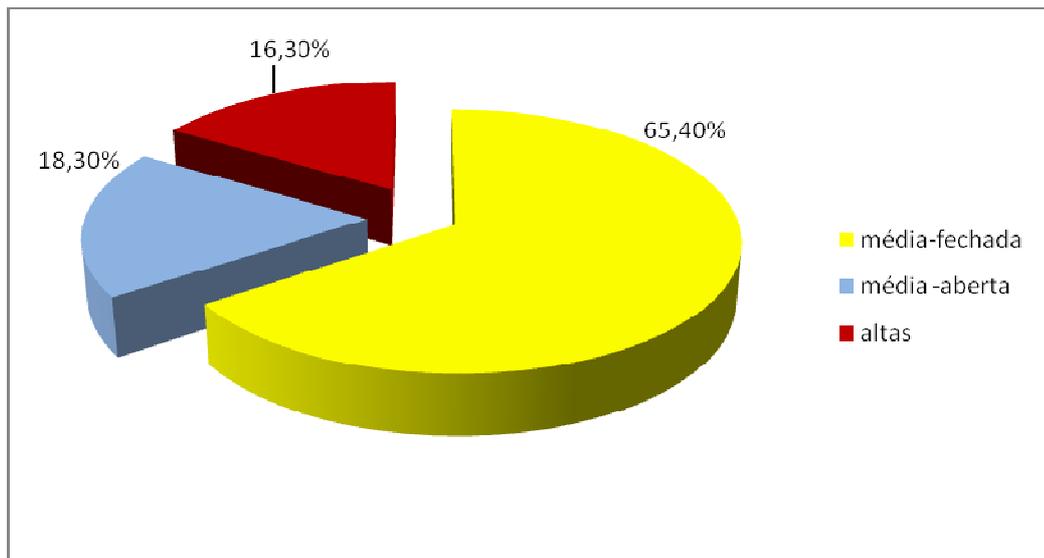
**Quadro 9 – Distribuição das células sociais utilizadas na análise das médias pretônicas**

(idade→)	7-14		15-25		26-49		50-...		
(sexo→)	H	M	H	M	H	M	H	M	
<b>Ensino fundamental</b>	1	1	1	1	1	1	1	1	=8
<b>Ensino médio</b>	-	-	1	1	1	1	1	1	=6
<b>Ensino superior</b>	-	-	1	1	1	1	1	1	=6

## CAPÍTULO V - RESULTADOS

Em nosso *corpus* foi encontrado um total de 1954 ocorrências de vogais médias pretônicas. A seguir temos o gráfico que mostra o quadro geral da distribuição dessas vogais na fala de Vitória.

**Gráfico 1 – Distribuição das vogais médias pretônicas na fala de Vitória.**

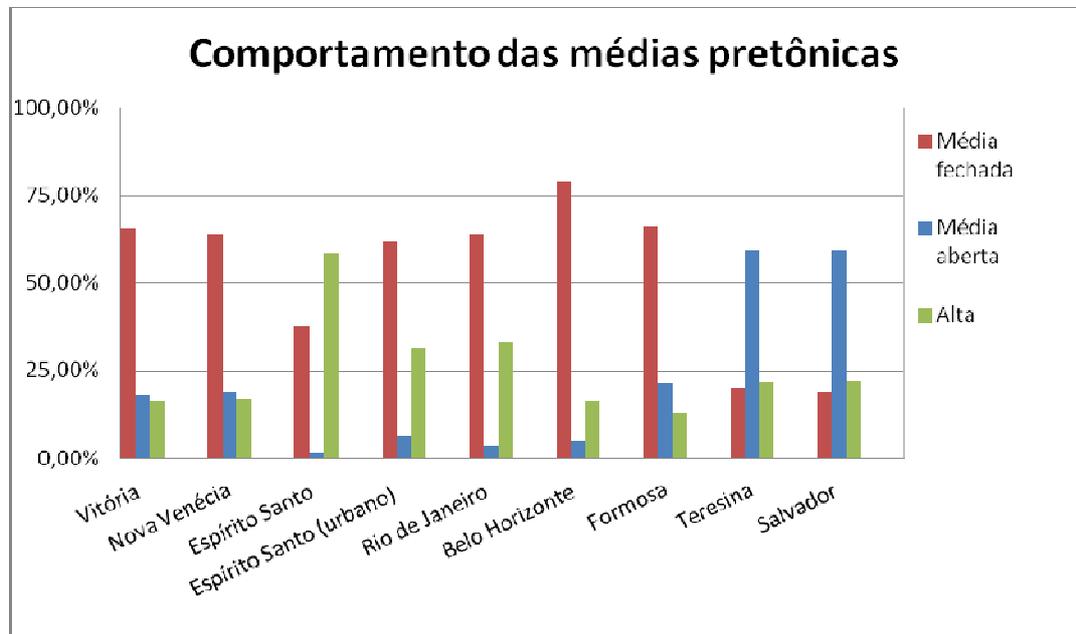


Verificamos que, de um total de 1954 médias pretônicas, temos 1271 ocorrências (65,4%) de médias-fechadas, 356 (18,3%) de médias-abertas e 327 (16,3%) de altas. Observa-se que as vogais médias-fechadas são utilizadas com maior frequência pelos falantes de Vitória. Encontramos na variedade capixaba uma porcentagem considerável de casos de abaixamento, fato não considerado pela proposta de divisão dialetal de A. Nascentes. A vogal alta é a menos utilizada nesse dialeto, porém apresenta uma porcentagem bem próxima a do abaixamento. No quadro e no gráfico a seguir fizemos uma comparação da variedade de Vitória com variedades do sudeste, nordeste e centro-oeste.

**Quadro 10 - Quadro comparativo entre as variedades estudadas**

<b>Dialetos</b>	<b>Média – aberta</b>	<b>Média – fechada</b>	<b>Alta</b>
<b>Vitória – ES</b>	374/2083 18,3%	1356/2083 65,40%	353/2083 16,3%
<b>Nova Venécia- ES (FONTIS, 2004)</b>	18,9%	64,2%	16,9%
<b>Espírito Santo – (VIEIRA, 2010)</b>	10/613 1,7 %	233/613 38 %	359/613 58,5 %
<b>Espírito Santo (urbano)– (VIEIRA, 2010)</b>	10/148 6,8%	90/148 61,5%	47/148 31,7%
<b>Rio de Janeiro –RJ (YACOVENCO,1993)</b>	137/4189 3,3%	2674/4189 63,8%	1378/4189 32,9%
<b>Belo Horizonte – MG (ALVES, 2008)</b>	231/4951 4,8%	3917/4951 79%	803/4951 16,2%
<b>Formosa- GO (GRAEBIN, 2008)</b>	863/4123 21%	2723/4123 66%	537/4123 13%
<b>Teresina- PI (SILVA, 2009)</b>	3155/5308 59,4%	1005/5308 19,9%	1153/5308 21,7%
<b>Salvador –BA (SILVA,1989)</b>	1941/3269 59,3%	610/3269 18,7%	718/3269 22%

**Gráfico 2 - Comportamento das médias pretônicas nas variedades do Sudeste, Centro-oeste e Nordeste**



Observando o gráfico e o quadro acima, verificamos que nas variedades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Nova Venécia, Formosa e Vitória há preferência pela média fechada. Podemos observar que o comportamento das médias pretônicas em Nova Venécia e em Vitória é praticamente igual. Nas variedades do nordeste, as vogais médias-abertas são as mais utilizadas.

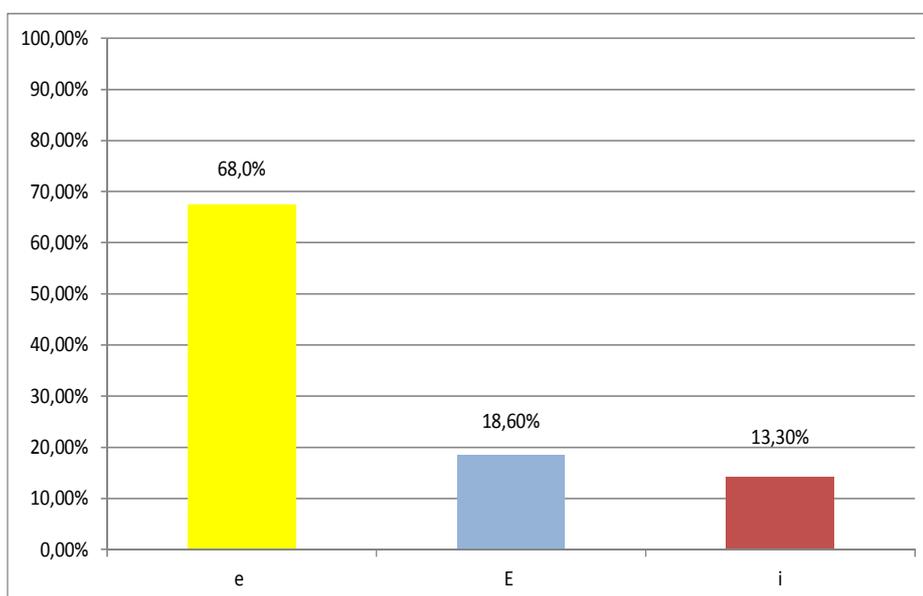
Em Nova Venécia, Vitória e Formosa, observamos uma quantidade considerável de médias abertas, sendo esta a segunda variante utilizada pelos falantes. No Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, a vogal média-aberta é pouquíssimo utilizada. A média-alta é a segunda variante mais utilizada no Piauí, em Salvador, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Vale resaltar que em Vitória e Nova Venécia a frequência de utilização da média-aberta é bem próxima a da alta.

No trabalho de cunho dialetológico de Vieira (2010), vale resaltar que foram utilizados itens lexicais que possuíam ambientes favorecedores ao alçamento. Com isso, os resultados gerais são diferentes dos obtidos em nosso estudo. Porém, quando Vieira separa a zona rural da zona urbana, encontramos algumas semelhanças com o nosso estudo. Na zona urbana, as médias fechadas são as mais frequentes seguidas das pretônicas altas, e, por fim, das médias-abertas. No nosso estudo, que é de cunho sociolinguístico, a média-fechada também é preferência na fala de Vitória, porém as médias-abertas superam as altas.

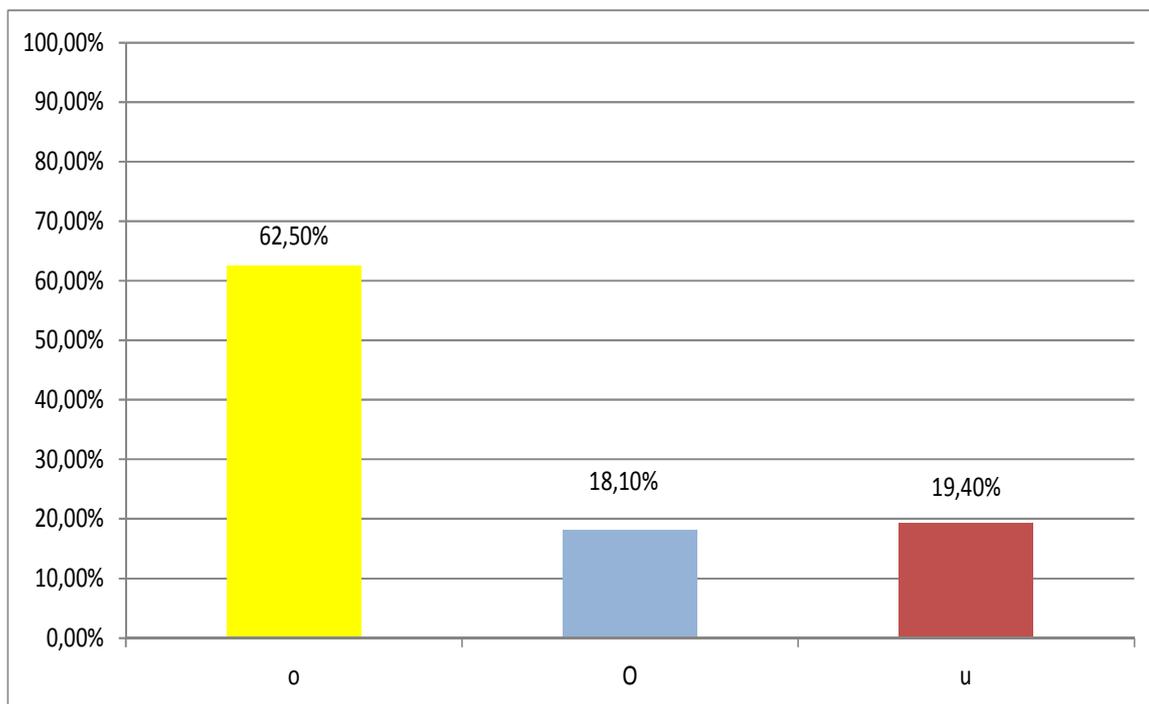
## 5.1 RESULTADO GERAL: ANTERIORES E POSTERIORES

Nos gráficos a seguir, mostraremos os resultados das vogais posteriores separadas das anteriores, com o objetivo de verificar se existem diferenças de comportamento entre as duas. Além disso, faremos uma comparação entre Vitória, Zona Urbana do Espírito Santo e Nova Venécia.

**Gráfico 3 – Distribuição das pretônicas anteriores em Vitória**



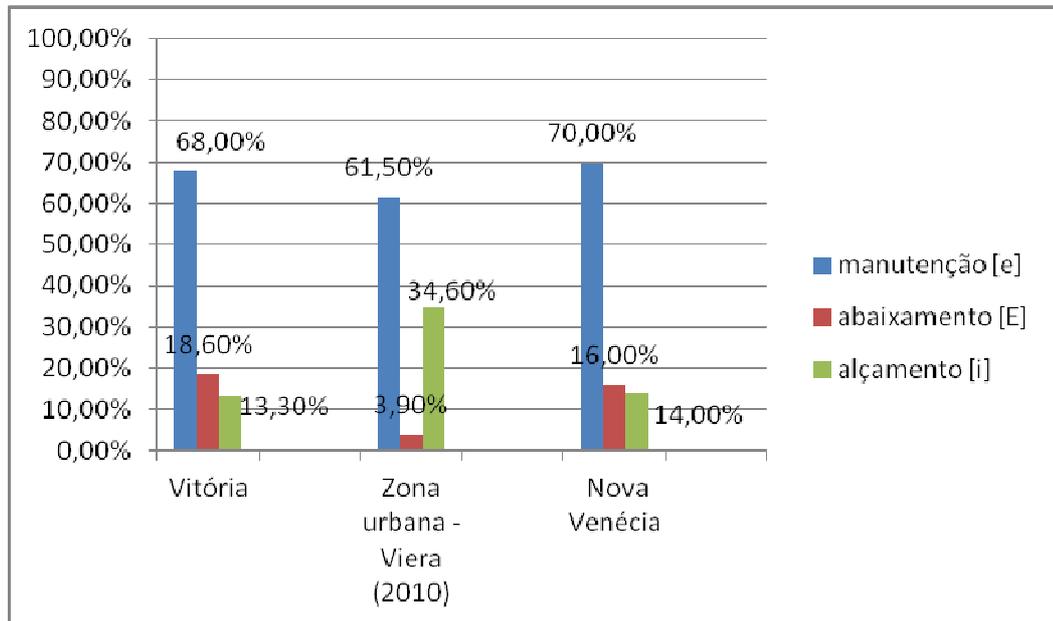
**Gráfico 4 – Distribuição das pretônicas posteriores em Vitória**



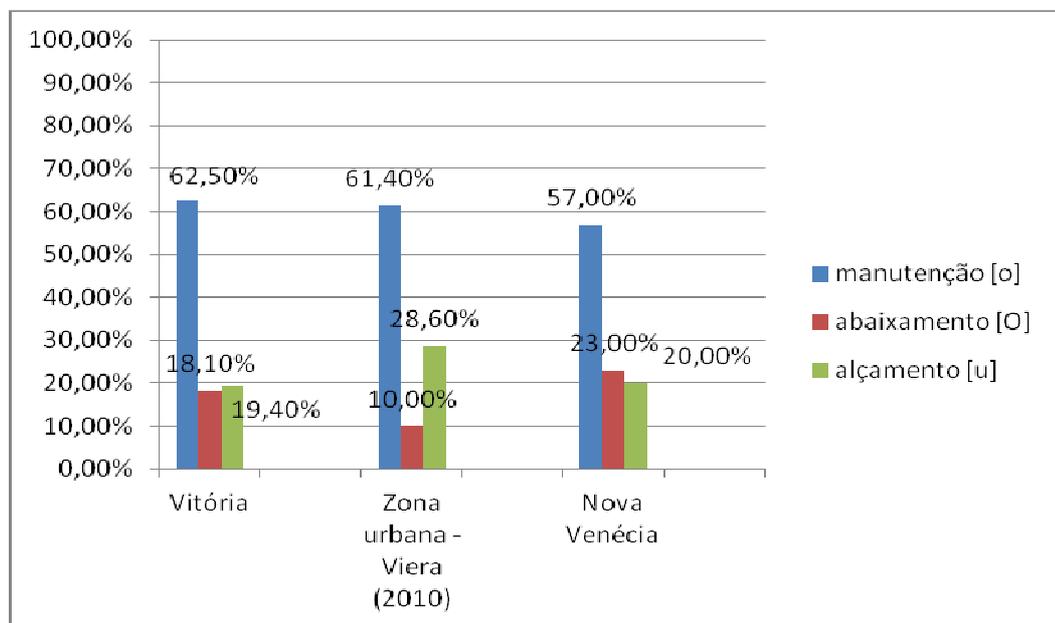
Observando os gráficos 4, verificamos que há um percentual maior de alçamento (19,4%) das médias posteriores do que de abaixamento (18,10%). No caso das anteriores, as médias-abertas (18,6%) superam as altas (13,3%). Vale resaltar que em ambos os casos a média-fechada é a mais utilizada.

No gráfico a seguir temos os resultados do comportamento das vogais médias posteriores e anteriores em Nova Venécia/ES, zona urbana do Espírito Santo e Vitória.

**Gráfico 5 – Distribuição das pretônicas anteriores (Vitória, zona urbana do Espírito Santo e Nova Venécia –ES)**



**Gráfico 6 – Distribuição das pretônicas posteriores (Vitória, zona urbana do Espírito Santo e Nova Venécia –ES)**



No trabalho de cunho dialetológico de Vieira (2010), em relação à pretônica [e], na capital, verifica-se que o alçamento chega a 34,6%. O abaixamento é pouco privilegiado na fala dos informantes, chegando a apenas 3,9%. No caso da pretônica [o], o alçamento (28,6%) possui um valor bem mais elevado se comparado ao abaixamento (7%). Comparando

os resultados da zona urbana com os de Vitória, observa-se uma diferença considerável em relação ao abaixamento. Isso, provavelmente, ocorreu devido ao fato de os itens lexicais utilizados no trabalho de Vieira possuírem ambientes que desfavoreceram o abaixamento.

No que diz respeito à Nova Venécia, vale a pena resaltar que os resultados aproximam-se dos da nossa pesquisa: o abaixamento da média-fechada anterior (16%) é mais frequente na fala dos venecianos do que o alçamento (14%). O mesmo fato acontece com a média-fechada posterior, isto é, o valor percentual do alteamento (20%) é bem próximo do abaixamento (23%).

## 5.2 FATORES ATUANTES NO ALÇAMENTO E ABAIXAMENTO

Em nossa pesquisa, para compreender o funcionamento das médias pretônicas, tratamos separadamente do alçamento e do abaixamento das pretônicas. As rodadas feitas no programa GoldvarbX foram:

➤ **Alçamento:**

**Alta anterior x média-fechada anterior (i x e)**

**Alta posterior x média-fechada posterior (u x o)**

➤ **Abaixamento:**

**Média-aberta anterior x média-fechada anterior (ɛ x e)**

**Média-aberta posterior x média-fechada posterior (ɔ x o)**

No quadro a seguir, temos as variáveis selecionadas e a ordem de seleção para o alçamento e abaixamento das médias pretônicas.

**QUADRO 11 - Variáveis selecionadas para alçamento e abaixamento das médias pretônicas**

Variáveis	Alçamento		Abaixamento	
	Variáveis selecionadas e Ordem de Seleção		Variáveis selecionadas e Ordem de Seleção	
	Vogal [e]	Vogal [o]	Vogal [e]	Vogal [o]
<b>Distância da Pretônica</b>				
<b>Tipo de Tônica</b>	1	1	1	1
<b>Nasalidade da Pretônica</b>		8		
<b>Estrutura da Sílabas</b>	6	3		3
<b>Pretônica Seguinte</b>	3		4	4
<b>Cons. Prec. Ponto de Art.</b>	4	6	3	7
<b>Cons.Prec. Modo de Art</b>	9	4	6	6
<b>Cons. Seg. Ponto de Art.</b>	5	2	2	5
<b>Cons. Seg. Modo de Art.</b>	7	7	5	2
<b>Atonicidade</b>	2			
<b>Faixa etária</b>	8			
<b>Sexo/Gênero</b>				
<b>Escolaridade</b>	10	5	7	

A partir dos dados acima, observamos que muitas das variáveis linguísticas (tipo de tônica, ponto de articulação da consoante precedente e seguinte e modo de articulação da consoante precedente e seguinte) foram selecionadas tanto para o alçamento quanto para o abaixamento. Cabe ressaltar que a ordem de seleção não foi a mesma.

Vale destacar que o tipo de tônica foi a variável mais importante tanto para o alçamento quanto para o abaixamento. Assim, podemos considerar a possibilidade de harmonização vocálica. Além da vogal tônica, a pretônica seguinte foi selecionada para o alçamento do /e/ e para o abaixamento do /e/ e /o/. Podemos, então, considerar a possibilidade de a pretônica assimilar do traço da vogal seguinte.

Em relação às variáveis sociais, a faixa etária foi selecionada apenas para o alçamento de /e/. Já escolaridade foi um fator relevante para o alçamento de /e/ e /o/ e para o abaixamento do /e/. Nenhuma variável social foi selecionada para o abaixamento do /o/.

Nos tópicos a seguir, analisaremos todas as variáveis que atuam no alçamento e no abaixamento das médias pretônicas /e/ e /o/.

### **5.3 FATORES ATUANTES NO ALÇAMENTO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS**

Nos subtópicos a seguir, analisaremos todas as variáveis que atuam no alçamento das médias pretônicas /e/ e /o/.

#### *5.3.1 Tipo de tônica*

Tanto para o alçamento do /e/ quanto para o do /o/, o tipo de tônica foi a primeira variável selecionada. Com isso, é possível que a pretônica venha assimilando o traço da tônica. Para analisarmos se de fato ocorreu essa assimilação, a seguir temos as tabelas com as frequências e com os pesos relativos.

Tabela 1 – Efeito do fator tônica sobre o alçamento da pretônicas /e/ e /o/

Tipo de tônica	Alçamento de /e/		Alçamento de /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>e</b> (p[i]queno)	5/161 = 3,1%	0.16	-	-
<b>o</b> (p[i]rigoso)	5/33 = 15,2%	0.52	-	-
*médias- fechadas (c[u]mer, p[i]rigoso)	-		36/170 = 21,2%	0.34
<b>i</b> (pr[i]ciso, c[u]midas)	56/153 = 35,9%	<b>0.87</b>	78/121 = 64,5%	<b>0.83</b>
<b>u</b> (s[i]gura, gr[u]ssura)	20/47 = 42,6 %	<b>0.86</b>	5/15 = 33,3%	<b>0.94</b>
<b>ɛ</b> (c[i]mitério, m[u]queca)	1/3 = 33,3 %	<b>0.72</b>	22/46 = 47,8	<b>0.94</b>
<b>ɔ</b> ([i]norme, g[u]rdurosas)	7/26 = 26,9%	<b>0.71</b>	1/5 = 20%	<b>0.63</b>
<b>a</b> (p[i]ruada, p[u]lcial)	20/230 = 8,7%	0.35	30/209 = 14,4%	0.38
<b>Ditongo</b> (pr[i]cisei, cach[u]eiro)	19/153 = 12,4%	0.49	12/103 = 11,7%	0.20
<b>Total</b>	132/806 = 16,4%		184/669 = 27,5 %	

\* Para o alçamento de [o], as médias- fechadas posteriores e anteriores foram rodadas juntas.

No presente estudo, em relação ao alçamento do /e/, além das vogais tônicas altas [i, u], as médias-abertas também tiveram peso relativo elevado. Porém, vale ressaltar, no que diz respeito ao alçamento do /e/, que há somente oito casos em que os vocábulos que sofreram alçamento da pretônica tinham a tônica média-aberta: <sup>14</sup>1) Tônica ɔ - [i]n[ɔ]rme (2 ocorrências), s[i]nh[ɔ]ra (3 ocorrências) e fut[i]b[ɔ]l (2 ocorrências); 2) Tônica [ɛ] – c[i]mitério (1 ocorrência). Nesses casos, observa-se que: em *enorme*, a vogal está em posição inicial, seguida de nasal; 2) em *senhora*, a pretônica também é seguida de nasal; 3) em *futebol* e *cemitério*, há uma vogal alta adjacente. Esses fatos podem ter influenciado na

<sup>14</sup>Optamos por fazer a análise acústica, sendo assim devido à falta de tempo não foi possível aprofundar a análise da frequência dos itens lexicais baseado-se em uma ou mais teorias ( Teoria dos Exemplares (BYABEE, 2001), neogramáticos ou difusionistas).

elevação da pretônica. Ressalta-se, também, que todos são itens frequentes na língua portuguesa.

No alçamento do /o/, além de as tônicas altas atuarem fortemente no alçamento, as médias-abertas também tiveram pesos relativos altos. Destacamos que há somente vinte e três casos em que os vocábulos que sofreram alçamento da pretônica tinham a tônica média-aberta: 1) Tônica [ɛ]- m[u]qu[ɛ]ca (8 ocorrências), m[u]l[ɛ]que (3 ocorrências), c[u]nv[ɛ]rsas (3 ocorrências) ,c[u]nv[ɛ]rso (2 ocorrências), c[u]lh[ɛ]r (3 ocorrências), c[u]m[ɛ]ça (3 ocorrências) ; 2) Tônica [ɔ]- g[u]rdur[ɔ]sas (1 ocorrência). Podemos observar que nesses casos o ambiente fonético favorece o alçamento: a pretônica atua juntamente com a consoante adjacente bilabial e nasal na maior parte dos casos. No que diz respeito ao vocábulo g[u]rdurosos a vogal média pretônica pode estar assimilando o traço alto da vogal [u] presente na sílaba seguinte.

### *5.3.2 Ponto de articulação da consoante precedente*

O ponto de articulação da consoante precedente foi a quarta variável selecionada para o alçamento do /e/ e a sexta para o /o/. A seguir temos a tabela com as frequências e os pesos relativos.

**Tabela 2 – Efeito do ponto de articulação da consoante precedente sobre o alçamento de /e/ e /o/.**

Ponto de art. da cons. Precedente	Alçamento de /e/		Alçamento de /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>Alveolar</b> (c[i]mitério,d[u]rmia)	99/450 = 22,0%	<b>0.63</b>	28/148 = 18,9%	0.34
<b>Labiodental</b> (v[i]stir,f[u]gão)	4/83 = 4,8%	0.17	1/28 = 3,6%	0.41
<b>Bilabial</b> (p[i]dia, p[u]lcial)	18/131 = 13,7%	<b>0.64</b>	51/132 = 38,6%	<b>0.70</b>
<b>Velar</b> (qu[i]ria, c[u]mer)	4/76 = 5,3%	0.21	99/347 = 28, 5%	0.47
<b>Alveolopalatal</b> (ch[u]veu)	-	-	5/14 = 35,7%	<b>0.88</b>
Ausência ([i]norme)	7/66 = 10,6%	0.19	-	-
<b>Total</b>	132/806 = 16,4 %		184/669 = 27,5 %	

Em relação ao alçamento do /e/, as consoantes precedentes alveolar (s[i]gunda, n[i]nhum, pr[i]cisou) e bilabial (m[i]ntira, p[i]dia) foram as que mais influenciaram a elevação, já as consoantes velar, labiodental e a ausência de consoante atuaram inibindo a aplicação dessa regra. Em relação ao alçamento do /o/, as consoantes bilabial (p[u]lcial, m[u]leque, b[u]nita) e a alveolopalatal (ch[u]veu, Cach[u]eiro) foram as mais atuantes, já a alveolar, velar e labiodental inibem o alçamento.

Fontis (2004) também verifica a atuação da consoante bilabial para o alçamento do /e/. No caso do /o/, diferentemente dos nossos resultados, as consoantes palatal e a velar são as que mais influenciaram seu alçamento.

### 5.3.3 Ponto de articulação da consoante seguinte

O ponto de articulação da consoante seguinte foi a quinta variável selecionada para o alçamento de /e/ e a segunda para o de /o/. A seguir, na tabela 3 temos as frequências e os pesos relativos.

**Tabela 3 – Efeito do ponto de articulação da consoante seguinte sobre o alçamento de /e/ e /o/.**

Lugar de art. da cons. seguinte	Alçamento de /e/		Alçamento de /o/	
	frequência	PR	frequência	PR
<b>alveolar</b> ([i]norme,c[u]zinha)	74/469 = 15,8%	<b>0.63</b>	65/345 = 18,8%	0.43
<b>labiodental</b> (pr[i]firia, ch[u]veu)	6/93 = 6,5%	0.09	5/31 = 16,1%	0.39
<b>bilabial</b> (c[i]mitério, c[u]midas)	7/77 = 9,1%	0.28	75/167 = 44,9%	<b>0.72</b>
<b>velar</b> (s[i]gunda)	28/126 = 22,2%	<b>0.55</b>	17/63 = 27,0%	0.29
<b>palatal</b> (s[i]nhor,c[u]nheço)	13/25 = 52%	<b>0.58</b>	6/39 = 15,4%	0.26
alveolopalatal (m[u]chila)	-	-	2/6 = 33,3%	0.22
<b>ausência</b> (t[i]atro, d[u]ença)	4/16 = 25%	0.49	14/18 = 77,8%	<b>0.97</b>
<b>Total</b>	132/806 = 16,4%		184/669 = 27,5%	

As consoantes alveolar ([i]norme,p[i]dia), palatal (s[i]nhora, n[i]nhuma) e velar (s[i]gunda) favorecem o alçamento do /e/. Em relação a /o/, a consoante bilabial (c[u]mer,s[u]brinha) e a ausência (d[u]ença, d[u]er) atuaram fortemente para aplicação do alçamento.

Nos trabalhos de Bisol (1981) e Silva (1989), as consoantes seguintes palatal e velar também atuaram no alçamento do /e/. No estudo de Fontis (2004), além da bilabial, a palatal atua na elevação do /e/. Na dissertação de Yacovenco (1991), a consoante velar é a que mais influencia o alçamento da média pretônica /e/.

Nos estudos de Bisol (1981), Silva (1989) e Yacovenco (1993), assim como em Vitória, a bilabial favorece o alçamento de /o/.

#### 5.3.4 Modo de articulação da consoante precedente

O modo de articulação da consoante precedente foi a nona variável selecionada para o alçamento do [e] e a quarta para o alçamento do [o].

**Tabela 4 – Efeito do modo de articulação da consoante precedente sobre o alçamento de /e/ e /o/.**

Modo de art. da cons. Precedente	Alçamento de /e/		Alçamento de /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Tepe (pr[i]cisa,pr[u]veito)	33/98 = 33,7%	<b>0.59</b>	2/60 = 3,3%	0.12
Nasal (m[i]ntira,m[u]leque)	15/67 = 22,4%	0.26	20/61 = 32,8%	0.32
Fricativa (s[i]nhora,ch[u]veu)	37/232 = 15,9%	<b>0.63</b>	11/68 = 16,2%	0.33
Lateral (fal[i]cido)	1/27 = 3,7%	0.08	-	-
Oclusiva (p[i]dia, p[u]lcial)	39/316 = 12,3%	0.50	151/480 = 31,5%	<b>0.61</b>
Ausência ([i]norme)	7/66 = 10,6%	0.42	-	-
<b>Total</b>	132/806 = 16,4 %		184/669 = 27,5%	

As consoantes tepe e fricativa precedente atuam no alçamento do /e/. Já para o alçamento de /o/, a consoante oclusiva foi a que mais atuou na aplicação dessa regra.

No estudo de Yacovenco (1993), no que diz respeito ao alçamento do /e/, as consoantes laterais precedentes atuam na elevação da pretônica. Em relação ao /o/, as oclusivas precedentes atuam no alçamento.

### 5.3.5 Modo de articulação da consoante seguinte

O modo de articulação da consoante seguinte foi a sétima variável selecionada, tanto para o alçamento de /o/ quanto para o de /e/. A seguir, temos as tabelas com os pesos relativos e as frequências.

**Tabela 5 – Efeito do modo de articulação da consoante seguinte sobre o alçamento as pretônicas /e/ e /o/**

Modo de art. da cons. Seguinte	Alçamento de /e/		Alçamento de /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Tepe (p[i]rigoso)	9/82 = 11%	0.43	-	-
Nasal (c[i]mitério, c[u]midas)	28/137 = 20,4%	<b>0.70</b>	89/304 = 29,3%	0.32
Fricativa (t[i]souro, ch[u]ver)	57/321 = 17,8%	<b>0.62</b>	36/149 = 24,2%	<b>0.81</b>
Lateral (prat[i]leira, p[u]lcial)	2/56 = 3,6%	0.13	14/78 = 17,9%	<b>0.58</b>
Oclusiva (p[i]dia,n[u]tícia)	32/195 = 16,4%	0.31	31/120 = 25,8%	0.36
Ausência (t[i]atro, d[u]ença)	4/15 = 26,7%	<b>0.66</b>	14/18 = 77,8%	<b>0.63</b>
<b>Total</b>	132/806 = 16,4 %		184/669 = 27,5%	

As consoantes seguintes nasal, fricativa e a ausência de consoante são as variáveis mais relevantes para o alçamento do /e/. No caso de /o/, as consoantes fricativa, lateral e a ausência de consoante atuam fortemente na elevação.

No estudo de Yacovenco (1993), no que diz respeito ao alçamento do /e/, as consoantes oclusivas e nasais seguintes atuam fortemente na elevação da pretônica. Em relação ao /o/, as nasais seguintes atuam no alçamento.

### 5.3.6 Estrutura da sílaba

A estrutura da sílaba foi a sexta variável selecionada para o alçamento de /e/ e a terceira para o alçamento de /o/.

**Tabela 6 - Efeito da estrutura da sílaba sobre o alçamento das pretônicas /e/ e /o/**

Estrutura da sílaba	Alçamento de /e/		Alçamento de /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Aberta (melhor, local)	118/627 = 18,8% (p[i]dia, p[u]dia)	<b>0.63</b>	166/458 = 36,2%	<b>0.69</b>
Fechada (perguntei, mostrar)	14/179 = 7,8% (m[i]ntira, c[u]nversa)	0.13	18/211 = 8,5%	0.16
<b>Total</b>	132/806 = 16,4%		184/669 = 27,5%	

A sílaba aberta teve maior efeito sobre o alçamento, tanto do /e/, quanto de /o/ do que a sílaba fechada. O mesmo fato ocorre nos estudos de Fontis (2004), ou seja, a estrutura sem o preenchimento da coda silábica também é a que mais favorece o alçamento da média pretônica.

### 5.3.7 Pretônica seguinte

A vogal da sílaba seguinte à pretônica foi relevante apenas para o alçamento de /e/. Essa foi a terceira variável selecionada.

**Tabela 7 – Efeito da pretônica seguinte sobre o alçamento da média pretônica /e/**

Pretônica seguinte	Alçamento de /e/	
	Frequência	PR
e (pr[i]feriria)	6/78 = 7,7%	0.28
o (p[i]sonalidade)	1/43 = 2,3%	0.084
i (p[i]rigoso)	17/71 = 23,9%	<b>0.68</b>
a (d[i]smaiou)	3/40 = 7,5%	0.40
Ditongo (t[e]souraria)	2/24 = 8,3%	0.14
Ausência (pr[i]firo)	102/528 = 19,3%	<b>0.60</b>
<b>Total</b>	132/806 = 16,4 %	

Em Vitória, nos casos em que a vogal contígua à pretônica é [i], a tendência ao alçamento é grande. Bisol (1981) verificou em seus estudos que na variedade do Rio Grande do Sul existe o processo de harmonização vocálica. Isso ocorre independentemente da tonicidade da vogal seguinte, uma vez que, nessa variedade, a vogal alta da sílaba seguinte pode atingir uma, algumas ou todas as vogais da palavra como no exemplo (adormecir[i]a-adorm[i]c[i]ria- ad[u]rm[i]c[i]ria).

### 5.3.8 Atonicidade

A atonicidade foi a segunda variável selecionada para o alçamento do /e/, porém não foi selecionada para o alçamento do /o/.

**Tabela 8 – Efeito da atonicidade sobre o alçamento da média pretônica /e/**

<b>Atonicidade</b>	<b>Alçamento de /e/</b>	
	<b>frequência</b>	<b>PR</b>
Permanente	129/737 = 22,7 %	<b>0.59</b>
Casual média	2/67 = 3 %	0.015
<b>Total</b>	132/806 = 16,4 %	

A atonicidade permanente foi mais relevante para o alçamento do /e/, mas vale destacar que os dados (casual média) são poucos para que cheguemos a uma conclusão precisa. No trabalho de Yacovenco (1993) e no de Fontis (2004), a atonicidade permanente também foi relevante no alçamento das médias pretônicas

### 6.3.9 Nasalidade

A nasalidade foi a oitava variável selecionada para o alçamento de /o/. A pretônica nasal é mais susceptível ao alçamento do que a oral.

**Tabela 9 - Efeito da nasalidade sobre a média pretônica /o/**

Nasalidade	Alçamento de /o/	
	Frequência	PR
<b>Nasal</b> (c[u]nversa)	94/303 = 31,0 %	<b>0.67</b>
<b>Oral</b> (pr[u]curar)	90/366 = 24,6%	0.35
<b>Total</b>	184/669 = 27,5%	

Fontis (2004) também analisou essa variável, porém, no caso do /o/, a pretônica oral é mais propensa ao alçamento. Observe a tabela abaixo:

**Tabela 10 - Efeito da nasalidade sobre a média pretônica /o/ em Nova Venécia –ES**

Nasalidade	Alçamento de /o/	
	Frequência	PR
<b>Nasal</b> (c[u]nversa)	67/319 = 21 %	0.45
<b>Oral</b> (pr[u]curar)	192/917 = 20 %	<b>0.55</b>
<b>Total</b>	259/1236 = 20,9%	

### 5.3.10 Escolaridade

A escolaridade foi a nona variável selecionada para o /e/ e a quinta para /o/. Foi a única variável social selecionada para o alçamento de /o/.

**Tabela 11 - Efeito da escolaridade sobre o alçamento das pretônicas /e/ e /o/**

Escolaridade	Alçamento de /e/		Alçamento de /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Fundamental	58/306 = 19%	<b>0.59</b>	60/256 = 23,4%	0.46
Médio	44/237 = 18,6%	0.53	46/190 = 24,2%	0.41
Universitário	30/263 = 11,4%	0.36	78/223 = 35,0%	<b>0.62</b>
<b>Total</b>	132/806 = 16,4%		184/669 = 27,5%	

Podemos observar que em relação a /e/ os falantes menos escolarizados têm maior tendência ao alçamento. Já no caso do /o/, o inverso acontece: os mais escolarizados são os que mais fazem o alçamento das médias posteriores.

### 5.3.11 Faixa etária

A variável faixa etária foi a última selecionada para o alçamento de /e/. Essa variável não foi significativa para a elevação de /o/. Observe a tabela a seguir.

**Tabela 12 – Efeito da faixa etária sobre o alçamento da média pretônica /e/**

Faixa etária	Alçamento de /e/	
	Frequência	PR
7 a 14	8/88 = 9,1%	0.22
15 a 25	31/220 = 14,1%	0.45
26 a 49	43/272 = 15,8%	0.49
Acima de 50	50/226 = 22,1%	<b>0.68</b>
<b>Total</b>	132/806 = 16,4%	

Observamos a partir dos dados dispostos na tabela acima que quanto mais velho o falante maior a utilização da vogal /e/ alçada, ou seja, conforme a faixa etária vai aumentando o favorecimento da elevação de /e/ também vai se elevando.

## 5.4 ABAIXAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

### 5.4.1 Tipo de Tônica

O tipo de tônica foi a primeira variável selecionada tanto para o abaixamento do /e/ quanto para o de /o/.

Tabela 13 - Efeito da tônica sobre o abaixamento das pretônicas /e/ e /o/

Tipo de tônica	Abaixamento de /e/		Abaixamento de /o/	
	frequência	PR	frequência	PR
<b>e</b> ([ɛ]xemplo)	24/180 = 13,3 %	0.51	-	-
<b>o</b> (v[ɛ]rgonha)	5/33 = 15,2 %	0.47	-	-
<b>Média-fechada</b> (F[ɔ]rtaleza)	-	-	8/165 = 4,8 %	0.09
<b>i</b> (r[ɛ]alista)	2/97 = 2,1 %	0.07	-	-
<b>u</b> (p[ɛ]gunta)	1/16 = 6,2 %	0.17	-	-
<b>Média-alta</b> (p[ɔ]rcaria)	-	-	8/87 = 9,2 %	0.25
<b>E</b> (r[ɛ]médio)	14/16 = 87,5 %	<b>0.98</b>	-	-
<b>o</b> (r[ɛ]latório)	40/59 = 67,8 %	<b>0.88</b>	-	-
<b>Média -Baixa</b> (c[ɔ]loca, c[ɔ]légio)	-	-	39/68 = 57,4 %	<b>0.94</b>
<b>a</b> ([ɔ]perada l[ɛ]gal)	74/278 = 26,6 %	<b>0.65</b>	102/318 = 32,1%	<b>0.76</b>
<b>ditongo</b> (l[ɔ]cais, r[ɛ]parei)	23/156 = 14,7 %	0.38	14/124 = 11,3 %	0.33
<b>Total</b>	183/835 = 21,9 %		171/762 = 22,4 %	

Verificamos a partir da tabela acima que as vogais abertas [ɛ] e [ɔ] e a baixa central [a] são extremamente atuantes no abaixamento das médias pretônicas. O percentual e o peso relativo do abaixamento diante dessas vogais são bem elevados. Com base nesses resultados é possível concluir que possivelmente a média pretônica pronunciada de forma abaixada assimile o traço da tônica.

#### 5.4.2 Ponto de articulação da consoante precedente

O ponto de articulação da consoante precedente foi a terceira variável selecionada para o abaixamento de /e/ e a sétima para o abaixamento de /o/.

**Tabela 14 – Efeito do ponto de articulação da consoante precedente sobre o abaixamento das pretônicas /e/ e /o/**

Ponto de art. da cons. precedente	Abaixamento de /e/		Abaixamento de /o/	
	frequência	PR	frequência	PR
<b>alveolar</b> (l[ɛ]gal, l[ɔ]cais)	61/399 = 15,3 %	0.38	49/171 = 28,7 %	<b>0.61</b>
<b>labiodental</b> (v[ɛ]rdade, v[ɔ]tada)	19/64 = 29,7 %	<b>0.65</b>	9/39 = 23,1 %	<b>0.85</b>
<b>bilabial</b> (p[ɛ]rgunta, m[ɔ]rar)	36/146 = 24,7 %	<b>0.65</b>	26/110 = 23,6 %	0.38
<b>velar</b> (qu[ɛ]brar, c[ɔ]légio)	44/112 = 39,3 %	<b>0.60</b>	46/305 = 15,1 %	0.36
<b>alveolopalatal</b> (ch[ɛ]gar, ch[ɔ]rar)	13/47 = 27,7 %	0.49	9/20 = 45 %	<b>0.90</b>
<b>ausência</b> ([ɛ]xemplo, [ɔ]pção)	10/67 = 14,9 %	<b>0.58</b>	32/117 = 24,8 %	<b>0.58</b>
<b>Total</b>	183/835 = 21,9 %		171/762 = 22,4 %	

Em relação ao abaixamento de /e/ as consoantes precedentes que mais atuaram foram: a bilabial, labiodental, velar e a ausência de consoante. Em Nova Venécia-ES, o resultado foi semelhante para o /e/: a consoante labiodental foi a que mais atuou na aplicação dessa regra na fala dos venecianos. Em Formosa-GO, como em Vitória, a velar também atuou no abaixamento do /e/. No que diz respeito ao funcionamento de /e/, a consoante alveolar parece desfavorecer o abaixamento.

No caso de /o/, as alveolopalatais, labiodentais, alveolares e a ausência de consoante são as que mais atuam na elevação da pretônica. Já a bilabial e a velar desfavorecem a aplicação dessa regra.

#### 5.4.3 Ponto de articulação da consoante seguinte

O ponto de articulação da consoante seguinte foi a segunda variável selecionada para o abaixamento de /e/ e a quinta para o do /o/.

**Tabela 15 – Efeito do ponto de articulação da consoante seguinte sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/**

Ponto de art. da cons. seguinte	Abaixamento de /e/		Abaixamento de /o/	
	frequência	PR	frequência	PR
<b>alveolar</b> (r[ɛ]dação, g[ɔ]stosa)	45/430 = 10,5 %	0.35	111/458 = 24,2%	0.46
<b>labiodental</b> (l[ɛ]vado, tr[ɔ]féu)	9/84 = 10,7 %	0.23	8/36 = 22,2 %	<b>0.65</b>
<b>bilabial</b> (s[ɛ]parar, c[ɔ]meçava)	19/89 = 21,3 %	<b>0.67</b>	32/144 = 22,2 %	<b>0.82</b>
<b>velar</b> (l[ɛ]gal, l[ɔ]cais,)	77/175 = 44,0 %	<b>0.81</b>	11/71 = 15,5 %	0.24
<b>palatal</b> (m[ɛ]lhor, c[ɔ]nhecem)	15/27 = 55,6 %	<b>0.68</b>	3/43 = 7 %	0.16
<b>alveolopalatal</b> (pr[ɔ]jeto)	-	-	6/10 = 60 %	0.20
<b>ausência</b> (re[ɛ]ais)	18/30 = 60 %	<b>0.60</b>	-	-
<b>Total</b>	183/835 = 21,9 %		171/762 = 22,4 %	

As consoantes seguintes que mais atuaram sobre o abaixamento da pretônica /e/ são: velar, palatal, bilabial e a ausência de consoante. Já as consoantes alveolar e labiodental são estatisticamente desfavorecedoras. É importante ressaltar que as palavras que continham a palatal possuíam o mesmo paradigma, e além disso, uma delas foi repetida várias vezes, m[ɛ]lhor (14) e m[ɛ]lhorar (1). Assim, a influência da palatal sobre a pretônica /e/ não é conclusiva. No trabalho de Silva (2009), a autora destaca também a velar e a palatal como

favorecedoras do abaixamento de /e/ na fala dos piauienses. Em Nova Venécia, Fontis (2004) verificou que as consoantes alveolar e bilabial são as que mais favoreceram o abaixamento.

Em relação a /o/, as consoantes estatisticamente relevantes para o abaixamento são as bilabiais e a labiodentais. As consoantes palatal, alveolopalatal e velar podem ser consideradas desfavorecedoras para o abaixamento de /o/. Em Nova Venécia, a labiodental também foi relevante para o abaixamento. No Piauí, diferentemente de Vitória, a velar foi a consoante mais importante para o abaixamento.

#### 5.4.4 Modo de articulação da consoante precedente

O modo de articulação da consoante precedente é relevante para o abaixamento de /e/ e de /o/. Essa foi a sexta variável selecionada tanto para o abaixamento de /e/ quanto para o de /o/.

**Tabela 16 - Efeito do modo de articulação da consoante precedente sobre o abaixamento das médias pretônicas /e/ e /o/**

Modo de art. da cons. Precedente	Abaixamento de /e/		Abaixamento de /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>Tepe</b> (pr[ɛ]feito, tr[ɔ]féu)	2/54 = 3,7 %	0.40	14/72 = 19,4 %	0.48
<b>Nasal</b> (m[ɛ]lhor, m[ɔ]rar)	40/90 = 44,4 %	0.54	34/79 = 43,0 %	<b>0.67</b>
<b>Fricativa</b> (s[ɛ]parado, v[ɔ]tado)	81/272 = 29,8 %	<b>0.57</b>	20/79 = 25,3 %	0.17
<b>Lateral</b> (l[ɛ]gal, l[ɔ]cal)	15/41 = 36,6 %	<b>0.83</b>	5/6 = 83,3 %	<b>0.98</b>
<b>Oclusiva</b> (p[ɛ]gunta, b[ɔ]tar)	35/311 = 11,3 %	0.39	66/410 = 16,1 %	0.53
<b>Ausência</b> ([ɛ]xemplo, [ɔ]pção)	10/67 = 14,9 %	0.54	32/116 = 27,6 %	0.50
<b>Total</b>	183/835 = 21,9 %		171/762 = 22,4 %	

As consoantes precedentes selecionadas para o abaixamento de /e/ foram: fricativa e a lateral. As consoantes nasais e a ausência aproximam-se de um possível favorecimento do abaixamento de /e/. As consoantes oclusiva e tepe apontam para uma inibição do abaixamento do /e/.

Em relação ao abaixamento do /o/, a nasal e a lateral foram relevantes. As consoantes fricativa e tepe são desfavorecedoras do abaixamento. Já a consoante oclusiva é neutra.

#### 5.4.5 Modo de articulação da consoante seguinte

O modo de articulação da consoante seguinte foi a quinta variável selecionada para o abaixamento de /e/ e a segunda para o abaixamento de /o/.

**Tabela 17 - Efeito do modo de articulação da consoante seguinte sobre o abaixamento das médias pretônicas /e/ e /o/**

Modo de art. da cons. Seguinte	Abaixamento de /e/		Abaixamento de /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
<b>Tepe</b> (m[ɛ]rece, ch[ɔ]rosos)	18/91 = 19,8 %	<b>0.72</b>	47/86 = 54,7 %	<b>0.74</b>
<b>Nasal</b> (r[ɛ]médio, c[ɔ]meçava)	12/121 = 9,9 %	0.25	21/251 = 8,4 %	0.13
<b>Fricativa</b> ([ɛ]xemplo, pr[ɔ]jeto)	44/288 = 15,3 %	<b>0.57</b>	39/193 = 20,2 %	<b>0.79</b>
<b>Lateral</b> ([ɛ]létrico, l[ɔ]légio)	22/74 = 29,7 %	<b>0.62</b>	32/88 = 36,4 %	<b>0.83</b>
<b>Oclusiva</b> (r[ɛ]gata, l[ɔ]cais)	69/232 = 29,7 %	0.35	32/144 = 22,2 %	0.50
<b>Ausência</b> (r[ɛ]ais)	18/29 = 62,1 %	<b>0.90</b>	-	-
<b>Total</b>	183/835 = 21,9 %		171/762 = 22,4 %	

A ausência de consoante teve o valor do peso relativo elevado para o abaixamento do /e/, porém observando os itens lexicais verificamos que das 18 ocorrências, 10 foram da palavra r[ɛ]ais e 4 da palavra r[ɛ]al, assim como a frequência de um mesmo item foi elevada não podemos de fato confirmar se a ausência de consoante é relevante para o abaixamento do [e]. As consoantes tepe, lateral e fricativa favorecem o abaixamento de /o/ e /e/. A oclusiva

inibe o abaixamento de /e/ e é neutra para o abaixamento de /o/. A consoante nasal inibe o abaixamento do /e/ e /o/.

#### 5.4.6 Pretônica seguinte

A pretônica seguinte foi a quarta variável selecionada tanto para o abaixamento de /e/ quanto para o de /o/.

**Tabela 18 - Efeito da pretônica seguinte sobre o abaixamento das médias pretônicas /e/ e /o/.**

Pretônica seguinte	Abaixamento de /e/		Abaixamento de /o/	
	Frequência	PR	frequência	PR
<b>Média-fechada</b> (t[ɛ]levisão, [ɔ]peração)	14/128 = 10,9 %	0.41	14/131 = 10,7 %	0.38
<b>Média-alta</b> (p[ɛ]guntei, c[ɔ]locar)	3/78 = 3,8%	0.17	4/95 = 4,2 %	0.12
<b>A</b> (v[ɛ]rdadeira, g[ɔ]taria)	19/56 = 33,9 %	<b>0.71</b>	9/34 = 26,5 %	<b>0.92</b>
<b>Ausência</b> ([ɛ]rrado, c[ɔ]légio)	147/573 = 25,7 %	<b>0.55</b>	144/502 = 28,7 %	<b>0.58</b>
<b>Total</b>	183/835 = 21,9 %		171/762 = 22,4 %	

A vogal baixa central da sílaba seguinte à tônica foi a mais relevante para o abaixamento de /o/ e de /e/. Em contrapartida, as vogais altas inibem o abaixamento. Assim, é possível que a vogal média pretônica assimile a altura da pretônica seguinte.

Em Teresina e em Nova Venécia, além das médias-abertas, a baixa central também foi favorecedora do abaixamento de /e/ e de /o/.

A ausência de pretônica seguinte tem papel levemente favorecedor no abaixamento de /e/ e de /o/.

#### 5.4.7 Estrutura da sílaba

A estrutura da sílaba foi a terceira variável selecionada para o abaixamento de /o/. Essa variável não entrou no rol dos fatores que seriam estatisticamente significativos para o abaixamento de /e/.

**Tabela 19 -Efeito da estrutura da sílaba sobre o abaixamento da média pretônica /o/**

<b>Estrutura da sílaba</b>	<b>Abaixamento de /o/</b>	
	<b>Frequência</b>	<b>PR</b>
Aberta (l[ɔ]cal)	141/503 = 28 %	<b>0.63</b>
fechada (v[ɔ]ltar)	30/259 = 11,6 %	0.27
<b>Total</b>	171/762 = 22,4 %	

Em Vitória, a sílaba aberta é mais propícia ao abaixamento de /o/. Já a sílaba fechada desfavorece o abaixamento.

#### 5.4.8 Escolaridade

A escolaridade foi a última variável selecionada para o abaixamento de da média-fechada anterior /e/.

**Tabela 20- Efeito da escolaridade sobre o abaixamento da média pretônica /e/**

<b>Escolaridade</b>	<b>Abaixamento de /e/</b>	
	<b>Frequência</b>	<b>PR</b>
Fundamental	72/311 = 23,2 %	0.52
Médio	68/252 = 27 %	<b>0.59</b>
Universitário	43/272 = 15,8 %	0.38
<b>Total</b>	183/835 = 21,9 %	

Observamos que os falantes de nível universitário são menos propícios ao abaixamento, seguidos dos informantes de nível fundamental, e por fim dos falantes do ensino médio.

## CAPÍTULO VI - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo buscamos explicar a influência dos fatores linguísticos e sociais no alçamento e abaixamento das médias pretônicas.

### 6.1 ALÇAMENTO

Nesse tópico, analisamos os fatores relevantes para o alçamento das vogais médias pretônicas. Buscamos explicar como se dá a influência desses fatores na elevação das pretônicas, e também comparamos nosso trabalho com estudos que tratam do mesmo tema.

#### 6.1.1 Tipo de tônica

Em relação à tônica, entendemos que as altas posteriores e anteriores atuam no alçamento de /e/ e de /o/. Porém, em ambos os casos, não há somente assimilação do traço da tônica, já que as vogais médias-abertas também foram selecionadas como relevantes para o alçamento.

Fazendo uma análise dos itens lexicais, concluímos que as vogais altas em posição tônica de fato propiciam a elevação de /e/. Entretanto, também observamos que há elevação em alguns casos em que temos as vogais médias-abertas em posição tônica: (1) Tônica [ɔ] - [i]n[ɔ]rme (2), s[i]nh[ɔ]ra (3) e fut[i]b[ɔ] (2); 2) Tônica [ɛ] - c[i]mitério). Nesses casos, como mencionado no capítulo anterior, as consoantes nasais e a presença de uma vogal alta antecedente ou seguinte a pretônica podem ter influenciado a elevação.

Assim, entendemos que na maioria dos casos de alçamento do /e/ temos o processo fonológico de assimilação do traço alto da tônica. A seguir temos um quadro com exemplos ratificando nossa tese da pretônica /e/ assimilar a altura da tônica [i].

**Quadro 12 – Exemplos de assimilação do traço da vogal tônica alta**

<b>[e] – alçamento</b>		
v[i]sícula	s[i]guinte	n[i]nhuma
v[i]stir	s[i]gura	pr[i]feria
p[i]dindo	s[i]erviço	s[i]ntir
d[i]via	pr[i]cisa	pr[i]firo
[i]xistem	pr[i]cise	pr[i]guiça
s[i]gunda	par[i]cido	acr[i]dito
n[i]nhum	pr[i]cisou	
s[i]gundo	fal[i]cido	

Outro aspecto relevante em relação à análise dos itens lexicais, no que diz respeito ao alçamento do /e/, é que não há casos em que o mesmo vocábulo ocorre com as três variantes das médias pretônicas, e há poucos casos em que um vocábulo ocorre de duas formas (com o /e/ ou /i/ pretônico), como vemos em *senhor*, *pequeno*, *existem*, *nenhum*, *senhora*, *nenhuma*, *precisa* e *prefiro*. Assim, parece que o alçamento do /e/ é um processo de mudança acabada para a maioria dos itens analisados, porém é necessário aprofundar os estudos sobre a frequência dos itens lexicais para confirmar essa tese.

No alçamento de /o/, fazendo uma análise dos itens lexicais, concluímos que as vogais altas em posição tônica de fato propiciam a elevação de /e/. O quadro a seguir ratifica essa afirmação:

**Quadro 13 – Exemplos de assimilação do traço da vogal tônica alta – alçamento do /o/**

/o/ - Alçamento	
c[u]nhecido	p[u]deria
c[u]rrido	p[u]dia
c[u]stuma	p[u]diam
c[u]stume	d[u]mingo
c[u]mida	ab[u]rrecido
c[u]Midas	s[u]brinho
c[u]zinham	m[u]tivo
d[u]mir	m[u]chila
d[u]rmino	b[u]nito
gr[u]ssura	b[u]nita
n[u]tícias	s[u]brinho
c[u]zinha	-

Como falado anteriormente, além da tônica alta ocorreu uma quantidade considerável de casos de alçamento quando há uma média-aberta. Assim, nesses casos, observamos que são itens lexicais específicos, usuais, daí permitem o alçamento sistemático, mesmo quando na tônica há uma média-aberta. Vale destacar que esses vocábulos encontra-se juntamente com as consoantes adjacentes bilabial (m[u]qu[ɛ]ca, m[u]l[ɛ]que) e velar (c[u]nv[ɛ]rsa, c[u]m[ɛ]ça, g[u]dur[ɔ]sas).

Devemos observar também, em relação à análise dos itens lexicais, no que diz respeito ao alçamento do /o/ pretônico, que há poucos casos em que o mesmo vocábulo ocorre com as três variantes das médias pretônicas (*começa, colocar, botar e cozinha*). No caso do /o/ observamos que a ocorrência do vocábulo com duas variantes (média-fechada /o/ ou alta /u/ e média-fechada /o/ ou média-aberta /ɔ/) é relativamente frequente. Assim, parece que em relação ao alçamento do /o/ predomina a variação.

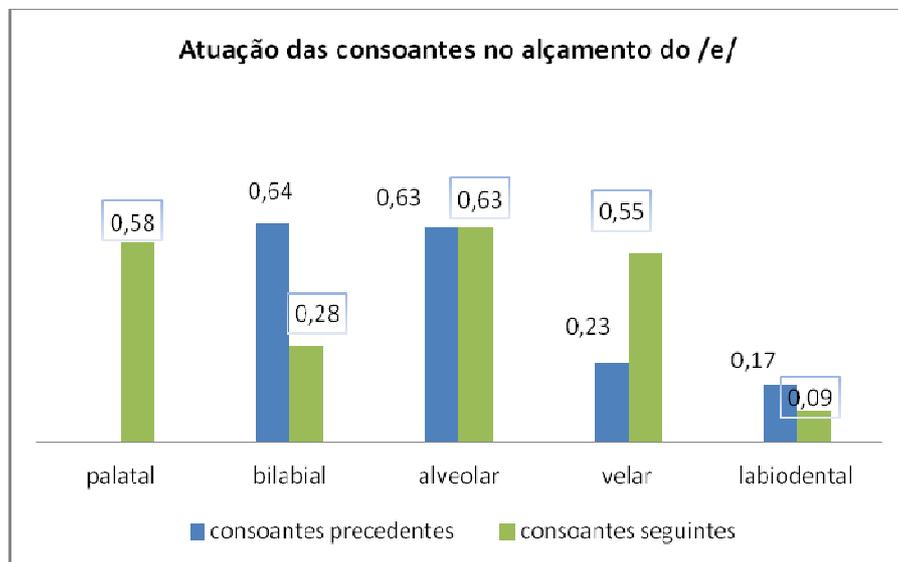
Comparando nosso trabalho com os demais, verificamos que em Nova Venécia, no Rio de Janeiro a tônica /i/ e /u/ foi atuante no alçamento de /e/. Já em relação ao /o/, somente o /u/ tônico foi atuante no alçamento. No estudo das pretônicas em Vitória o /i/ e /u/ tônicos atuaram na elevação das pretônicas.

### 6.1.2 Consoantes adjacentes

O ponto e modo de articulação das consoantes adjacentes à vogal média pretônica foram relevantes tanto para o alçamento de /o/ quanto o de /e/.

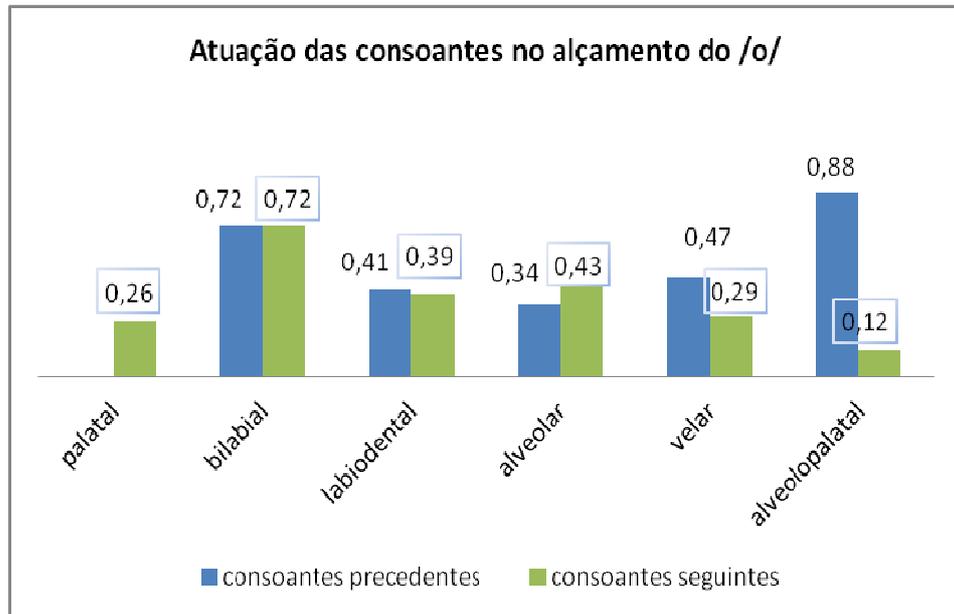
Observando o gráfico 7, em relação a /e/, as consoantes precedentes alveolar (s[i]gunda) e bilabial (m[i]ntira) e as seguintes alveolar ([i]norme), palatal (s[i]nhora) e velar (s[i]gunda) favorecem o alçamento.

**Gráfico 7 - Atuação das consoantes no alçamento de /e/**



Em relação a /o/ (gráfico 8), as consoantes precedentes bilabial (p[u]lcial, m[u]leque, b[u]nita) e alveolopalatal (ch[u]veu, cach[u]eiro) e as consoantes seguintes bilabial (c[u]mer) e a ausência (d[u]ença) atuam fortemente na aplicação do alçamento.

**Gráfico 8 - Atuação das consoantes no alçamento de /o/**



No quadro a seguir, comparamos a atuação das consoantes sobre as médias pretônicas na variedade de Vitória com as demais variedades aqui estudadas:

**Quadro 14 - Quadro comparativo das variedades - consoantes adjacentes à média pretônica**

Variedades	Alçamento de /e/		Alçamento de /o/	
	Consoante precedente	Consoante seguinte	Consoante precedente	Consoante seguinte
<b>Vitória/ES</b>	Alveolar e labial	Alveolar , palatal e velar (atuação quase neutra)	labial e alveolopalatal	labial e ausência
<b>Nova Venécia- ES</b>	Palatal e labial	Velar	Palatal e velar	Palatal, labial e labiodental
<b>Rio de Janeiro/RJ</b>	Velar e labial	Labial e africada	Oclusiva	Africada, nasal e fricativa
<b>Salvador/ BA</b>	Labial e velar	Palatal e velar	Velar, palatal e labial	Palatal, labial e alveolar
<b>Teresina/ PI</b>	Palatal e labial	Velar	Velar	Labial, palatal e coronal
<b>Formosa/ GO</b>	Bilabiais, dentais/alveolares [d,dʒ] e [s], velar [k] e ausência de consoante	Dentais alveolares [s,z], pós-alveolares palatais [ʃ,ʎ,ɲ], velar glotal [g], coda em /S/ e em /N/ e hiato	-	Bilabial [m], labiodental [v] e dentais alveolares [t,d,n]
<b>Rio Grande do Sul</b>	Velar	Velar e palatal	Velar e labial	Palatal e labial

Destacamos que os resultados de Vitória referentes à atuação da consoante seguinte sobre o a elevação da pretônica /e/ foram semelhantes aos demais estudos no que diz respeito à consoante precedente. Vale destacar que a consoante velar, por estar em uma posição em que a língua se encontra mais elevada, é mais suscetível de atuar como favorecedora da elevação. Esse fato é confirmado nos estudos de Yacovenco (1993), Bisol (1981), Silva (1989), Fontis (2004) e Silva (2009), porém em Vitória a atuação dela não é tão expressiva.

A consoante labial precedente foi relevante na elevação do /e/ em Vitória, Nova Venécia, Rio de Janeiro Salvador e Teresina. Em Vitória, além da labial precedente, a alveolar também atuou no alçamento do /e/.

Em relação às consoantes seguintes, no que diz respeito ao alçamento do /e/, a velar mostrou-se relevante em Vitória, Nova Venécia, Salvador, Teresina, Rio Grande do Sul e em Formosa (velar glotal). A palatal atuou na elevação do /e/ em Salvador e no Rio Grande do Sul. Em Vitória, além da velar e da palatal seguintes, a alveolar também atuou fortemente no alçamento de /e/.

Em relação ao ponto de articulação atuando sobre o alçamento de /o/, encontramos semelhanças com os demais estudos. A consoante labial precedente foi relevante para o alçamento de /o/ em Vitória, Salvador e Rio Grande do Sul. Em Vitória, além da consoante labial precedente, a alveolopalatal também atuou no alçamento.

No que diz respeito a atuação da consoante seguinte sobre o alçamento do /o/, a consoante labial foi atuante em Vitória, Nova Venécia, Salvador, Teresina e Rio Grande do Sul. Vale destacar que apesar da palatal não atuar no alçamento do /o/ em Vitória, essa consoante em posição seguinte destacou-se como atuante nas variedades de Nova Venécia, Salvador, Teresina e Rio Grande do Sul.

Ainda sobre a elevação de /o/, analisando os itens lexicais, verificamos que na maioria dos casos ocorre elevação da média pretônica nos vocábulos que possuem a tônica aberta ou fechada juntamente com as consoantes adjacentes bilabial e velar. Assim, entendemos que as consoantes podem ter um papel importante na elevação da média pretônica /o/. Vejamos o quadro a seguir:

**Quadro 15 - Alçamento de /o/ - vogal tônica baixa ou média-aberta**

Vocábulos	
Almoçar	Conversar
Botar	Comendo
Coberta	*Comunidade
Conversa	Começo
Conversam	*Policial
Converso	Conversando
Cozinhando	Moleque
*Cozinhar	Moqueca

\*é provável que nesses três casos haja efeito da contiguidade

O modo de articulação das consoantes também foi relevante para o alçamento de /e/ e /o/. As consoantes precedentes tepe e fricativas, e as consoantes seguintes tepe, fricativa e ausência de consoante atuaram na elevação de /e/. As consoantes precedentes oclusivas e as seguintes lateral, fricativa e a ausência de consoante atuam no alçamento de /o/.

Na variedade mineira, a consoante nasal e a obstuinte foram relevantes para o alçamento do /o/, já a sonorante atuou fortemente na elevação do /e/.

### 6.1.3 Estrutura da Sílabas

A estrutura da sílaba em que se encontra a vogal pretônica é um fator pouco abordado pelos estudiosos nas variedades brasileiras. Viegas (1987) e Fontis (2004) levam em consideração essa variável. Nos estudos de Viegas (1987), há a separação de sílabas travadas por nasal (CVN) – vendido -, travadas por fricativa (CVC) – serviço e a estrutura consoante-vogal (CV). Esta foi relevante apenas para o alçamento de /o/. Já a estrutura CVC atuou tanto no alçamento de /e/ quanto no de /o/.

Fontis (2004) utilizou a mesma classificação que fizemos no estudo das pretônicas de Vitória: sílaba aberta (consoante-vogal) e sílaba travada ou fechada (consoante-vogal-consoante). A sílaba aberta favoreceu mais a elevação de /e/ e de /o/. Fontis justifica o favorecimento da estrutura CV, pois em alguns vocábulos como: **certificado**, **terminar**, **nordestino**, **comercial**, seria difícil de imaginar a ocorrência da forma alçada. Além disso, segundo Fontis (2004) em outros contextos em que a vogal média-fechada pretônica tinha mais possibilidade de elevação devido à altura da tônica ou da pretônica seguinte, isso não ocorreu: p[e]rcebido, p[o]rtuguês, p[e]rdido. Em todos esses casos, temos sílabas travadas por [r], que é uma das variáveis favorecedoras do abaixamento das médias pretônicas.

Em Vitória, assim como em Nova Venécia, a estrutura da sílaba CV foi mais favorável ao alçamento, tanto de /o/ quanto de /e/. No caso de Vitória, muitos vocábulos com a estrutura da sílaba tônica fechada, mesmo em ambientes propícios ao alçamento, ocorrem com a vogal média-fechada.

#### 6.1.4 Pretônica seguinte

A pretônica seguinte foi selecionada apenas para o alçamento de /e/. O [i] seguinte à tônica foi o que mais atuou para a elevação do /e/ pretônico. Os casos encontrados foram os seguintes: c[i]m[i]tério(1) pr[i]c[i]sava (3), pr[i]c[i]sando (3), pr[i]cisei (2), pr[i]c[i]sou (3), p[i]r[i]goso (2), acr[i]d[i]tava (1), [i]x[i]gindo (1) e [i]xistia (1). Nesses vocábulos, parece que a pretônica assimila da altura do [i] seguinte à pretônica.

Em relação ao alçamento de /o/, a pretônica seguinte não foi selecionada. As ocorrências que tinham uma vogal seguinte à pretônica alçada foram as seguintes: c[u]m[u]nidade (1), g[u]rd[u]rosas (1), ac[u]st[u]mado (1), p[u]l[i]cial (7), p[u]l[i]ciais (1), c[u]z[i]nhar (3) e c[u]z[i]nhando (1). Nesses casos, temos sempre uma consoante bilabial [p,m] ou uma velar [g,k] adjacentes. Assim, é possível que as consoantes adjacentes tenham atuado mais fortemente no alçamento do que as próprias vogais seguintes à pretônica ou até mesmo do que as vogais tônicas.

Vale resaltar que o processo de assimilação foi constatado nos trabalhos de Bisol (1981), Viegas (1987), Silva (1989), Yacovenco (1993), Fontis, (2004) e Silva (2009). Em todos estes estudos, a vogal tônica alta favorece a elevação das pretônicas, porém não é propriamente a tonicidade que determina a elevação, mas sim o tipo de vogal e sua contiguidade.

#### 6.1.5 Atonicidade

No nosso estudo, a atonicidade foi selecionada apenas para o alçamento de /e/. A atonicidade permanente, ou seja, a vogal que não apresenta variação de tonicidade no paradigma derivacional, foi a que mais atuou no alçamento da pretônica /e/. Destacamos que nossos dados não foram muito conclusivos devido a poucos casos de vogal casual média.

Essa variável foi relevante na maioria dos estudos que a levaram em consideração. Bisol (1981) verificou que a vogal átona permanente foi mais propícia à elevação. Assim, a autora considera que esse é o ambiente ideal para a elevação das vogais médias pretônicas.

Fontis (2004) também observou em seus resultados que a átona permanente foi atuante na elevação de /e/ e de /o/. Além disso, em relação a /o/, as casuais variáveis também favoreceram o alçamento.

### 6.1.6 Nasalidade

A nasalidade foi selecionada apenas para o alçamento de /o/. De acordo com nossos resultados, a pretônica nasal é mais susceptível ao alçamento do que a oral.

No estudo de Fontis (2004), a vogal pretônica média anterior nasal atua fortemente no alçamento do /e/. No caso do /o/, a nasalidade inibi o alçamento, ou seja, a estrutura oral da sílaba pretônica é mais atuante no alçamento.

Analisando os itens lexicais, verificamos que nos casos em que as vogais nasalizadas se encontram nas sílabas abertas (**comer**) há maior tendência de alçar do que quando estão nas sílabas nasalizadas fechadas (**conversa**). Além disso, as vogais nasais nas sílabas travadas pretônicas, na maioria dos casos, ocorrem com a vogal média-fechada, exceto pelos seguintes vocábulos que ocorrem ora com a vogal média fechada ora com ela alta ou somente com a alta:

**Quadro 16 – Vogais nasais pretônicas**

<b>Vocábulos</b>	<b>o</b>	<b>u</b>
Conversa	7	3
Converso	-	1
Conversam	1	1
Conversando	3	1
Conversar	5	2

Nos demais casos em que a sílaba é travada, não ocorre elevação de /o/, como nos seguintes exemplos:

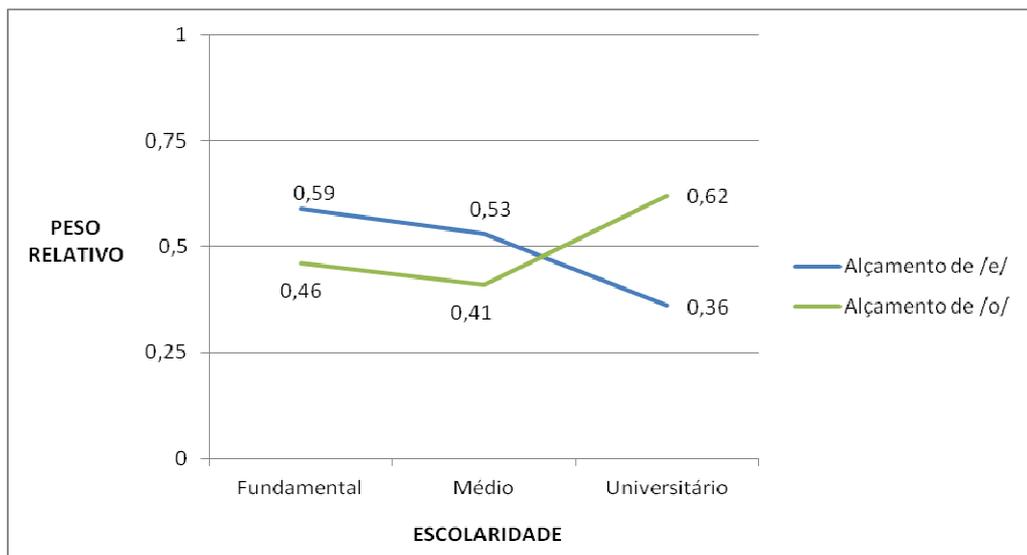
**Quadro 17 – Manutenção do [o] na sílaba travada**

<b>Vocábulo</b>			
Acompanhado	Conseguir	Complicado	Conversei
Aconselha	Considero	Compramos	Ponderação
Acontece	Consigo	Comprar	Ponderar
Acontecer	Contando	Confundir	Vontade
Acontecendo	Contar	Confusão	Contemporâneo
Acontecido	Contava	Consegue	-
Apontar	Continua	continuar	-

### 6.1.7 Escolaridade

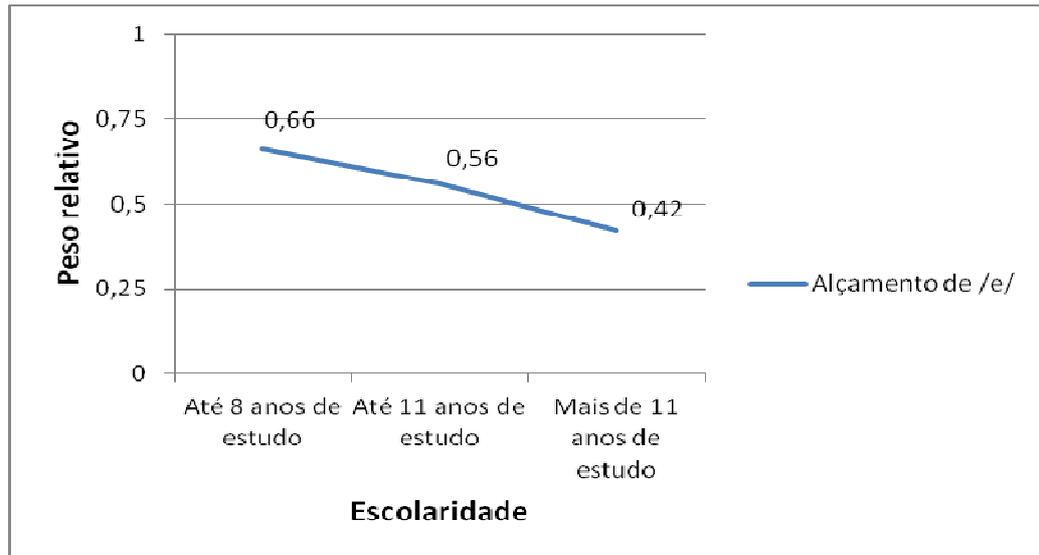
A escolaridade foi importante no nosso estudo tanto para elevação de /e/ quanto de /o/. Observemos o gráfico a seguir:

**Gráfico 9 – Alçamento - escolaridade X peso relativo na variedade de Vitória – ES**



No gráfico acima verificamos que, para o alçamento de /e/, conforme a escolaridade vai aumentando, o peso relativo vai diminuindo. O mesmo fato ocorreu em Formosa em relação à média pretônica /e/, conforme observamos no gráfico a seguir:

**Gráfico 10 – Alçamento - escolaridade x peso relativo na variedade de Formosa – GO**

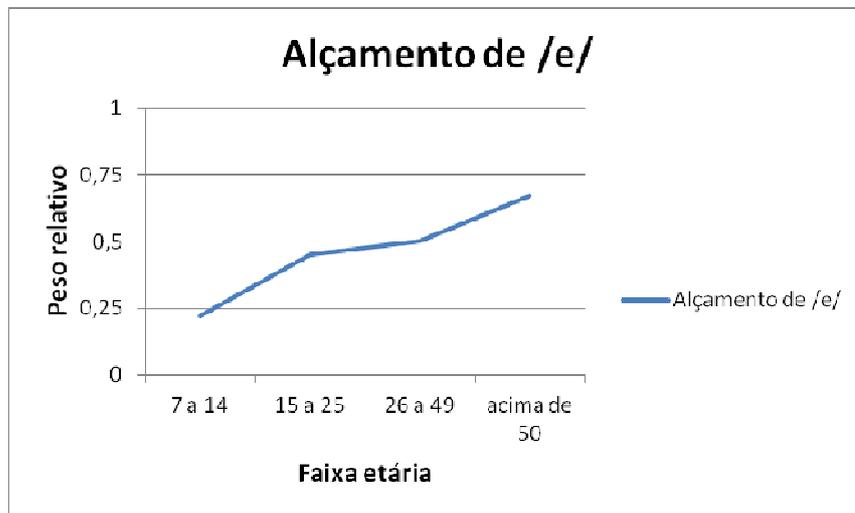


Em relação ao o resultado de /o/ em Vitória, verificamos que os mais escolarizados são os que mais alçam a pretônica. A hipótese inicial era a de que os indivíduos com mais anos de estudo dariam preferência às médias-fechadas, porém não foi isso que ocorreu. Observando separadamente os itens lexicais, não foi encontrado nenhum contexto específico que pudesse justificar a preferência pelo alçamento de /o/ pelos indivíduos com maior grau de escolarização. Acreditamos que o alçamento de /o/, por não ser estigmatizado, também é utilizado na fala de pessoas mais escolarizadas.

#### 6.1.8 Faixa etária

A faixa etária foi selecionada apenas para o alçamento de /e/. Observemos o gráfico a seguir:

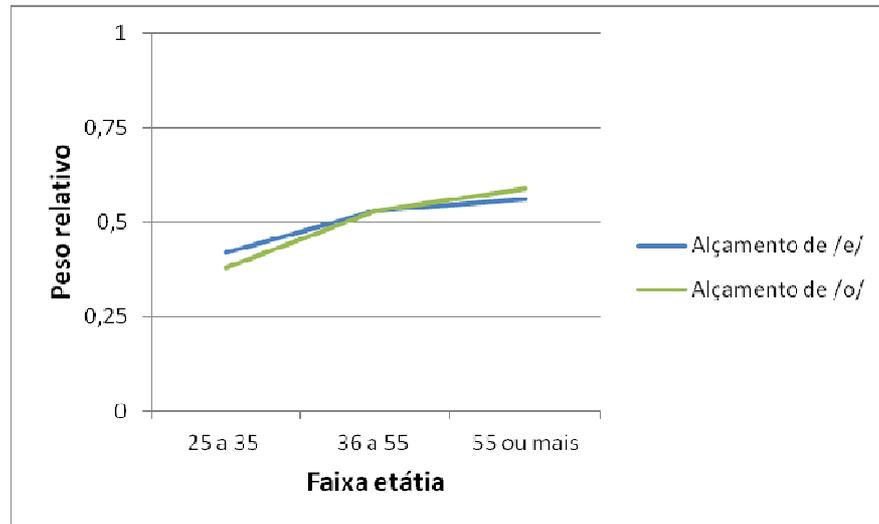
**Gráfico 11 - Peso relativo x faixa etária - Alçamento de /e/ em Vitória**



Em Vitória, verificamos que a faixa etária relativa a falantes acima de 50 anos utiliza mais o alçamento. No gráfico, temos uma curva ascendente, ou seja, quanto maior a idade mais se utiliza o alçamento. Assim, entendemos que é provável que a elevação de /e/ esteja em regressão. Bisol (1981) em seu estudo sobre as médias pretônicas também verificou que os falantes mais velhos (acima de 56 anos) alçam mais e que também era provável que o alçamento estivesse em regressão no Rio Grande do Sul.

Fontis (2004) também destacou a faixa etária como relevante para o alçamento e observou em seus resultados, tanto para /e/ quanto para /o/ que os mais velhos (55 ou mais) alçam mais (pesos relativos elevação do /e/ = 0.56 e /o/ = 0.59). A seguir, podemos observar o gráfico relativo ao comportamento da faixa etária em relação ao peso relativo na variedade de Nova Venécia.

**Gráfico 12 - Peso relativo x faixa etária - alçamento de /e/ em Nova Venécia**



A curva encontrada por Fontis é semelhante a de Vitória, porém a autora não acha prudente afirmar que esteja havendo regressão na variedade de Nova Venécia devido à pequena quantidade de dados analisados em seu estudo.

#### 6.1.9 Cruzamento da faixa etária com a escolaridade – Alçamento de /e/ em Vitória

Com o objetivo de verificar se de fato há regressão no comportamento da média pretônica /e/ alçada, fizemos o cruzamento da faixa etária e escolaridade. A seguir temos a tabela com os resultados:

**Tabela 21 - Cruzamento da faixa etária com a escolaridade – Alçamento de /e/ em Vitória**

Escolaridade/faixa etária	7 a 14	15 a 25	26 a 49	Acima de 50	Total de alçamento
Fundamental	8/88 = 9%	16/71 = 23%	14/77 = 18%	20/70 = 20%	58/306 = 19%
Médio		7/68 = 10%	13/94 = 14%	24/75 = 32%	44/237 = 19%
Universitário		8/81 = 10%	16/101 = 16%	6/81 = 7%	30/263 = 11%

Verificamos que os falantes da faixa etária acima de 50 anos com Ensino Médio ou Fundamental utilizam mais o /e/ alçado. Os falantes de 15 a 25 anos que possuem Ensino Fundamental também apresentam um percentual favorecedor ao alçamento. Assim, com o resultado obtido não é possível afirmar se há de fato regressão do alçamento do /e/.

## 6.2 ABAIXAMENTO

Nesse tópico analisamos os fatores relevantes para o abaixamento das vogais médias pretônicas. Buscamos explicar como se dá a influência desses fatores no abaixamento das pretônicas. Além disso, faremos comparações do nosso estudo com trabalhos que tratam do mesmo tema.

### 6.2.1 Tipo de tônica

A tônica foi a primeira variável selecionada tanto para o abaixamento de /e/ quanto para o de /o/. Os resultados do alçamento geram dúvidas quanto à hipótese da existência da harmonização vocálica no alçamento das pretônicas, já no caso do abaixamento os resultados são mais claros. Fontis (2004) também observou esse fato em seu estudo sobre as médias pretônicas em Nova Venécia/ES.

Os ambientes em que as médias-abertas [ɔ,ɛ] e a baixa [a] central se encontravam em posição tônica foram os que mais favoreceram o abaixamento, ressaltando que os valores do peso relativo foram bem significativos. Assim, podemos considerar que na variedade de Vitória as pretônicas /o/ e /e/ assimilam o traço da vogal tônica aberta, ou seja, acreditamos que exista harmonização vocálica para o abaixamento das pretônicas. Observe o quadro a seguir:

**Quadro 18 – Harmonização vocálica (abaixamento)**

Vocábulos		
col[ɔ]co	gost[ɔ]as	rem[ɛ]Dio
chor[ɔ]sos	gost[ɔ]sãs	rec[ɛ]be
col[ɛ]gio	bibliot[ɛ]Ca	mer[ɛ]CE
mod[ɛ]nas	com[ɛ]ça	terer[ɛ]
nord[ɛ]ste	começ[a]va	el[ɛ]tricô
proj[ɛ]ta	col[ɔ]Ca	relat [ɔ]rio
caminhon[ɔ]te	coloc[a]r	melh[ɔ]r
enrol[a]r	mor[a]r	maion[ɛ]se
hor[a]rio	bot[a]r	conh[ɛ]cem
namor[a]do	drog[a]do	caminhon[ɛ]te
v[ɔ]ltar	mor[a]va	col[ɛ]gás
cor[a]gem	dem[ɔ]RO	rel[ɔ]gio
proj[ɛ]to	en[ɔ]me	neg[ɔ]cios
pior[a]ndo	nov[ɛ]La	xer[ɔ]x
volt[a]do	neg[ɔ]cio	col[ɛ]ga

Fontis (2004) observou que em Nova Venécia praticamente inexistente abaixamento da média pretônica fora do contexto das tônicas abertas. Essa autora comenta que “boa parte dos casos pode ser explicado por analogia ou pela atonicidade da vogal pretônica” (FONTIS, 2004, p.85).

Em Vitória, no que diz respeito ao abaixamento, fora os contextos das tônicas /ɔ/, /ɛ/ e /a/, geralmente temos a vogal baixa central /a/ seguinte à pretônica (Colatina, gostaria, Fortaleza), que parece atuar favorecendo o abaixamento. Porém, quando há abaixamento nos casos em que as tônicas ou as pretônicas seguintes são médias- fechadas ou altas (conhecer, inocente, maioria, poderia, prefeitura), não encontramos similaridades fonéticas que justifiquem esse comportamento.

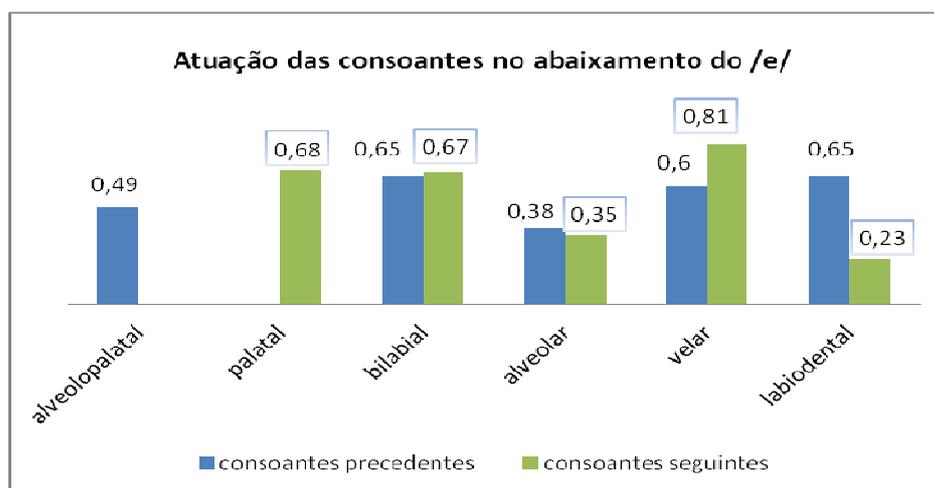
Vale destacar que em Vitória encontramos uma quantidade considerável de casos de abaixamento (18,3%), um valor percentual bem mais elevado que em Belo Horizonte (4,8 %) e Rio de Janeiro (3,3%). Verificamos em nosso estudo que o valor do abaixamento em Vitória é relativamente alto, porém a porcentagem é bem inferior se comparada às variedades do Nordeste, como a de Salvador (59,3%) e Teresina (59,4%).

Em Teresina, os ambientes favoráveis para o abaixamento de /e/ foram iguais aos de Vitória ([ɔ,a,ɛ]). Já em relação ao /o/, além do ambiente das tônicas médias- abertas, o [o] também influenciou o abaixamento.

### 6.2.2 Consoantes adjacentes

O ponto e o modo de articulação das consoantes precedente e seguinte foram selecionados para o abaixamento das médias pretônicas. Observemos a seguir o comportamento das consoantes no que diz respeito ao abaixamento de /e/:

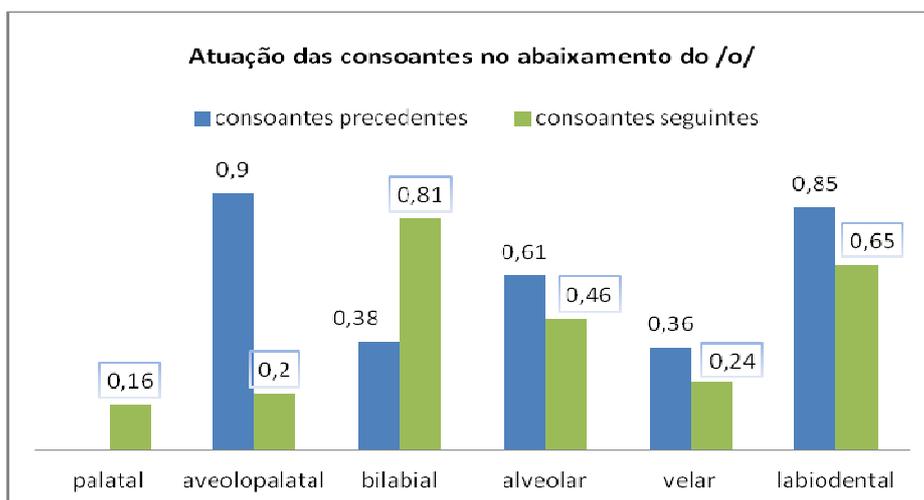
**Gráfico 13 – Atuação das consoantes no abaixamento de /e/**



As consoantes que atuaram no abaixamento de /e/, em ordem decrescente de peso relativo, foram: as precedentes labiodental (v[ɛ]rdade.), bilabial (p[ɛ]rgunta), velar (qu[ɛ]brar), e a ausência de consoante, e as seguintes velar (l[ɛ]gal), palatal (m[ɛ]lhor), bilabial (s[ɛ]parar) e

a ausência. Observemos a seguir o comportamento das consoantes no que diz respeito ao abaixamento de /o/:

**Gráfico 14 – Atuação das consoantes no abaixamento de /o/**



Em relação a /o/, também em ordem decrescente de peso relativo, as consoantes mais atuantes no abaixamento foram: as labiodentais (v[ɔ]tada), alveolopalatais (ch[ɔ]rar), alveolares (l[ɔ]cais), e a ausência, e as seguintes bilabiais (c[ɔ]meçava) e labiodentais (tr[ɔ]féu).

A seguir destacamos os trabalhos que tiveram as consoantes adjacentes como relevantes para o abaixamento das médias pretônicas:

**Quadro 19 – Comparação da atuação das consoantes sobre o abaixamento**

Variedades	Abaixamento do [e]		Abaixamento do [o]	
	Consoante precedente	Consoante seguinte	Consoante precedente	Consoante seguinte
<b>Vitória/ES</b>	Velar, labiodental, bilabial e a ausência	Velar, bilabial, palatal e a ausência	Alveolopalatal, labiodental, alveolar e a ausência	Bilabial e labiodental
<b>Nova Venécia/ES</b>	Labiodental	Alveolar e bilabial	-	Alveolar, palatal e labiodental
<b>Teresina/PI</b>	Velar e vazio	Palatal e velar	Coronal, palatal e vazio	Velar
<b>Formosa/GO</b>	Pós-alveolares [ʃ,ʒ], velares [k] e glotal [h]	Pós -alveolares palatais [ʎ], glotal [h], coda em /R/, dentais [t]	-	glotal [h], coda em /R/, dentais [t], bilabiais [b,w]

Bisol (1981), em seu trabalho sobre as pretônicas, comenta sobre os estudos de Potter (1966). Segundo esse estudioso, a altura da língua é semelhante quando produzimos a consoante alveolar e as vogais médias-abertas ou baixas. Com isso, é possível inferir que o ambiente das alveolares é mais propício ao abaixamento. A alveolar em Vitória teve atuação apenas no abaixamento de /o/. Já em Nova Venécia essa consoante foi relevante no abaixamento de /o/ e de /e/.

Segundo Bisol (1981), as consoantes velares apresentam condições que propiciam o alçamento devido à posição alta da língua quando a produzimos. Porém, em Vitória, no Piauí e em Formosa, a velar também atuou no abaixamento de /e/. Além da velar, a palatal seguinte também foi relevante para o abaixamento nessas três variedades. Destacamos que, em Vitória e em Nova Venécia, a consoante seguinte bilabial atuou no abaixamento de /e/.

Em relação ao abaixamento do /o/, Nova Venécia e Formosa não tiveram a consoante precedente selecionada como uma variável relevante para o abaixamento. Vitória e Teresina

têm apenas a ausência de consoante em comum quando se trata da influência da atuação da consoante precedente sobre o abaixamento de /o/. A consoante seguinte labiodental atuou no abaixamento de /o/ em Vitória e Nova Venécia.

Em relação ao modo de articulação, destacamos no que diz respeito a /e/ que as fricativas e laterais precedentes e as consoantes seguintes tepe, laterais, fricativas e a ausência de consoante atuaram fortemente no abaixamento. Já em relação a /o/, destacamos que as nasais e laterais precedentes e as seguintes lateral, fricativa e tepe foram as consoantes mais relevantes para abaixamento.

No Rio de Janeiro, Yacovenco (1993) constatou que na variedade carioca as consoantes vibrantes atuam na realização abaixada das pretônicas /e/ e /o/.

### 6.2.3 Pretônica seguinte

Em relação à pretônica seguinte, destacamos que vogal baixa central [a] foi a que mais atuou no abaixamento de /e/ e de /o/. A ausência de pretônica seguinte favoreceu levemente o abaixamento.

Em Nova Venécia, as médias-abertas e a baixa central seguintes à tônica foram atuantes no abaixamento da pretônica. Em Formosa, Silva faz uma divisão das vogais seguintes à pretônica nasais e orais e os resultados mostram que a oral [ɛ] e as nasais [õ,ã] propiciam o abaixamento de /e/. Já as vogais orais [ɛ,ɔ] e a nasal [ã] propiciam o abaixamento de /o/. No Piauí, os ambientes favoráveis ao abaixamento de /e/ foram os das vogais médias-abertas e o da baixa central [ɔ,a,ɛ]. Já em relação a /o/, além do ambiente em que existia as vogais [ɔ,a,ɛ], o [o] seguinte à pretônica também influenciou o abaixamento.

### 6.2.4 Estrutura da sílaba

A estrutura da sílaba foi selecionada somente para o abaixamento de /o/. A estrutura que propiciou o desencadeamento do abaixamento foi a aberta. Na maioria dos casos em que temos a sílaba fechada e a pretônica abaixada, a pretônica seguinte ou a tônica é média-aberta

ou baixa. Assim, acreditamos que são essas vogais seguintes à tônica que propiciam o abaixamento. A seguir temos o quadro com as ocorrências encontradas:

**Quadro 20 – Vocábulo com a sílaba fechada**

Vocábulo	
cortado (1)	jornal (1)
cortar (2)	mostrar (1)
Fortaleza (2)	Nordeste (2)
gostaria (2)	normal (4)
gostava (2)	porcaria (1)
gostosa (3)	tornar (1)
gostosas (1)	voltado (2)
importante (1)	voltar (3)
informação (1)	-

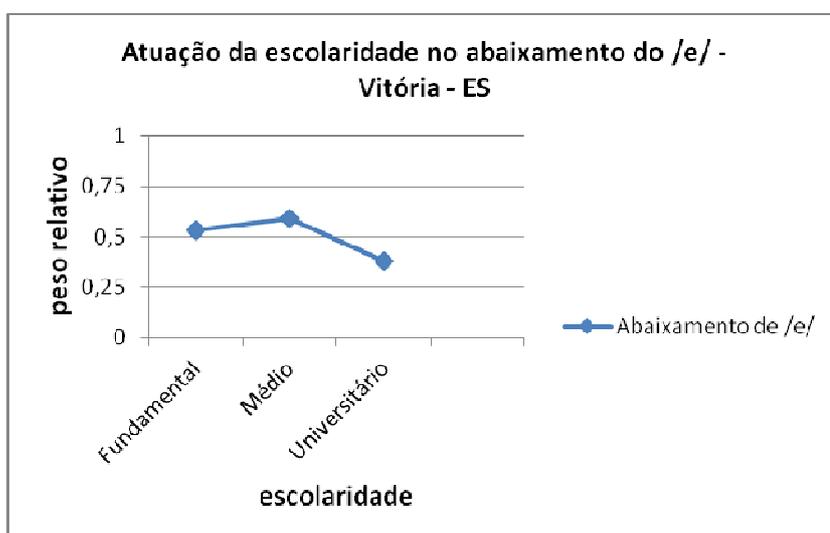
No trabalho de Fontis (2004), apesar da estrutura da sílaba ter sido selecionada para o abaixamento de /e/, a sílaba aberta possui um índice de neutralidade (peso relativo: 0.54) e a fechada (peso relativo: 0.32) desfavorece o abaixamento. Assim, a autora considera que a estrutura da sílaba teria importância secundária.

Em Vitória, tanto no abaixamento quanto no alçamento a sílaba fechada é desfavorecedora de ambas as regras.

#### 6.2.5. Escolaridade

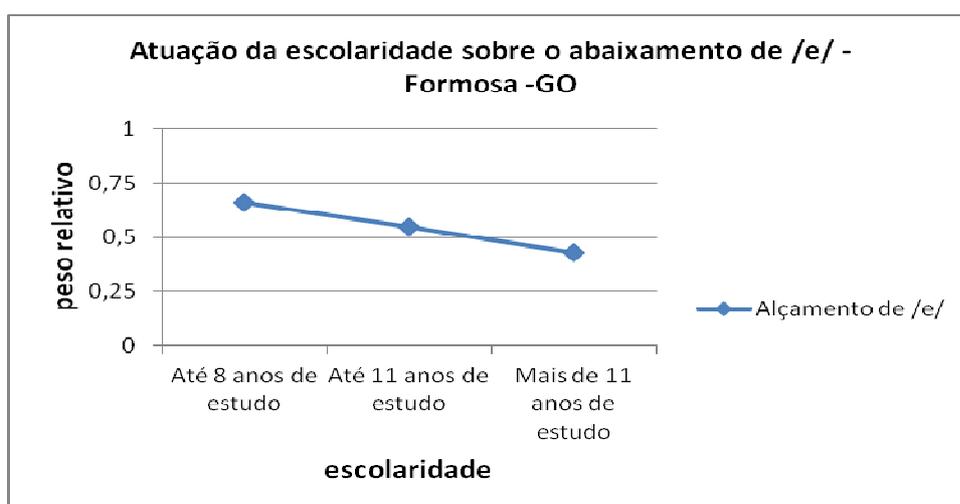
A escolaridade teve significância apenas para o abaixamento de /e/. Observemos a seguir o gráfico com os pesos relativos em função da escolaridade.

**Gráfico 15 – Atuação da escolaridade no abaixamento do /e/ (Vitória –ES)**



Verificamos a partir do gráfico que os indivíduos com nível superior têm maior tendência a inibir o abaixamento de /e/, mesmo fato ocorre com o alçamento do /e/. É possível, no caso do abaixamento, que haja um certo estigma no uso de pretônicas abertas, consideradas uma característica do falar nordestino e, no caso de Vitória, da Bahia. Assim, falantes com nível universitário tenderiam a evitar esse tipo de uso. Em Formosa, o gráfico da atuação da escolaridade decresce conforme aumenta o nível de escolaridade.

**Gráfico 16 – Atuação da escolaridade no abaixamento do /e/ (Formosa -GO)**



Em Formosa, a média-fechada é considerada a norma. Assim, esse decréscimo da utilização das médias-abertas com o aumento da escolaridade pode ser pelo fato dos usuários dessa variedade também considerarem o abaixamento como uma marca da fala nordestina.

### **6.3 CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DAS MÉDIAS PRETÔNICAS**

Verificamos que a fala capixaba, como previsto por Antenor Nascentes, se encontra dentro do subfalar fluminense, pelo uso preferencial das médias-fechadas. Existe, entretanto, a ocorrência das médias-abertas nessa variedade, fato não cogitado por Nascentes (1953). Assim, concluímos que é provável que o dialeto de Vitória esteja na zona de transição entre o falar norte e sul, como também foi cogitado por Fontis (2004) ao analisar a fala de Nova Venécia/ES .

Vieira (2010) em seu trabalho de cunho dialetológico sobre as pretônicas no Espírito Santo chega a uma conclusão diversa da nossa análise sociolinguística das médias pretônicas da fala capixaba, a saber:

Quanto à delimitação feita por Antenor Nascentes, devido às peculiaridades na fala do carioca, o Estado capixaba não deveria estar associado ao subfalar fluminense. Todavia, ao menos em relação às vogais médias abertas, o Espírito Santo mostra-se adequadamente inserido neste dialeto, porém, diferentemente dos estudos realizados por Callou e Leite (1986) no estado fluminense, os resultados obtidos nesta pesquisa mostram índices de alçamento bem superiores aos do Rio de Janeiro. (p.168)

Vale destacar que Vieira (2010) se baseou em itens lexicais que favorecem, em qualquer estudo, o alçamento.

Além da divisão de Nascentes, outro fator que devemos considerar nesse estudo é o processo de mudança sonora. Em relação ao alçamento verificamos que muitos dos vocábulos exclusivamente alçados ocorrem em palavras com a frequência elevada como: m[u]queca (8), p[u]dia (10), c[u]mida (23), c[u]mer (13), p[u]llicial (7), pr[i]cisava (6), m[i]ntira (5). Nesse caso, podemos supor que a difusão lexical e o condicionamento fonético interferem no alçamento. Em relação ao abaixamento, temos poucas palavras pronunciadas exclusivamente

abaixadas e as que possuem a vogal pretônica exclusivamente baixa não possuem uma frequência considerável.

## CAPÍTULO VII - ANÁLISE ACÚSTICA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

Para iniciarmos a análise acústica, primeiramente é importante entendermos o comportamento das vogais. Conforme Kent e Read (1992), as vogais são produzidas por meio da passagem da corrente de ar pelas pregas vocais, acarretando a vibração da laringe. Quando a onda passa pelo trato vocal, que possui cavidades de ressonância, ela é modificada.

Segundo Cristóforo Silva (2010) podemos descrever o sistema vocálico levando em conta três aspectos: a altura da língua, o arredondamento dos lábios e a posição da língua em relação a sua anterioridade ou posterioridade. O primeiro refere-se à altura vertical da língua dentro da boca. O segundo refere-se à posição dos lábios que podem estar estendidos ou arredondados. O terceiro aspecto refere-se à língua na posição horizontal durante a articulação do segmento vocálico.

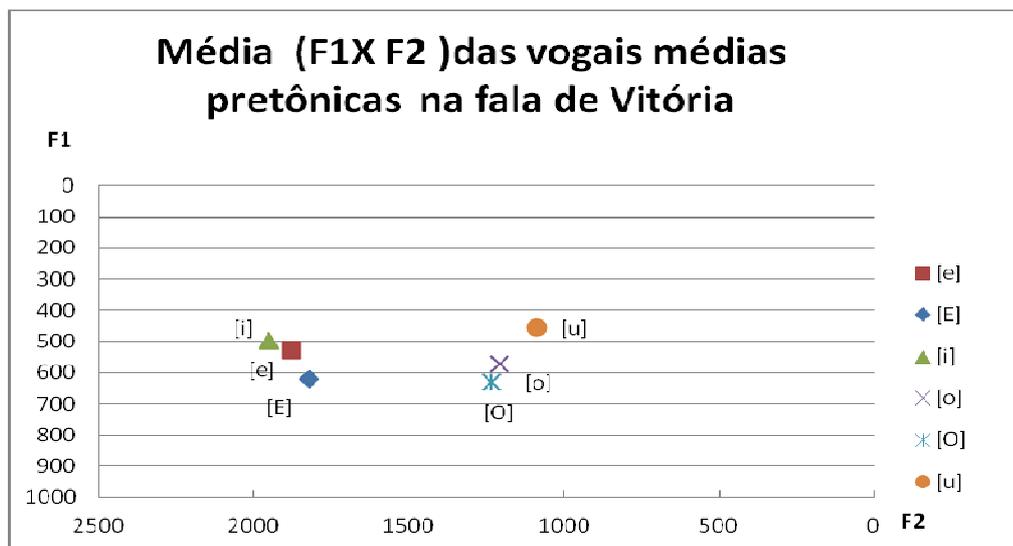
No estudo das pretônicas em Vitória, para observar o comportamento das vogais pretônicas e analisar as frequências dos formantes (F1 e F2) utilizamos o programa Akustyk/Praat. Outro aspecto importante de destacar é que para verificar a confiabilidade do formante extraído verificamos a largura de banda, ou seja, procuramos o valor mais apropriado de LPC.

Segundo Ladefoged (2006), as vogais, do ponto de vista acústico, são caracterizadas pelas frequências de seus formantes. Na análise acústica trabalha-se com a frequência dos três primeiros formantes (F1, F2 e F3). A análise de (F1x F2), é a mais utilizada para a representação acústica dos sons das vogais. Segundo Miranda (2012) os dois primeiros formantes (F1 e F2) pertencem ao espectro resultante da passagem contínua e com poucas obstruções do ar através do trato vocal quando a fala é produzida.

O primeiro formante (F1) possui uma frequência inversamente proporcional à posição vertical da língua no momento da produção da vogal, ou seja, quanto mais alta a vogal menor o F1 (frequência). Os valores de frequência (F2) indicam a posição horizontal do corpo da língua (anterior ou posterior). As vogais posteriores tem menor F2 que as anteriores. (CLARK; YALLOP; FLETCHER, 2007).

O Gráfico 17 (F1xF2) é um exemplo que nos permite identificar o comportamento acústico e articulatorio das vogais em Vitória. O eixo vertical F1 corresponde à altura da vogal e o eixo horizontal F2 corresponde ao avanço da vogal. Através dessas medidas é possível descrever o comportamento das vogais.

Gráfico 17 – Média (F1 x F2) das vogais médias pretônicas



Nos subtópicos a seguir, faremos uma breve descrição do comportamento das vogais médias pretônicas na fala de Vitória. Indicaremos o sexo, faixa etária e escolaridade de cada um dos informantes.

Vale destacar que por se tratar de entrevistas informais, elas não foram produzidas em laboratório com equipamentos mais sofisticados. Dessa forma, devido aos ruídos que interferiram em algumas das análises, utilizamos 18 das 20 entrevistas trabalhadas na análise sociolinguística. Além disso, em algumas das 18 entrevistas não foi possível analisar todas as vogais médias pretônicas.

Incluímos em cada subtópico a seguir a tabela com os valores de F1, F2, B1 e B2 (larguras de banda) e as palavras analisadas em cada entrevista. Além disso, introduzimos os gráficos (F1XF2) produzidos no Microsoft Excel.

É importante destacar que não foi possível inserir os símbolos fonéticos [ɔ] e [ɛ] nos gráficos, assim para não confundir o leitor utilizamos [O] e [E] para representar as vogais médias abertas [ɔ] e [ɛ], respectivamente, nos gráficos e nas tabelas.

As entrevistas utilizadas neste estudo foram numeradas conforme a sequência do corpus Portvix (1 a 46). Para análise acústica utilizamos as seguintes entrevistas: 5, 9, 11, 13, 15, 18, 19, 21, 24, 29, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 43 e 46.

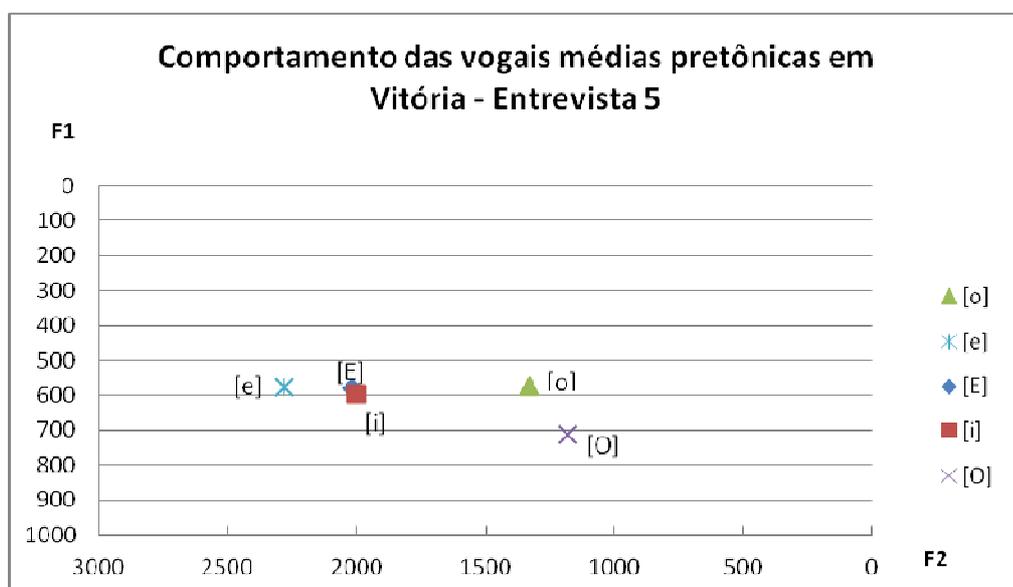
## 7.1 ENTREVISTA 5

Na tabela temos as frequências (F1 e F2) e as palavras analisadas. Em seguida, temos o gráfico produzido no Excel.

**Tabela 22 - Dados acústicos das vogais (entrevista 5)**

Entrevista 5					
7 a 14 anos, sexo feminino, ensino fundamental					
vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	575	179	2282	260	(m[e]xer)
[i]	597	270	1999	574	(d[i]sisto)
[E]	581	130	2018	728	(dif[E]rente)
[o]	573	160	1330	530	(p[o]pai)
[O]	713	318	1183	83	(c[O]meça)

**Gráfico 18 - Entrevista 5**



Observando o gráfico acima, verificamos que o [i], apesar de ser uma vogal alta possui o valor de F1 mais alto que o das vogais [e], [E] e [o]. O [O] possui o F1 mais alto que as

demais vogais. Em relação ao F2 observamos que as vogais [o] e [O] estão de fato mais posteriorizadas que as demais, fato que corrobora como comportamento das vogais pretônicas do português brasileiro.

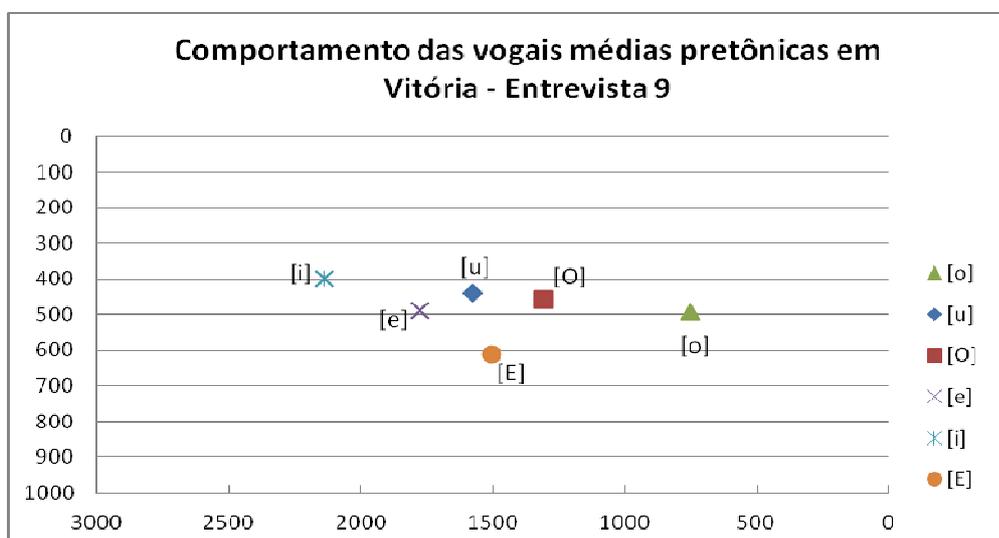
## 7.2 ENTREVISTA 9

A seguir temos a tabela com frequências (F1 e F2) juntamente com as palavras analisadas, e em seguida apresentamos o gráfico produzido no Excel.

**Tabela 23 - Dados acústicos da entrevista 9**

<b>Entrevista 9</b>					
<b>15 a 25 anos, sexo masculino, ensino fundamental</b>					
<b>Vogal</b>	<b>F1</b>	<b>B1</b>	<b>F2</b>	<b>B2</b>	<b>Palavra</b>
[e]	489	143	1778	233	plan[e]tário
[i]	400	101	2138	296	p[i]DIU
[E]	612	282	1503	251	l[E]Gal
[o]	492	100	753	314	r[o]Lou
[u]	440	113	1577	174	cach[u]eiro
[O]	458	62	1308	107	pr[O]jeto

**Gráfico 19 – Entrevista 9**



O [i] e o [e] estão mais anteriorizados que as demais vogais. O [o], [O] estão de fato mais posteriorizados (F2) que a as vogais anteriores, exceto pelo [u] que chega a estar mais anteriorizado que o [E]. O [i] e [u] que geralmente são mais altas possuem o F1 menor que as demais vogais. Já o [O], apesar de ser mais baixo que o [e] e [o], possui o valor de F1 menor.

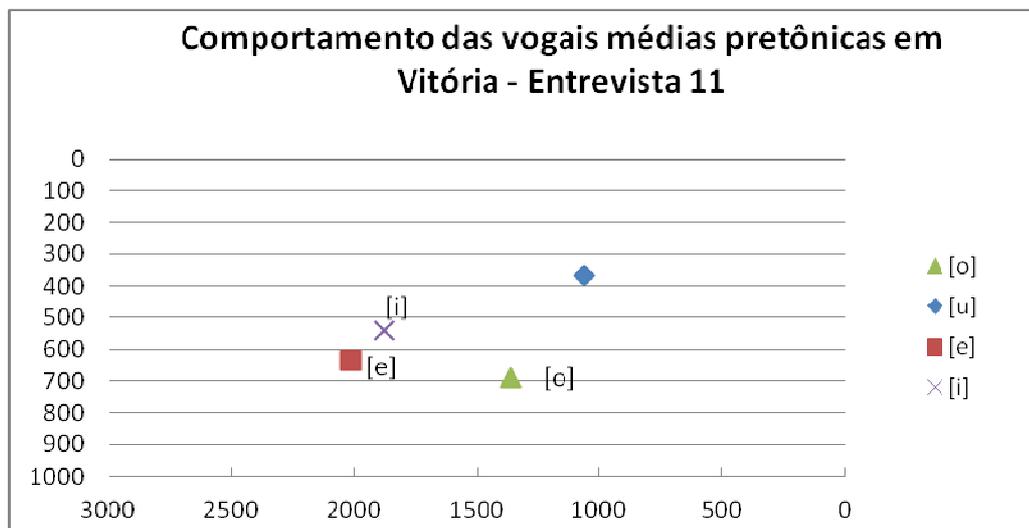
### 7.3 ENTREVISTA 11

A seguir temos a tabela com as frequências (F1 e F2) juntamente com as palavras analisadas. Em seguida apresentamos o gráfico produzido no Excel que mais precisamente apresenta os dados acústicos-articulatórios das médias pretônicas.

**Tabela 24 - Dados acústicos da das vogais pretônicas da entrevista 11**

<b>Entrevista 11</b>					
<b>15 a 25 anos, sexo feminino, ensino fundamental</b>					
<b>Vogal</b>	<b>F1</b>	<b>B1</b>	<b>F2</b>	<b>B2</b>	<b>Palavra</b>
[e]	635	184	2014	293	f[e]chado
[i]	542	232	1876	288	d[i]smaiou
[o]	692	74	1363	162	t[o]mar
[u]	368	246	1059	304	d[u]rmir

Gráfico 20 - Entrevista 11



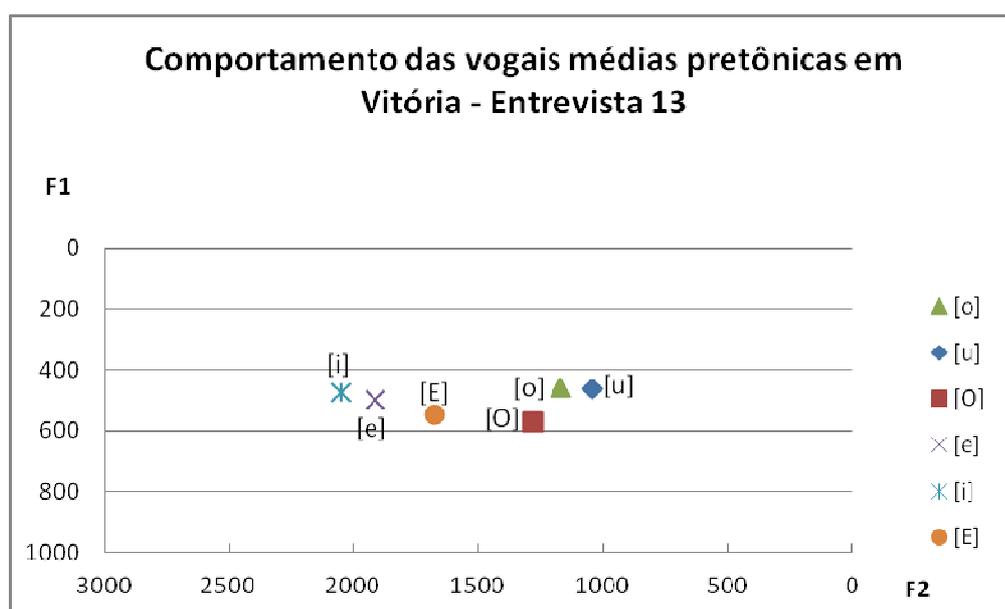
Clark, Yallop e Fletcher (2007) comentam que as vogais anteriores [i] e [e] possuem valores de frequência de F2 maiores que os das vogais posteriores [u] e [o]. De fato isso foi confirmado na entrevista 11. O [u] e o [i] são as vogais mais altas possuindo o valor de F1 mais baixo que [o] e [e].

#### 7.4 ENTREVISTA 13

A seguir temos a tabela com as frequências (F1 e F2) juntamente com as palavras analisadas. Em seguida apresentamos o gráfico produzido no Excel.

**Tabela 25 - Dados acústicos da das vogais pretônica (entrevista 13)**

<b>Entrevista 13</b>					
<b>26 a 49 anos, sexo masculino, ensino fundamental</b>					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	500	86	1911	73	c[e]rteza
[i]	475	275	2051	306	s[i]guinte
[E]	545	233	1678	344	l[E] vado
[o]	460	215	1170	227	c[o]nheço
[u]	463	330	1043	359	d[u]ença
[O]	570	72	1279	89	pi[O]rando

**Gráfico 21 - Entrevista 13**

Conforme se observa no gráfico, em relação a F1, as vogais mais altas possuem valores menores e as médias-abertas possuem valor de F1 mais elevado. Porém, apesar de a vogal [u] ser mais alta, observamos que o valor de F1 do [u] e de [o] é praticamente o mesmo. Em relação a F2, observamos que as vogais posteriores [o,O,u] possuem o F2 mais baixo.

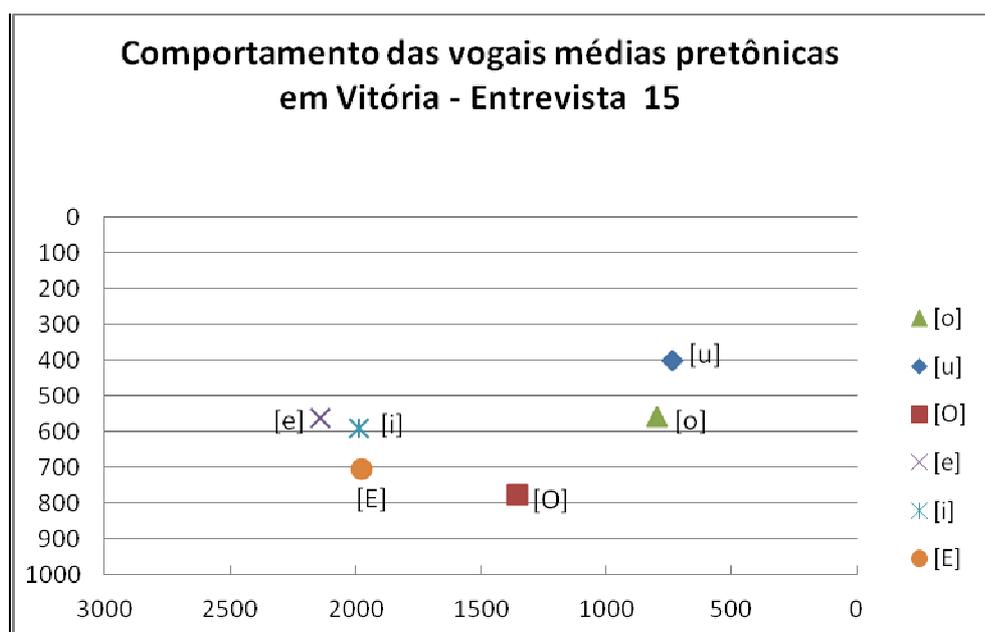
## 7.5 ENTREVISTA 15

A seguir temos a tabela referente a entrevista 15 com as frequências (F1 e F2) juntamente com as palavras analisadas. Em seguida apresentamos o gráfico (F1 x F2) produzido no Excel.

**Tabela 26 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 15)**

Entrevista 15 26 a 49 anos, sexo feminino, ensino fundamental					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	561	131	2140	125	p[e]guei
[i]	590	214	1987	212	s[i]ria
[E]	704	144	1974	75	ch[E]gar
[O]	777	157	1355	364	j[O]gar
[o]	559	145	797	188	g[o]stava
[u]	401	214	735	205	c[u]mida

**Gráfico 22 – Entrevista 15**



Em relação ao F1, observamos que a vogal [e] possui o valor de F1 menor que a vogal [i], fato que não é cogitado para o comportamento dessas vogais. As vogais posteriores [o], [O] e [u] se comportam como esperado, ou seja, o [u] possui o F1 menor, seguido do [e] e [O], respectivamente. No que diz respeito ao F2, as vogais [o], [O] e [u] são mais posteriorizadas se comparadas com as anteriores [e], [E] e [i].

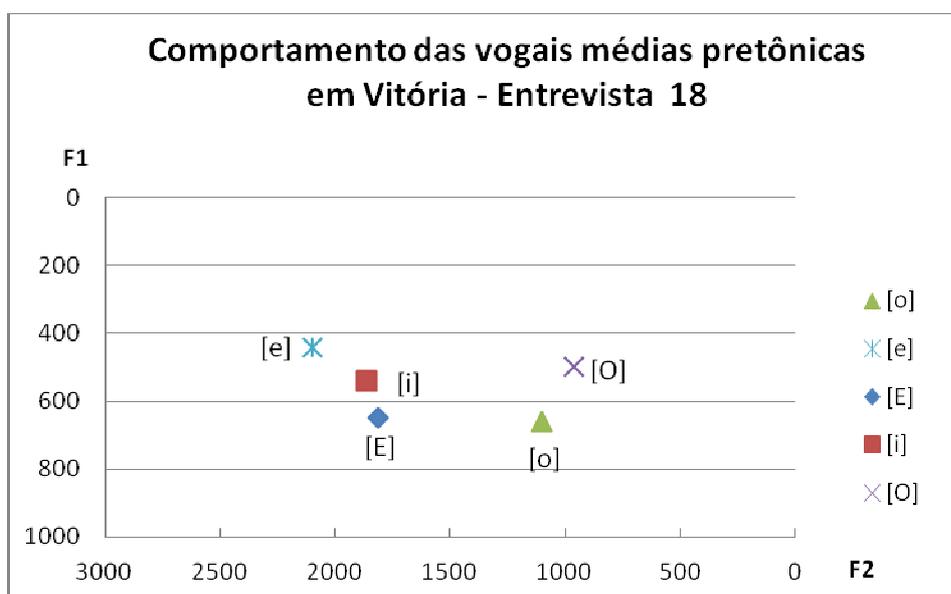
## 7.6 ENTREVISTA 18

A seguir temos a tabela referente a entrevista 18 com as frequências acústicas (F1 e F2) juntamente com as palavras analisadas. Em seguida apresentamos o gráfico produzido no Excel.

**Tabela 27 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 18)**

<b>Entrevista 18</b>					
<b>Acima de 50 anos, sexo masculino, ensino fundamental</b>					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	441	195	2098	116	t[e]ria
[i]	540	207	1866	276	par[i]cido
[E]	650	151	1812	166	p[E]gar
[o]	661	231	1100	359	m[o]rreu
[O]	500	240	963	29	[O]pção

Gráfico 23 – Entrevista 18



Em relação ao F1 observamos que a vogal média fechada [e] possui a frequência menor que alta [i], fato não esperado para as pretônicas do português. Além disso, o [O] que é uma vogal mais baixa possui a frequência F1 menor que a do [o].

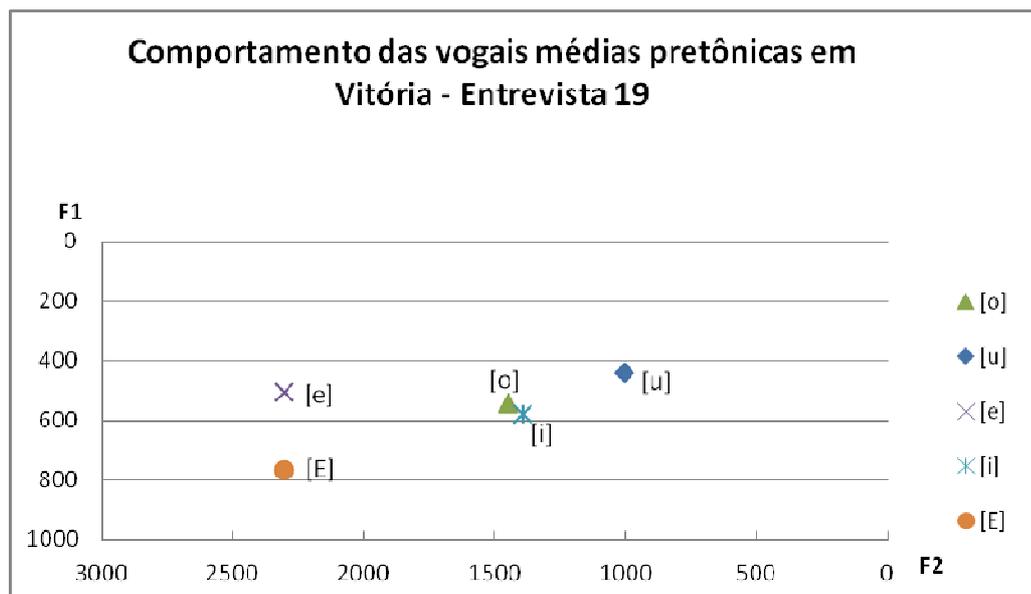
Em relação ao F2 observamos que [o] e [O] possuem a frequência F2 mais baixa que a vogais mais anteriores, fato esperado em relação ao comportamento das médias pretônicas.

## 7.7 ENTREVISTA 19

A seguir temos a tabela referente a entrevista 19 com as frequências acústicas (F1 e F2) juntamente com as palavras analisadas. Por fim temos o gráfico (F1 x F2) produzido no Microsoft Excel.

**Tabela 28 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 19)**

<b>Entrevista 19</b>					
<b>Acima de 50 anos, sexo feminino, ensino fundamental</b>					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	506	112	2303	95	m[e]cúrio
[i]	577	211	1391	451	p[i]dindo
[E]	765	61	2301	174	r[E]médio
[o]	543	106	1448	254	j[o]rnal
[u]	438	212	1005	213	d[u]entes

**Gráfico 24 - Entrevista 19**

A partir dos dados do gráfico acima, verificamos que a vogal [u] possui o valor de F1 mais baixo. O [e] e o [o] possuem a frequência F1 um pouco mais baixa que a do [i]. O [O] apresenta a frequência F1 mais alta indicando assim, que de fato uma vogal mais baixa.

Em relação ao F2 observamos que o [o] e [u] são mais posteriorizados, porém identificamos que o [i] também possui o F2 menor. As vogais [e] e [E] possuem a frequência F2 mais elevada indicando uma anteriorização maior.

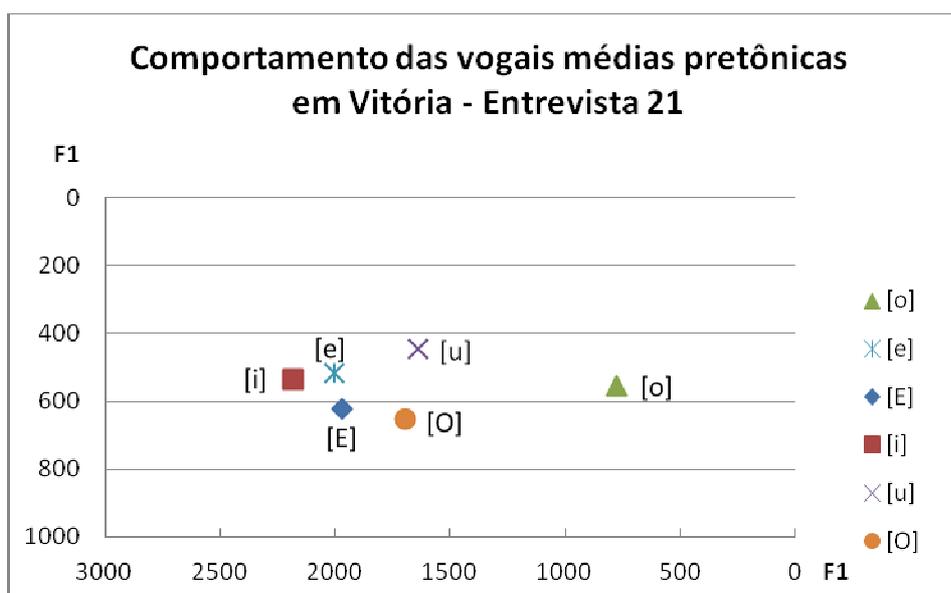
## 7.8 ENTREVISTA 21

A seguir temos a tabela referente à entrevista 21 com as frequências acústicas (F1 e F2) juntamente com os vocábulos analisadas. Por fim, temos o gráfico produzido no Microsoft Excel que ajuda a visualizar mais precisamente o comportamento das médias pretônicas.

**Tabela 29 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 21)**

Entrevista 21					
15 a 25 anos, sexo masculino, ensino médio					
Vogal	F1	B1	F2	B2	palavra
[e]	516	183	2002	79	r[e]sponde
[i]	537	277	2184	244	qu[i]ria
[E]	622	106	1969	617	m[E]lhor
[o]	556	228	776	582	m[o]mento
[u]	445	66	1640	520	p[u]dia
[O]	653	267	1694	389	bibli[O]teca

**Gráfico 25 – Entrevista 21**



Observamos a partir dos dados acima que em relação ao F1 a vogal [u] apresentou a frequência mais baixa. Em seguida, temos [e], [i] e [o] com a frequência F1 bem aproximada. O é [E] e [O], por serem mais baixas, apresentam o F1 mais elevado se comparado com as demais vogais.

Em relação ao F2 observamos que o [o] é mais posteriorizado que as demais vogais. O [O] e [u] não estão tão posteriorizados quanto o [o], mas possuem a frequência F2 menor que as vogais mais anteriores.

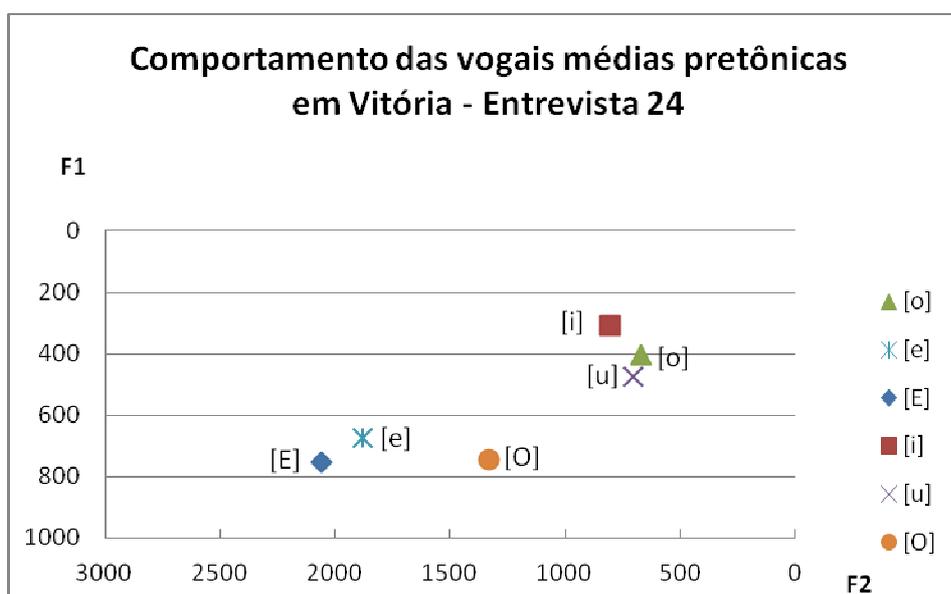
## 7.9 ENTREVISTA 24

A seguir temos a tabela referente à entrevista 24 com as frequências acústicas (F1 e F2), as medidas de B1 e B2, e os vocábulo analisados. Em seguida apresentamos o gráfico produzido no Excel.

**Tabela 30- Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 24)**

<b>Entrevista 24</b>					
<b>15 a 25 anos, sexo feminino, ensino médio</b>					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	674	147	1883	320	[e]letrônico
[i]	309	109	802	221	m[i]Dida
[E]	755	179	2060	157	n[E]gócio
[o]	405	187	670	222	g[o]stand
[u]	475	131	705	294	d[u]mingo
[O]	745	281	1331	235	g[O]stava

Gráfico 26 - Entrevista 24



As vogais médias [i], [o] e [O] possuem as frequências F1 mais baixas. O [O] e o [E] tem a frequência de F1 mais elevada, pois são produzidas com a altura da língua mais abaixada. O [i], [o] e [u] estão mais posteriorizados, a vogal [O] possui o valor de F2 mais baixo que [E] e [e].

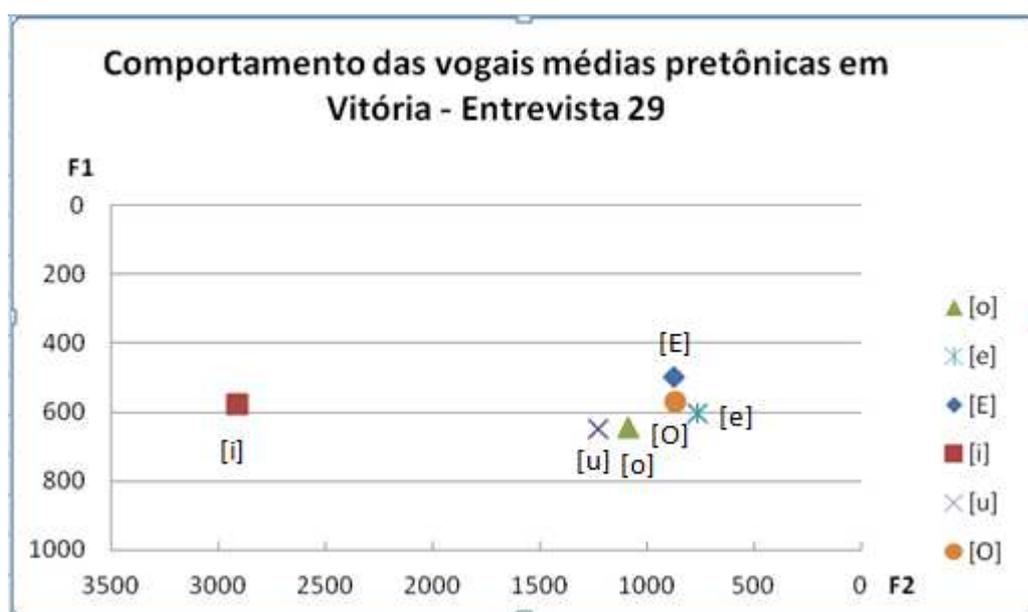
### 7.10 ENTREVISTA 29

A seguir temos a tabela referente à entrevista 29 com as frequências acústicas (F1 e F2), as medidas de B1 e B2, e as palavras utilizadas na análise das médias pretônicas. Em seguida apresentamos o gráfico produzido no Excel que mostra precisamente o comportamento acústico-articulatório das vogais médias pretônicas.

Tabela 31- Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 29)

Entrevista 29					
26 a 49 anos, feminino, ensino médio					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	603	212	763	631	ch[e]gar
[i]	576	171	2912	268	qui[i]ria
[E]	497	130	878	188	p[E]cado
[o]	646	105	1090	367	pr[o]blemas
[u]	649	143	1231	178	b[u]nito
[O]	568	140	868	141	imp[O]rtante

Gráfico 27 – Entrevista 29



Em relação ao F1, as vogais médias abertas, contrariando o comportamento das vogais médias pretônicas no português brasileiro, possuem o valor de F1 mais baixo. O [i] também possui frequência F1 mais baixa. O [o] e [u] obtiveram um valor mais alto para F1.

O [e] possui o valor de F2 mais baixo. Em seguida temos as médias abertas com valores próximos. Ainda na frequência F2 temos o valor [o] e [u] em posição anterior às médias abertas. O [i] é vogal mais anteriorizada.

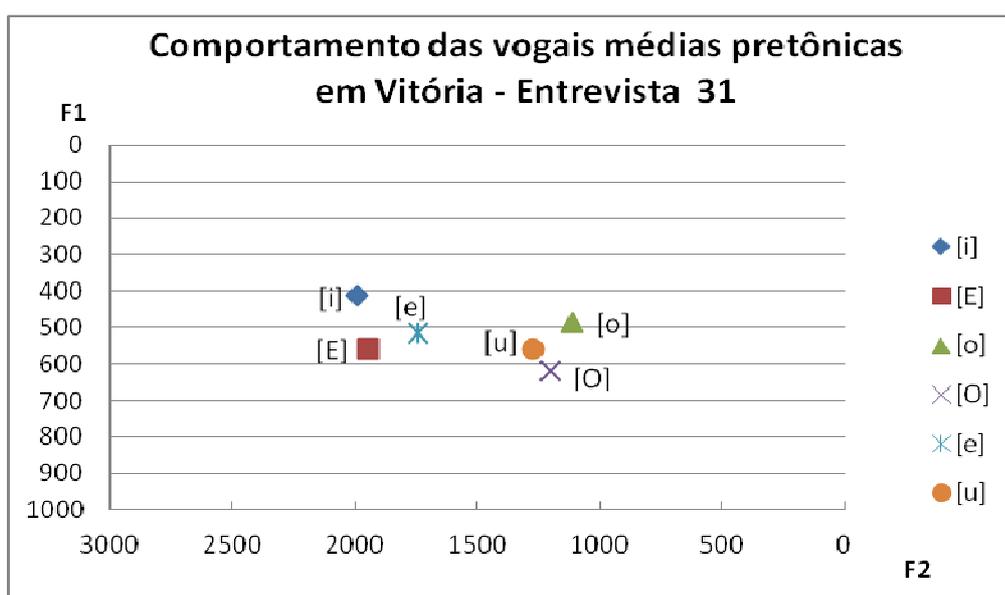
### 7.11 ENTREVISTA 32

A seguir temos a tabela referente à entrevista 31 com as frequências acústicas (F1 e F2), as medidas de B1 e B2, e as palavras analisadas. Por fim, temos o gráfico produzido no Excel que mostra de maneira mais clara o comportamento acústico-articulatório das vogais médias pretônicas.

**Tabela 32 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 31)**

Entrevista 31					
Acima de 50, sexo masculino, ensino médio					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	515	92	1742	127	[e]ventos
[i]	412	120	1989	155	[i]xiste
[E]	558	123	1945	204	r[E]gata
[o]	488	93	1112	166	gar[o]tada
[u]	557	459	1270	714	b[u]nita
[O]	619	210	1197	205	n[O]mal

**Gráfico 28 – Entrevista 31**



Em relação a F1, o [i] possui a frequência mais baixa, fato esperado para as vogais altas. Porém, o mesmo não ocorre para o [u]: a frequência é mais alta que as das médias fechadas [e] e [o], e é praticamente igual a F1 de [O].

No que diz respeito ao F2, as vogais [o], [O] e [u] possuem a frequência F2 mais baixa, com isso verificamos que essas vogais estão em posição mais posterior se comparadas com as vogais médias pretônicas anteriores [e], [E] e [i].

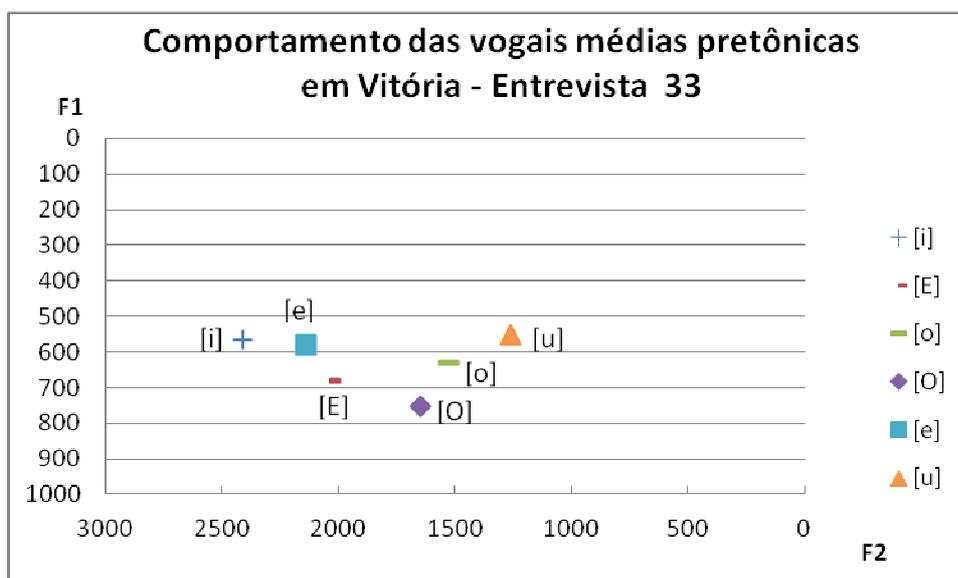
### 7.12 ENTREVISTA 33

A seguir temos a tabela referente à entrevista 33 com as frequências acústicas (F1 e F2), as medidas de B1 e B2, e as palavras que foram analisadas. Por fim, no gráfico produzido no Excel, podemos notar o comportamento acústico-articulatório, ou seja, as frequências que indicam a posição vertical e horizontal da língua na produção das vogais médias pretônicas.

**Tabela 33 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 33)**

<b>Entrevista 33</b>					
<b>acima de 50, sexo feminino, ensino médio</b>					
<b>Vogal</b>	<b>F1</b>	<b>B1</b>	<b>F2</b>	<b>B2</b>	<b>palavra</b>
[e]	579	148	2138	344	dif[e]rença,
[i]	567	201	2410	171	p[i]queno
[E]	679	153	2033	229	n[E]gócio,
[o]	630	136	1523	320	val[o]riza,
[u]	550	94	1258	394	pr[u]veito,
[O]	751	113	1647	256	m[O]rava,

Gráfico 29- Entrevista 33



Em relação a F1, as vogais médias pretônicas se comportam conforme o esperado na língua portuguesa, ou seja, as vogais mais altas [i] e [u] possuem a frequência F1 mais baixa se comparada às médias fechadas e as médias abertas.

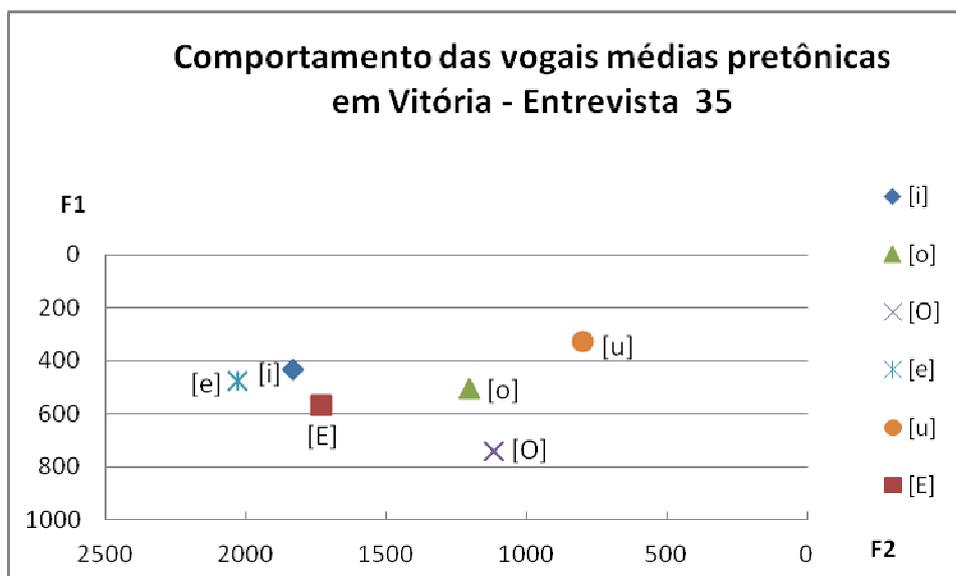
No que diz respeito ao F2, as vogais [u], [o], [O] estão em posição posterior, ou seja, possuem o valor da frequência F2 inferior ao das vogais médias anteriores, fato esperado para o comportamento das médias pretônicas.

### 7.13 ENTREVISTA 35

A seguir temos a tabela referente à entrevista 35 com as frequências acústicas (F1 e F2), as medidas de banda B1 e B2, e as palavras em que as médias pretônicas foram analisadas. A seguir apresentamos o gráfico.

**Tabela 34 - Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 35)**

<b>Entrevista 35</b>					
<b>15 a 25 anos, sexo masculino, ensino superior</b>					
<b>Vogal</b>	<b>F1</b>	<b>B1</b>	<b>F2</b>	<b>B2</b>	<b>Palavra</b>
[e]	474	228	2026	611	d[e]pende
[i]	431	187	1829	1284	d[i]zoito
[E]	566	83	1728	122	l[E]gal
[o]	504	85	1203	113	g[o]stasse
[u]	325	77	800	375	p[u]dia
[O]	741	249	1114	72	h[O]rário

**Gráfico 30 - Entrevista 35**

No que diz respeito ao F1, o valor da frequência de [u] é mais baixo que o das demais vogais. O [i] apresenta frequência mais elevada que o [u], mas ainda assim o F1 é inferior ao das vogais médias abertas e fechadas, fato cogitado para o comportamento das vogais pretônicas.

Em relação ao F2, como era de se esperar, o [u] está mais posteriorizado, ou seja, possui a frequência mais baixa. As vogais [o] e [O] também estão posteriorizadas, porém o

[O] possui o valor de F2 maior que o [o]. Em relação às vogais anteriores, um fato não esperado ocorreu, o [e] está mais anteriorizado que o [i].

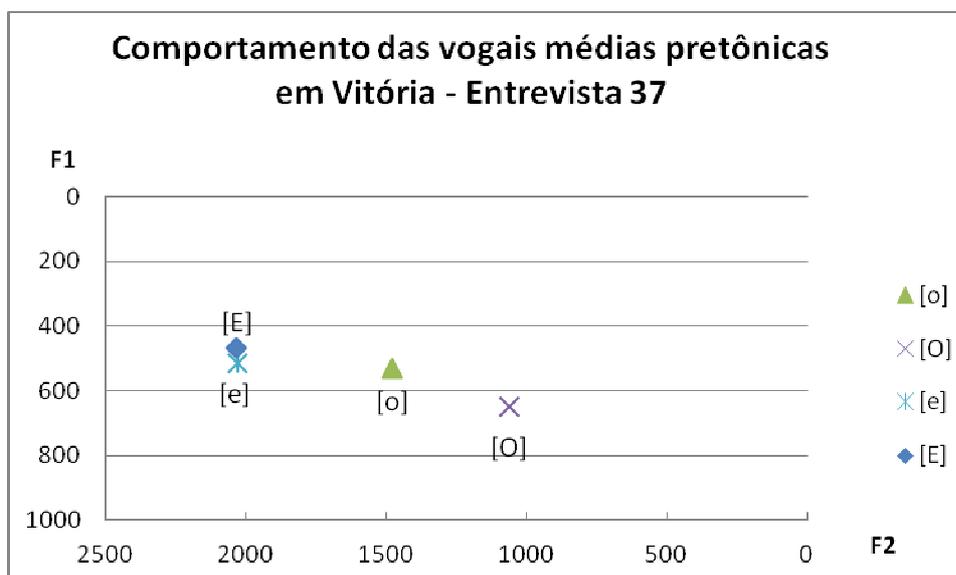
#### 7.14 ENTREVISTA 37

A seguir temos a tabela referente à entrevista 37 com as frequências acústicas (F1 e F2), os valores de B1 e B2 e os vocábulos analisados. Em seguida, apresentamos o gráfico produzido no Microsoft Excel que apresenta uma representação mais clara do comportamento acústico-articulatório das médias pretônicas.

**Tabela 35 – Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 37)**

Entrevista 37					
15 a 25 anos, sexo feminino, ensino universitário					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavras
[e]	514	61	2029	167	b[e]steira
[E]	467	112	2033	147	v[E]dade
[o]	530	130	1479	552	pr[o]curo
[O]	649	105	1061	254	t[O]mar

**Gráfico 31 – Entrevista 37**



No que diz respeito ao F1, as vogais médias fechadas [e] e [o] possuem a frequência F1 maior que a do [E], fato não cogitado para as pretônicas. Em relação ao F2 as vogais [o] e [O] estão mais posteriorizadas que [e] e [E], porém ocorre um fato que não é cogitado para o comportamento das médias pretônicas, o [O] apresenta o F2 mais baixo que o [o].

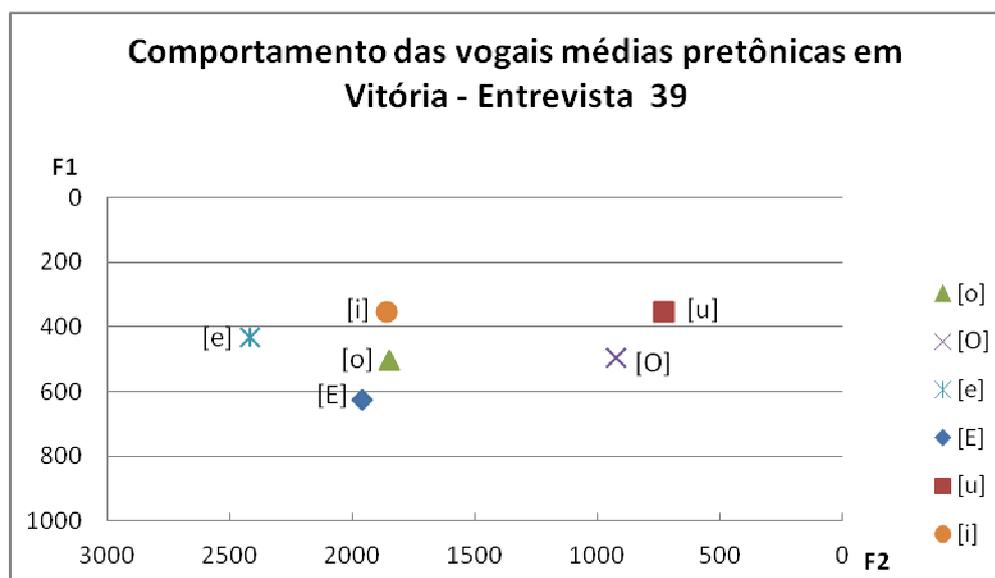
### 7.15 ENTREVISTA 39

A seguir temos a tabela com as frequências (F1 e F2), as larguras de banda (B1 e B2) e as palavras analisadas. Em seguida, apresentamos o gráfico (F1 x F2) produzido no Excel.

**Tabela 36 – Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 39)**

<b>Entrevista 39</b>					
<b>26 a 49 anos, sexo masculino, ensino universitário</b>					
<b>Vogal</b>	<b>F1</b>	<b>B1</b>	<b>F2</b>	<b>B2</b>	<b>Palavras</b>
[e]	432	194	2414	169	p[e]guei
[i]	354	66	1859	60	qu[i]ria
[E]	624	164	1959	324	n[E]gocio,
[o]	504	77	1848	407	j[o]gar
[u]	355	69	729	121	m[u]leque
[O]	497	63	919	166	t[O]mar

Gráfico 32 - Entrevista 39



Observando os resultados acústicos acima, verificamos que em relação ao F1 as vogais altas [i] e [u] possuem as frequências mais baixas. Em seguida temos o [e], como era de se esperar, com a frequência F1 maior que as médias altas. O [o] e [O] possuem frequências mais altas que o [o] e bem próximas entre si. O [E], que é produzido com a língua mais abaixada possui a frequência F1 mais alta.

No que diz respeito ao F2, o [o] foi produzido com uma frequência bem próxima das vogais médias anteriores. Já as vogais [u] e [O] estão bem mais posteriorizadas.

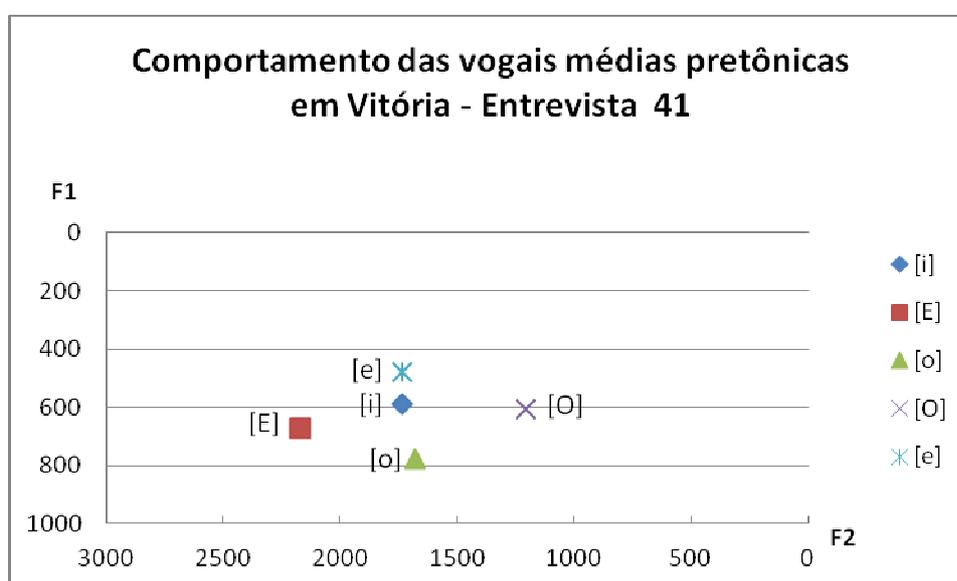
### 7.16 ENTREVISTA 41

A seguir temos a tabela referente à entrevista 41 com as frequências acústicas (F1 e F2), as medidas de B1 e B2, e as palavras analisadas. Por fim, temos o gráfico produzido no Excel, mostrando de maneira mais clara o comportamento acústico-articulatório das vogais médias pretônicas na fala de Vitória.

**Tabela 37 – Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 41)**

<b>Entrevista 41</b>					
<b>26 a 49 anos, sexo feminino, ensino universitário</b>					
<b>Vogal</b>	<b>F1</b>	<b>B1</b>	<b>F2</b>	<b>B2</b>	<b>Palavra</b>
[e]	478	47	1734	386	ch[e]gou
[i]	587	217	1822	165	s[i]não
[E]	670	69	2172	139	p[E]gar
[o]	779	237	1679	344	funci[o]nário
[O]	608	68	1206	288	ch[O]rosos

**Gráfico 33 – Entrevista 41**



Em relação ao F1 observa-se que as vogais têm um comportamento bem diferente do esperado. O [e], apesar de ser mais baixo que o [i] apresenta a frequência F1 maior. O [E] e o [O] têm frequência F1 mais baixa que o [o].

No que diz respeito ao F2, a vogal [O] é a mais posteriorizada, até mesmo, inesperadamente, se comparada ao [o]. A vogal [O] é a mais anteriorizada, ou seja, a que possui maior F2, essa vogal chega a ser mais anteriorizada que o [e] e o [i].

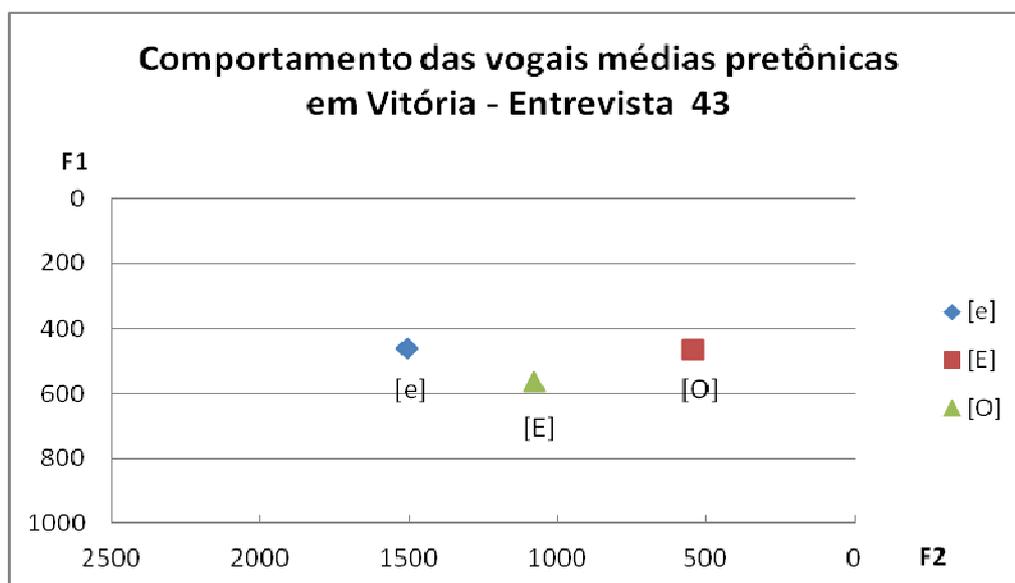
### 7.17 ENTREVISTA 43

A seguir temos a tabela referente à entrevista 43 com as frequências acústicas (F1 e F2), as medidas de banda B1 e B2, e as palavras em que as pretônicas foram analisadas. Em seguida o gráfico (F1 x F2) produzido no Excel.

**Tabela 38 – Dados acústicos das vogais pretônica (entrevista 43)**

Entrevista 43					
Acima de 50 anos, masculino, ensino universitário					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	461	190	1505	266	s[e]mana
[E]	462	96	542	257	t[E]lão
[O]	561	53	1076	83	n[O]deste

**Gráfico 34 - Entrevista 43**



Em relação ao F1 o [E] e o [e] possuem valores de F1 praticamente iguais e inferiores ao F1 do [O]. Em relação ao F2, o [e] está bem anteriorizado e o [E] se encontra em uma posição bem mais posteriorizada que o [e] e [O].

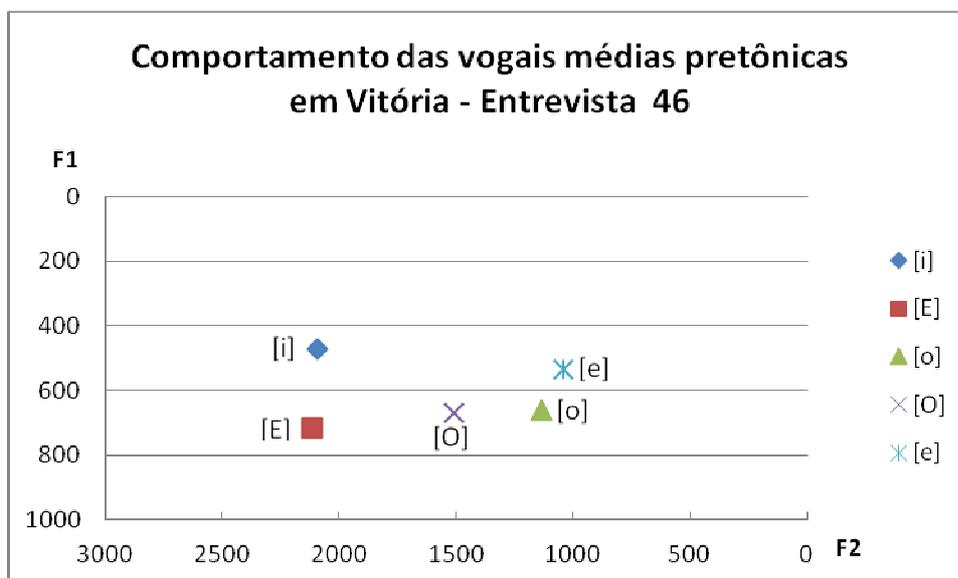
### 7.18 ENTREVISTA 46

A seguir temos a tabela referente à entrevista 46 com as frequências acústicas (F1 e F2), as medidas de banda (B1 e B2), e as palavras analisadas. Em seguida apresentamos o gráfico.

**Tabela 39 – Dados acústicos das vogais pretônicas (entrevista 46)**

Entrevista 46					
Acima de 50 anos, sexo feminino, ensino universitário					
Vogal	F1	B1	F2	B2	Palavra
[e]	533	223	1041	446	n[e]gócio
[i]	471	107	2090	156	s[i]gunda
[E]	716	96	2114	283	m[El]hor
[o]	661	166	1135	152	h[o]rrível
[O]	668	169	1510	141	n[O]venta

**Gráfico 35 - Entrevista 46**



Em relação ao F1, a vogal [i] possui o menor valor da frequência F1, ou seja, é a vogal produzida com a língua mais elevada que as demais. Em seguida em ordem decrescente do F1 temos o [e], [o], [O] e [E], respectivamente.

No que diz respeito ao F2 o [e] está mais posteriorizado que as vogais consideradas de fato posteriores ([o] e [O]). As vogais [E] e [i] possuem a frequência F2 mais elevada, assim concluímos que elas são produzidas com a língua mais anteriorizada no eixo horizontal.

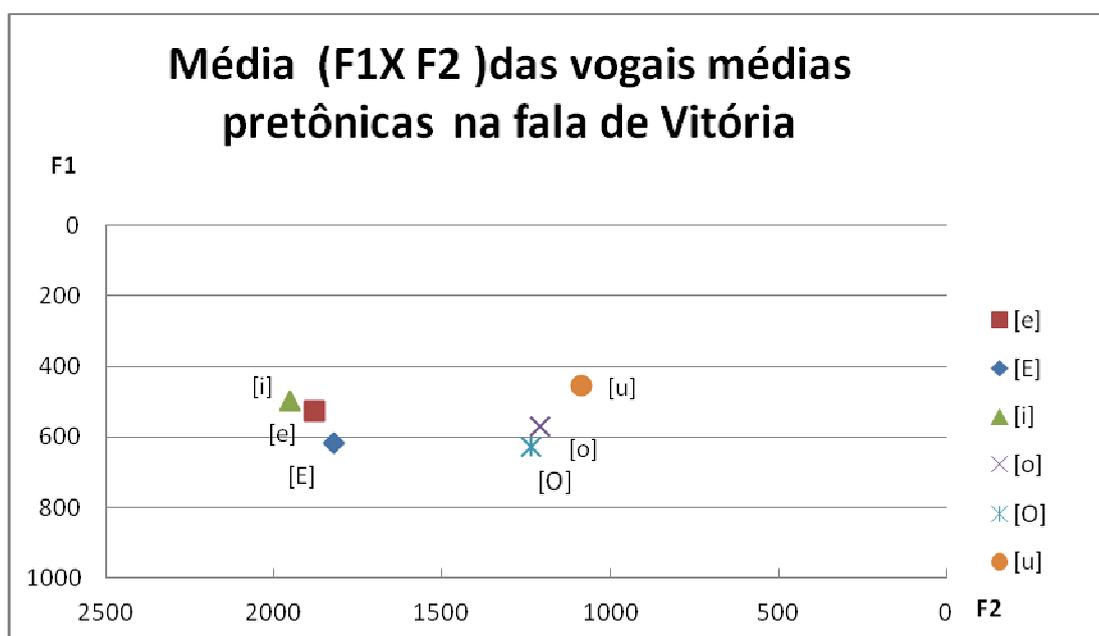
### **7.19 MÉDIA DOS DADOS ACÚSTICOS DO COMPORTAMENTO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS EM VITÓRIA**

A seguir, temos a tabela referente à média de F1 e F2 e das medidas B1 e B2 das vogais médias pretônicas analisadas nas entrevistas. Em seguida apresentamos o gráfico do Excel que demonstra como é o comportamento acústico-articulatório das pretônicas na fala capixaba, ou seja, como a língua se comporta no âmbito horizontal e vertical quando o falante de Vitória pronuncia as vogais médias pretônicas.

**Tabela 40 – Média dos dados acústicos das vogais médias pretônicas (F1, F2, B1 e B2)**

<b>Vogais</b>	<b>Média de F1</b>	<b>Media largura B1</b>	<b>Média de F2</b>	<b>Média largura B2</b>
[e]	527	153	1878	263
[E]	618	142	1820	259
[i]	498	185	1950	320
[o]	570	146	1205	309
[O]	630	160	1232	181
[u]	455	179	1088	321

**Gráfico 36 – Comportamento das médias pretônicas na fala de Vitória (média dos formantes)**



Para análise dos dados acústicos relativos ao comportamento geral das vogais médias pretônicas, fizemos a média dos resultados das frequências F1 e F2. Observando a tabela e o gráfico acima observamos que as vogais médias pretônicas altas possuem a frequência F1 mais baixa, em seguida com a frequência um pouco mais elevada que as altas temos as médias fechadas, e por fim observamos que as vogais médias abertas possuem o valor de F1 mais elevado se comparadas com as demais vogais. Assim, conclui-se que quanto menor o F1 mais alta é a vogal pretônica.

No que diz respeito a F2, observa-se que as vogais médias anteriores [i], [e] e [E] possuem a frequência F2 mais elevada do que as vogais posteriores [u], [o] e [O]. Vale destacar que, em relação às pretônicas mais anteriorizadas ([i], [e] e [E]), quanto mais alta (língua no eixo vertical) a vogal, maior o valor de F2. Já em relação às pretônicas mais posteriorizadas ([u], [o] e [O]), quanto mais alta a vogal, menor o valor de F2. Assim, podemos concluir que quanto mais baixo o valor da frequência F2 mais posteriorizada é a vogal.

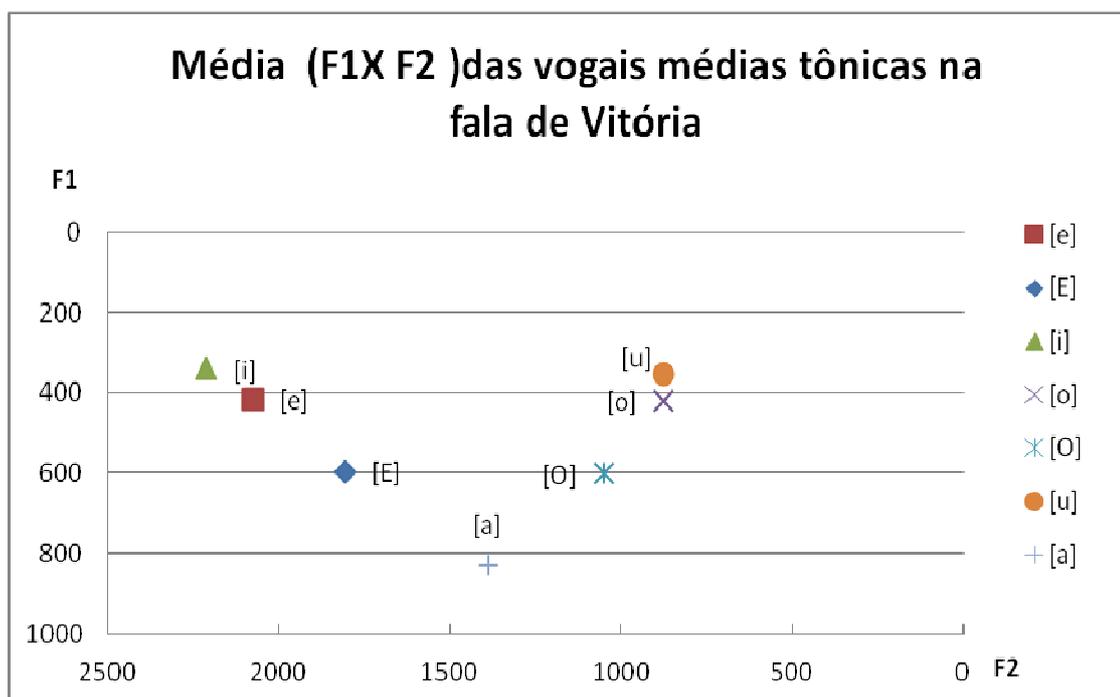
## 7.20 RELAÇÃO DA PRETÔNICA COM A TÔNICA – HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA

Para comparação do comportamento das pretônicas em relação às tônicas utilizamos os dados das frequências das tônicas na dissertação que trata da análise acústico-comparativa das vogais do português brasileiro com vogais do inglês norte-americano (MIRANDA, 2012). Neste estudo a autora trata da descrição das vogais tônicas na fala de Vitória. O corpus utilizado para análise das tônicas conta com informantes de 20 a 40 anos com curso superior completo ou em andamento. Na coleta dos dados foram utilizadas frases curtas que foram gravadas aleatoriamente, repetidas 10 vezes para cada vogal. Miranda (2012) também utilizou o *plug-in Akustyk* do Praat para análise dos formantes. A seguir temos uma tabela com as frequências F1 e F2 das pretônicas e tônicas, respectivamente.

**Tabela 41 - Frequências acústicas das pretônicas e tônicas em Vitória**

<b>Frequências acústicas das pretônicas e tônicas em Vitória</b>				
<b>F1 e F2 – PRETÔNICAS</b>			<b>F1 E F2 – TÔNICAS (MIRANDA, 2012)</b>	
Vogais	Média de F1	Média de F2	Média de F1	Media de F2
[e]	527	1878	417	2076
[E]	618	1820	595	1807
[i]	498	1950	341	2211
[o]	570	1205	421	878
[O]	630	1232	601	1050
[u]	455	1088	354	875
[a]	-	-	831	1388

Gráfico 37 – As vogais tônicas na fala de Vitória



Observando os gráficos 36 e 37 e a tabela comparativa verificamos que as vogais tônicas altas são mais marcadas que as pretônicas, ou seja, possuem a frequência F1 mais baixa. As frequências F1 das médias pretônicas fechadas são bem mais elevadas que as vogais tônicas fechadas, e até mesmo que as altas tônicas. As vogais médias abertas em posição pretônica são produzidas de forma um pouco mais abaixada do que em posição tônica, ou seja, o F1 é mais elevado.

Em relação ao F2 verificamos que as médias pretônicas [o], [u] e [O] são mais posteriorizadas em posição tônica do que na pretônica, ou seja, o valor de F2 é mais baixo. O [e] e [i] estão mais anteriorizados em posição tônica, já o [E] pretônico está em posição anterior ao [E] tônico.

Em relação a harmonização vocálica observa-se que as vogais médias tônicas são produzidas bem mais altas que as pretônicas. Isso de fato pode influenciar a elevação da pretônica. Porém, na análise sociolinguística observamos que o ambiente da tônica alta não era o único favorecedor do alçamento, as tônicas baixas também atuavam na elevação da pretônica, principalmente no que diz respeito à elevação do [o]. Observando os dados aqui apresentados em relação a tônica não é possível verificar se as vogais baixas atuam na elevação das médias pretônicas. Além disso, como não utilizamos o mesmo corpus para análise das pretônicas e das tônicas não podemos chegar a uma conclusão mais precisa. Na

análise sociolinguística verificamos que quando havia uma pretônica alta e uma tônica média aberta as consoantes adjacentes pareciam atuar na elevação da pretônica.

No que diz respeito à análise acústica, no caso do abaixamento, as vogais pretônicas são produzidas um pouco mais abaixadas que as tônicas, porém com altura bem próxima das pretônicas. Assim acreditamos que as pretônicas podem assimilar o traço da tônica baixa [E], [O] e [a]. Essas vogais também foram selecionadas como relevantes na análise sociolinguística. Assim, é possível afirmar mais precisamente que o processo de harmonização vocálica é mais recorrente no abaixamento que no alçamento.

Por fim, como já indicado anteriormente, devido à má qualidade do sinal acústico analisado, necessitamos, numa etapa futura, de um estudo controlado em laboratório para confirmarmos as tendências aqui apresentadas de variação fonética das pretônicas em relação às tônicas.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com este estudo que na variedade capixaba há, como no português brasileiro, três possibilidades de comportamento das médias pretônicas: média-fechada, média-aberta e alta. Em Vitória, temos a média-fechada como a variável mais utilizada, seguida da média-aberta e da alta, respectivamente.

Os fatores que atuaram no alçamento de /e/ foram: tipo de tônica, atonicidade, pretônica seguinte, consoantes adjacentes, estrutura da sílaba, faixa etária e escolaridade. Em relação ao alçamento de /o/, as variáveis mais significativas foram: tipo de tônica, consoantes adjacentes, estrutura da sílaba, nasalidade da pretônica e a escolaridade.

Em relação à /e/, as variáveis mais atuantes no abaixamento foram: tipo de tônica, consoantes adjacentes, pretônica seguinte e a escolaridade. No que diz respeito a pretônica /o/, temos os seguintes fatores significativos para o abaixamento: tipo de tônica, consoantes adjacentes, pretônica seguinte e a estrutura da sílaba.

Vale destacar que, tanto para o alçamento quanto para o abaixamento, a tônica foi a primeira variável selecionada. Assim, analisamos a hipótese de harmonização vocálica e concluimos que, no que diz respeito ao abaixamento de /e/ e de /o/, de fato, a vogal baixa em posição tônica atua fortemente na harmonização vocálica.

Em relação ao alçamento, a tônica alta parece atuar na elevação de /e/ e de /o/, porém o ambiente em que temos a tônica média-aberta também atuou no alçamento da média pretônica, principalmente no que diz respeito a elevação de /o/. Assim, em relação ao alçamento de /o/, acreditamos que, além da relevância da tônica, as consoantes adjacentes são decisivas para o alçamento.

No que diz respeito à divisão dialetal proposta por Nascentes, o Espírito Santo, insere-se no sub-falar fluminense, juntamente com o Rio de Janeiro. Esse sub-falar, segundo esse autor, faz parte do grupo do sul do Brasil, que se caracteriza por não apresentar variantes médias-abertas em posição pretônica. As vogais pretônicas médias-abertas foram encontradas (18,3%) na variedade capixaba, porém essa variedade se caracteriza por uma frequência maior de médias-fechadas. Considerando a divisão de Nascentes, em que o grupo norte apresenta as médias-abertas pretônicas na fala e o sul não, ratificamos a proposta de Fontis (2004) de que Vitória esteja em uma zona de transição entre os falares Norte e Sul.

Por fim, no que diz respeito à análise acústica, observamos que as tônicas altas são produzidas, no âmbito vertical da língua, de forma mais elevada que a pretônica, o que de fato pode influenciar a elevação da pretônica. Porém, na análise sociolinguística observamos que outros ambientes, como as consoantes adjacentes, também podem estar influenciando a elevação.

Ainda em relação à análise acústica, no caso do abaixamento, as vogais pretônicas possuem altura bem próxima das tônicas. Assim, é possível que as pretônicas possam estar assimilando o traço da tônica média aberta e baixa [ɛ], [ɔ] e [a]. Vale destacar que, na análise sociolinguística as vogais médias-abertas e a baixa central em posição tônica atuaram como as mais relevantes no abaixamento. Assim, podemos afirmar que o processo de harmonização vocálica é mais recorrente no abaixamento que no alçamento.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 2, 23-44, 1981.

ALVES, M.M. *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da Teoria da Otimalidade*. Tese de Doutorado Belo Horizonte, UFMG, 2008.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica*. Dissertação de Doutorado, Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. Harmonização vocálica, uma regra variável. *Revista Tempo Brasileiro, Sociolinguística e o ensino do vernáculo*, p.73-96, jul-dez, 1984.

BORBA, F. S. *Fundamentos da gramática gerativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

BORTONI, S; GOMES, C; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português da Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?. *Revista de estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, ano 1, v.1, p.9-29, 1992.

BYBEE, Joan. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language, Variation and Change**, 2002.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, v. 5, n. 18, p. 71-78, 1991.

CAMÂRA.JR, Joaquim Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CLARK,J;YALLOP,C;FLETCHER,J. *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Blackwell, 2007.

FONTIS, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia*. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CORRÊA, Cintia da Costa. *Focalização dialetal em Brasília: em estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico*. Dissertação de mestrado em linguística, Universidade de Brasília, 1998.

GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa – GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. Brasília: UnB, 2008. Dissertação (Mestrado) Instituto de Letras – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Universidade de Brasília, 2008.

KENT, R. D.; READ, C. *The acoustic analysis of speech*. California: Singular Publishing Group, 1992.

LABOV, William. *Principles of Change: Internal Factors*. Oxford, Cambridge, Blackwell, Vol.1, 1994.

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. 5th ed. Boston: Thomson.Wadsworth, 2006.

Mapa do Espírito Santo. Disponível em: [http://www.vaprapesca.com.br/Brasil/Espirito%20Santo/espírito\\_santo.htm](http://www.vaprapesca.com.br/Brasil/Espirito%20Santo/espírito_santo.htm). Último acesso em: abril de 2013.

Mapa de Vitória. Fonte: <http://www.scielo.br/img/revistas/rbg/v27n4/a06fig01.jpg>. Último acesso: janeiro de 2013.

MIRANDA, Irma. *Análise acústico-comparativa de vogais do português brasileiro com as vogais do inglês norte-americano*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. O. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTA, J. A. *Vogais antes do acento em Ribeirópolis-SE*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa - Universidade Federal da Bahia, 1979.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, Simões, 1953.

OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Espírito Santo*. v.8. Vitória, 2008. Disponível em: [http://www.ape.es.gov.br/pdf/Livro\\_Historia\\_ES.pdf](http://www.ape.es.gov.br/pdf/Livro_Historia_ES.pdf): acesso em mar. 2012.

POTTER, R. K., KOPP, G. A. & KOPP, H. G. *Visible speech*. New York: Dover Publications, 1966.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos: introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

SANKOF, D; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **GOLDVARB C** – A multivariate analysis application. Acesso em 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 25a edição. São Paulo: Cultrix, 1997.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C. and BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, A.N. *As pretônicas no falar teresinense*. Tese de doutorado- Programa de Pós Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do RS. Porto Alegre, 2009.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa - Faculdade de Letras, UFRJ, 1989.

SILVA, J.P (org). *Geografia Linguística*. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/pereira/textos/geografia\\_linguistica.pdf](http://www.filologia.org.br/pereira/textos/geografia_linguistica.pdf). Acesso em: jan. 2013.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SOARES, Adriana de Santana. *As pretônicas médias em comunidades rurais do semiárido baiano*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, 2004.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 5 ed., São Paulo: Ática, 1997.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TOMAZ, K.S. *Alternância de vogais médias posteriores em formas nominais do português*. Dissertação – Pós-Graduação em Estudos Linguísticos –UFMG, 2006.

VIEGAS, M.C. O açamento de vogais médias e os itens lexicais. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 101-123, jul.-dez. 1995.

VIEGAS, M.C. *O açamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

VIEIRA, Shirley. *As vogais médias pretônicas no Espírito Santo*. Programa de Pós-Graduação em Linguística. UFSC, 2010.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Elen. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005

YACOVENCO, L. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.

YACOVENCO, Lilian C. et al. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. *Revista Alfa*, N. 56 (3): 771-806, 2012.

YACOVENCO, L.C. *PORTVIX: UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE A FALA DE VITÓRIA*. 2010. Disponível em: <<http://www.linguistica.ufes.br>>. Acesso em: 12/07/2013.

YACOVENCO, L.C. *PORTVIX: UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE A FALA DE VITÓRIA*. Disponível em: <http://www.linguistica.ufes.br/sites/www.linguistica.ufes.br/files/Projeto%20de%20Pesquisa%20%20-%20UFES%20-%20Lilian%20Yacovenco.pdf>. Último acesso em: abril de 2012.